



DISQUE 100

Denúncias sobre intolerância religiosa crescem 244% na PB

Estado registrou o terceiro maior número de casos no Nordeste, em 2025, com 62 relatos de violência. **Página 7**

Foto: Evandro Pereira



Prédios abandonados levam medo para frequentadores do Centro

Edificações sem uso, presentes em vários pontos da área histórica de João Pessoa, favorecem invasões e furtos, tirando a tranquilidade de quem ainda vive e trabalha no local. Polícia Militar alerta sobre os perigos, enquanto o Iphaep garante seguir a legislação vigente em relação aos imóveis tombados.

Página 5

■ “Desânimo não mais comigo, mas com o mundo, que, quanto mais avança em ciência, mais se desumaniza em guerras sofisticadas”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Enquanto o homem chegava à Lua, ainda havia localidades brasileiras com graves problemas do ponto de vista do desenvolvimento humano”.

Claudio Furtado

Página 19

■ “Ignorar o público com o qual você irá se comunicar é um erro. Quanto mais você souber sobre quem irá receber a sua mensagem, melhor será”.

Angélica Lúcio

Página 26

Corredor das Águas quer proteger rios e recuperar áreas degradadas

Projeto será iniciado em março, com foco na segurança hídrica, redução de processos erosivos e combate ao assoreamento.

Página 3

Geração Z sente mais dificuldade em conquistar o próprio patrimônio

Sentimento de atraso em relação aos pais é recorrente em textos nas redes sociais, mas os dados apontam pouca base nas queixas.

Página 18

Flamengo e Corinthians decidem, hoje, a Supercopa Rei do Brasil

Primeiro título nacional da temporada 2026 será disputado a partir das 16h, no Estádio Mané Garrincha, em Brasília.

Página 21

Foto: Montagem/Matheus Reis



Foto: Pedro Martins/CBF

Gestores de cidades paraibanas admitem falhas em políticas ambientais

Segundo o IBGE, 144 prefeituras ignoram o destino das embalagens de agrotóxicos usados em seus territórios.

Página 13

Pesquisa da UFCG avalia os impactos de inseticidas no voo das abelhas

Insetos contribuem para a segurança alimentar e vêm sofrendo redução de sua população em escala global.

Página 20



A União 133 anos

Caderno especial destaca a importância do periódico para a preservação da memória, a partir do trabalho de profissionais que se dedicam ao registro dos fatos do dia a dia.

Páginas 29 a 32



Ilustração: Tônio

Correio dos Artes

Edição traz uma reportagem especial sobre o escritor paraibano Allyrio Meira Wanderley, a partir de depoimentos e do resgate de sua obra centenária.

Editorial

Autoestima

Meu nome diz tudo: chamo-me **A União**. E amanhã soprarei velas novamente: os círios alusivos ao meu 133º aniversário — nasci a 2 de fevereiro de 1893, na então Parahyba do Norte — e, também, aos panos da modernização, que impelem este barco a vencer as intempéries dos oceanos políticos e sociais, para cumprir a missão de levar informação jornalística de qualidade a leitores e leitoras do país, por meio de minhas versões impressa e digital.

Pertenço a todas as eras que se sucederam desde o meu aparecimento até os dias de hoje, tendo em vista que me constituo, também, dessa espécie de diálogo intenso e diário que travo com a sociedade de cada tempo histórico, para mostrar, por meio de textos e imagens, os fatos que representam seus avanços, recuos e contradições. Em vista disso, faço e registro a história, com o ideal de ajudar a construir uma sociedade mais justa.

Tudo o que de mais expressivo acontece na Paraíba, no Brasil e no mundo asinalo com tinta e papel. Chego bem cedo à casa de cada assinante, inclusive pela tela de aparelhos celulares e computadores, para que as pessoas que me leem não apenas saibam o que de relevante aconteceu ou está acontecendo, mas façam também um juízo crítico dos fatos. Para isso, ofereço variados gêneros textuais, para expandir minha função social.

Guio-me por valores como justiça e liberdade, por entender que um mundo ainda marcado por desigualdades sociais e, neste momento, também por um nível acentuado de polarização ideológica e degradação ambiental, carece de informação de qualidade, sem subterfúgios ou alinhamento a interesses políticos ou econômicos mesquinhos. Se não podemos prescindir da Terra, nosso planeta-mãe também depende agora de todos nós.

De terça-feira a domingo, ofereço ótimas reportagens, entrevistas, crônicas e artigos para quem gosta, por exemplo, de política, economia, esportes, cultura, meio ambiente, ciência e tecnologia. E faço-me acompanhar, a cada fim de mês, da revista literária “Correio das Artes”, como também de um caderno especial, o “Pensar”, cujas matérias nos ajudam a refletir de maneira crítica sobre temas rigorosamente contemporâneos.

Levem-me para casa, para o trabalho ou para qualquer outro lugar onde seja possível ler minhas páginas com a atenção que mereço. Você, fazendo uma assinatura de mim, faz-me perpétuo e, em retribuição, comprometo-me a apresentar-me, gráfica e editorialmente falando, sempre bem composto. Dispersos, eu não sobrevivo e, com certeza, o horizonte que vos espera também estará embotado dos desacertos da ignorância.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Justiça histórica não se negocia

A população negra no Brasil não enfrenta desigualdades por acaso. Trata-se de um processo histórico longo, estruturado e sistematicamente reproduzido, que a mantém, até hoje, entre os grupos sociais mais vulnerabilizados. O Estado brasileiro, por sua vez, demorou quase um século após a abolição da escravidão para reconhecer, ainda que timidamente, sua responsabilidade nesse cenário. Somente em 1968, surgiu a primeira iniciativa institucional de ação afirmativa, quando técnicos do Ministério do Trabalho e do Tribunal Superior do Trabalho propuseram a elaboração de uma lei que determinasse a presença mínima de trabalhadores negros em empresas privadas — proposta que jamais saiu do papel.

Quinze anos depois, Abdias do Nascimento apresentou um projeto de lei avançado para a época, prevendo bolsas de estudo, reservas de vagas e incentivos à contratação de negros. Foi preciso aguardar décadas para que tais direitos fossem parcialmente reconhecidos com a Lei nº 12.711/2012, que instituiu o sistema de cotas no Ensino Superior federal, contemplando negros, indígenas e, posteriormente, quilombolas.

A implementação das cotas expôs uma verdade incômoda: a igualdade formal sempre foi insuficiente em uma sociedade construída sobre a exclusão racial. Ainda assim, o debate público segue capturado por discursos que fingem neutralidade para defender privilégios históricos. A resistência às cotas não nasce de preocupações com mérito ou justiça, mas da recusa de parcelas da sociedade branca em aceitar a democratização real do acesso ao conhecimento, ao poder simbólico e às oportunidades sociais.

É nesse contexto que se insere o episódio de Santa Catarina. A aprovação, pela Assembleia Legislativa, de uma lei que proíbe cotas raciais e outras ações afirmativas em instituições públicas de Ensino Superior revela mais do que uma divergência jurídica: explicita um projeto político de exclusão. O governador do estado, ao defender a constitucionalidade da norma perante o Supremo Tribunal Federal, recorreu a um argumento racial travestido de neutralidade técnica — a suposta “homogeneidade branca” da população catarinense — como se a maior presen-

ça de brancos fosse justificativa para negar políticas de inclusão racial. Trata-se de uma inversão perversa da lógica constitucional.

O Tribunal de Justiça de Santa Catarina, ao suspender os efeitos da lei por meio de Ação Direta de Inconstitucionalidade, recolocou o debate nos seus termos corretos, reconhecendo a violação frontal aos princípios da igualdade material, da dignidade da pessoa humana, do combate ao racismo, do direito fundamental à educação e da autonomia universitária. O que estava em jogo não era uma escolha administrativa, mas o próprio compromisso do Estado com a democracia.

As cotas raciais não são concessões, favores ou privilégios. São instrumentos de justiça histórica, reparação tardia pelos séculos de escravidão, enfrentamento direto ao racismo estrutural e mecanismos concretos de ascensão social para negros e indígenas. Combatê-las é optar, conscientemente, pela perpetuação da desigualdade. A extrema direita, mais uma vez, perde no campo jurídico, moral e histórico. Não há democracia possível onde a exclusão social é naturalizada. Não há justiça onde o privilégio insiste em se disfarçar de mérito.

“

A igualdade formal sempre foi insuficiente em uma sociedade construída sobre a exclusão racial

Opinião

Foto Legenda



Vida de jornalista

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Praças do pensamento ou da esperança

O ano de 1957 nunca deixou de ser um corrente ano na minha lembrança, imune ao apagão dos demais. Há anos assim, uns marcados por cicatrizes, outros como um segundo aniversário.

Esse de 57 me vem à memória como o ano em que pude acertar o passo, assumir uma profissão que foi e tem sido um alicerce material e cultural, um começo e um fim de vida. Os seis que eu havia passado em Campina, da adolescência às vésperas da maturidade, foram de vocação apagada, entre a vadiagem e a biblioteca pública, por sorte minha a dois passos da sinuca, dos cafés, do parlatório central da cidade. Para o comércio, ramo no qual um primo prosperava e se impunha para a maioria dos meus companheiros do ginásio — os Mota, os Villarim, os Agra e os Rached — como opção de reserva, nele eu me sentia sem jeito. Nunca soube vender nem comprar. Nunca regateei. Dele, quase a vida toda até estes últimos vinte anos, sempre fui devedor, liberto, afinal, depois que passei à gerência ainda que generosa dos filhos.

Foi naquele 1957, intimado por José Barbosa de Souza Lima, antigo colega de Casa do Estudante e de banca de revisão, levado com mérito à direção do jornal, que forcei a natureza e retornei ao batente. Fora permitido de O Norte por reagir, no ato, a um esbregue do dr. Calmon, superintendente-geral dos Associados. E vem Barbosa, vendendo-me vender revista na calçada do cinema, e me reencaminha ao jornal. Assumi-me e, três anos depois, descobri que havia Natal, luzes e sinos gerais, levantando o brinde de homem novo ao ser escolhido, por aclamação da redação (leia-se Dorgival, Barbosa, Malaquias Batista, José Ramos, Wellington Aguiar), novo subsecretário do jornal, a promoção mais importante de toda a minha vida. Depois vem Octacílio de Queiroz e me faz secretário, o executivo de toda a redação.

E por que esse episódio tão particular vem à tona num jornal de escritores e do trato em grande estilo dos interesses locais e mundiais mais relevantes? Simplesmente por causa de uma ampla fotografia de pri-

“

Os seis [anos] que eu havia passado em Campina, da adolescência às vésperas da maturidade, foram de vocação apagada

meira página com um moço que conheci nos seus primeiros passos com a administração planejada, hoje governador reeleito, com a multidão em redor do mesmo prédio que ele restaura, renova, o mesmo escolhido para a posse histórica de um outro João, o de Castro Pinto, no trono estadual improvisado em 1913. O palácio dos Jesuítas, que olhava do alto da colina com ânsias de ir e de ver além do rio, devia estar em mais uma reforma. E o João de hoje a trazer de volta um dos momentos culturais e políticos marcantes como exemplo da Paraíba à democracia do país.

E eu, onde estava? Sem emprego, arrimo de família, estava numa banca de revista ao lado do Cine Brasil, sem perder a fé e a esperança bafejadas pela floresta de oitizeiros a abrejeirar um palácio de semblante amigo a quem primeiro me entreguei quando desembarquei na praça com maleta, rede e um caderno de sonetos de pé quebrado. É para lá que sempre tenho recorrido, desde que aqui cheguei, naquelas horas de desproteção e nas de desânimo de hoje. Desânimo não mais comigo, mas com o mundo, que, quanto mais avança em ciência, mais se desumaniza em guerras sofisticadas e mais cruéis, e mais afunda em desigualdade social.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: Anual R\$404,25 / Semestral R\$202,12 / Número Atrasado R\$4,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

CORREDOR DAS ÁGUAS

Projeto será iniciado no mês de março na Paraíba

Ações vão recuperar as áreas degradadas e proteger as bacias hidrográficas do estado

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Objetivando a conservação da água, recuperação de áreas degradadas e proteção dos ecossistemas associados às bacias hidrográficas da Paraíba, o projeto Corredor das Águas terá 2026 como seu primeiro ano de execução, incluindo ações e trabalhos de campo. Com início estimado para o mês de março, os primeiros locais atendidos serão as regiões dos rios Abiaí, Gramame, Mamanguape e Camaratuba.

O projeto tem como tarefa a recuperação de áreas protegidas e matas ciliares ao longo de rios e afluentes de diversas bacias hidrográficas da Paraíba. “Regeneração ecológica, melhoria da qualidade ambiental e garantia da disponibilidade hídrica são os resultados buscados pelas ações”, explica o diretor-presidente da Agência Executiva de Gestão das Águas (Aesa), Porfírio Catão.

Criado para atender a demandas relacionadas à proteção, recuperação e melhoria da quantidade e qualidade dos recursos hídricos, o projeto tem como focos a segurança hídrica, a redução de processos erosivos, o combate ao assoreamento e a conservação das Áreas de Preservação Permanente ao longo dos cursos d’água. “É de grande importância promover a recuperação e a proteção dos recursos hídricos de forma integrada ao meio ambiente e às comunidades locais”, avaliou Porfírio Catão.

Titular da Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas), Rafaela Camaraense explica que a execução do projeto, por parte da secretaria, concentra-se na restauração ambiental de áreas associadas a rios e nascentes, recuperação de vegetação nativa e adequação ambiental de propriedades rurais. “O projeto articula Poder Público,



Foto: Carlos Rodrigo

Ações farão a recuperação de áreas protegidas e matas ciliares ao longo de rios e afluentes

universidades, municípios e comunidades locais para implementar soluções baseadas na natureza voltadas à adaptação climática e à proteção dos recursos hídricos”, detalha Rafaela.

De acordo com o diretor da Aesa, o início das ações depende da conclusão dos trâmites administrativos necessários ao repasse dos recursos. “Já foi autorizada a descentralização de crédito orçamentário, com repasse de R\$ 1.020.417,61 para a Semas, contudo, ainda é necessário aguardar a liberação do orçamento estadual para que a secretaria possa proceder com o empenho dos recursos e, assim, dar início à execução das ações do projeto”, afirmou o diretor-presidente da Aesa.

Além da recuperação e recomposição de matas ciliares, são contempladas a readequação e renaturalização de calhas de cursos d’água, análises de solo, implantação de planos de recuperação de áreas degradadas, capacitações com comunidades locais e assistência técnica e extensão rural. “Integrando conservação ambiental e desenvolvimento sustentável, a execução ocorre no âmbito de um Termo de Execução Descentralizada, no qual estão

definidos os papéis e as responsabilidades de cada instituição envolvida, inclusive no que se refere aos repasses financeiros”, relatou Catão.

As ações iniciais envolvem a mobilização social dos beneficiários, articulação interinstitucional, realização de diagnósticos físico-territoriais e ambientais, além do planejamento técnico das intervenções.

A Aesa atua na avaliação e no controle da execução do projeto Corredor das Águas. Cabe à agência acompanhar e avaliar as ações desenvolvidas pela Semas-PB, por meio da realização de visitas técnicas de acompanhamento, garantindo que as atividades estejam alinhadas aos objetivos do projeto e às diretrizes da Política Estadual de Recursos Hídricos.

Adicionalmente, a Aesa contribui para a avaliação dos resultados, incluindo a análise dos relatórios técnicos e financeiros e a apresentação das ações nos Comitês de Bacias e no Conselho Estadual de Recursos Hídricos.

O funcionamento do projeto, por sua vez, se dará por meio de ações integradas entre a Semas, órgãos ambientais estaduais, universidades, Comitês de Bacias e municípios, com intervenções dire-

tas em áreas prioritárias das bacias hidrográficas.

Impacto

A readequação das calhas dos cursos d’água, também prevista pelo projeto, aumenta a estabilidade ambiental e reduz impactos que comprometem os mananciais.

Outro ponto central é a formação de corredores ecológicos funcionais, que conectam fragmentos de vegetação nativa, fortalecem a biodiversidade, contribuem para a segurança hídrica e estimulam a sustentabilidade econômica das comunidades envolvidas. “Em conjunto, essas ações tornam o projeto estratégico para a conservação ambiental, a gestão sustentável da água e o desenvolvimento equilibrado das regiões atendidas”, conclui Porfírio.

Em 2025, a Semas lançou um edital de credenciamento de organizações da sociedade civil (OSCs) para viabilizar a implementação do projeto, ampliando a participação social e a execução das ações no território do estado. “A perspectiva é que o Programa Paraíba Mais Verde se consolide como uma política pública contínua, garantindo permanência e expansão das iniciativas ambientais no estado”, ressalta Rafaela Camaraense.

Fortalecimento da segurança hídrica no estado

O Corredor das Águas está vinculado ao Programa Paraíba Mais Verde e ao Plano Estadual de Recuperação da Vegetação Nativa e de Áreas Degradadas (PERVNAD-PB). “É um projeto estratégico para a Paraíba, porque fortalece a segurança hídrica, protege nascentes e rios e contribui para a adaptação às mudan-

ças climáticas”, avalia Rafaela Camaraense, que evidencia a integração entre conservação ambiental, desenvolvimento socioeconômico e estímulo às práticas sustentáveis nos territórios atendidos.

A iniciativa também prevê a execução do projeto Viveiros Parahyba do Futuro, com implantação de viveiros

de plantas nativas e exóticas, recuperando áreas da Caatinga e Mata Atlântica, e, a partir da arborização urbana, melhorando habitabilidade, conforto térmico e neutralização do carbono. Além deste, mais três projetos compõem o programa.

O Cidade + Verde tem o objetivo de promover a arbo-

rização urbana como instrumento de qualidade de vida e cidadania; já o Lixão Legal visa à destinação correta do lixo, transformando áreas degradadas em espaços verdes e produtivos; por fim, o Regulariza-PB busca implementar políticas públicas ambientais e regularização ambiental de imóveis rurais.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

Quando os amigos se vão

Há uma certa luz no fim da tarde, âmbar e densa, que tem o poder singular de trazer de volta vozes. Não são aparições, nada dramático. É um riso que ecoa no silêncio do apartamento, um comentário certo que se encaixaria perfeitamente na conversa banal do dia, o jeito de alguém acender um cigarro imaginário na varanda. São os amigos que se foram. E a primeira camada do luto é justamente essa: a incredulidade diante do silêncio onde antes havia uma voz.

A perda de um amigo querido não é um rompimento, é um deslocamento geográfico radical, para um lugar onde não há telefone, nem passagem, nem mapa. Ficamos aqui, com a mala de memórias abarrotada, sem saber para onde enviar as novas histórias. A saudade, então, chega como uma encomenda não entregue, um peso suave e constante no peito. Choramos a falta, a presença física, a possibilidade do novo que morreu com eles.

Mas, com o tempo, aquele oleiro paciente e um pouco cruel, o luto vai se transmutando. Percebemos que o amor e a amizade verdadeira não são feitos apenas de carne e osso e encontros marcados. São feitos de matéria mais resistente, tecida no tear invisível das almas. E aqui entra a esperança, não como um clichê otimista, mas como uma constatação quieta: aquilo que foi construído com verdade não desaparece. Fica.

Os amigos que partem continuam, sim, sua jornada. Mas deixaram para trás uma parte essencial deles:

a semente que plantaram em nosso caráter, o humor que infundiram em nossa visão de mundo, a coragem que nos emprestaram nos momentos frágeis. Eles nos transformaram. E, ao nos transformar, tornaram-se parte permanente da nossa arquitetura interior. Seguimos pela vida um pouco carregados deles, como quem carrega no bolso uma pedra preciosa e lisa, de tanto ser tocada.

É então que a metáfora da “poeira de estrelas” deixa de ser apenas poética e ganha um brilho quase literal. A ciência nos diz que somos, literalmente, feitos de poeira estelar. Os

átomos que nos compõem foram forjados no coração de estrelas que explodiram há bilhões de anos. O cálcio dos nossos ossos o ferro do nosso sangue vieram dessas fornalhas cósmicas. Quando um amigo se vai, o que acontece com a energia única que era ele, com sua essência?

Acredito que ela se reintegra ao grande todo, de uma forma que nossa mente limitada não pode conceber, mas que nosso coração intui. A alegria que ele tinha, a sua inteligência peculiar, o seu amor pela vida, isso não se apaga. Volta para o Cosmos como poeira de estrelas. E dessa poeira somos feitos nós, e é nela que estamos imersos. Respirando, andando pela cidade, olhando para o céu noturno, estamos em constante contato com a matéria-prima de que eram feitos.

Portanto, a saudade pode ser o reconhecimento amoroso dessa ausência física. Mas a celebração da vida está em perceber que eles não estão apenas na memória. Estão no cheiro da chuva no asfalto quente, que ele amava. Estão na piada que você conta e que, de repente, sai com o sotaque dele. Estão no seu gesto de gentileza com um estranho, aprendido com a generosidade dela. Eles se misturaram à poeira de estrelas que nos cerca e que nos compõe.

Os amigos que se vão não deixam um vazio. Deixam um legado ativo. Continuam sua jornada de uma forma mais ampla, libertos do corpo, espalhados no vento, na luz, no átomo. E nós, os que ficamos, seguimos nossa caminhada um pouco mais sábios, um pouco mais tristes, mas infinitamente mais ricos. Carregamos conosco constelações inteiras feitas do brilho que eles foram. E, às vezes, naquela luz âmbar do fim da tarde, temos a nítida e doce sensação de que não estamos sós. Estamos cercados, acolhidos, feitos da mesma poeira luminosa. A jornada deles continua. E a nossa também, iluminada por essa luz que jamais se apagou.

Para Beto Holiday e Olga Costa que tanto me ensinaram.

Columnista colaborador

Saiba Mais

Cronograma

O projeto Corredor das Águas deverá ser realizado durante os próximos quatro anos, sendo contemplados os seguintes rios:

- Ano 1: Rio Abiaí, Rio Gramame, Rio Mamanguape e Rio Camaratuba;
- Ano 2: Rio Camaratuba, Rio Guaju, Rio Gramame e Rio Mamuaba;
- Ano 3: Rio Piancó e Rio Paraíba;
- Ano 4: Rio Curimataú e Rio Jacu.

Ações

- Recuperação de matas ciliares e áreas de nascente;
- Restauração das calhas naturais dos rios para maior estabilidade hídrica e ambiental;
- Formação de corredores ecológicos que conectam fragmentos de vegetação;
- Apoio à regularização ambiental de propriedades e posses rurais;
- Mobilização e participação de comunidades, municípios e instituições parceiras.

Jamerson de Carvalho

Presidente da Seccional Paraíba da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia

“Há cerca de 100 tipos de demência e 70% se enquadram como Alzheimer”



Foto: Carlos Rodrigo

Em entrevista ao jornal *A União*, médico geriatra destaca os números da doença no país, diagnóstico e tratamento

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com

Fevereiro é dedicado à conscientização sobre doenças crônicas incuráveis, mas que podem ser tratadas e acompanhadas ao longo da vida. Entre elas, o Alzheimer destaca-se como a principal causa de demência e uma condição que impacta não apenas os pacientes, mas também suas famílias e cuidadores. No Brasil, cerca de 1,8 milhão de pessoas acima dos 60 anos convivem com algum tipo de demência, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS). Desse total, estima-se que 1,2 milhão tenham diagnóstico de Alzheimer. As projeções indicam que esse número pode chegar a 5,7 milhões até 2050; entretanto, estudos também apontam que a adoção de hábitos saudáveis pode contribuir para a prevenção ou para o retardo da doença. A fim de contribuir com o debate proposto pelo Fevereiro Roxo e outras campanhas de saúde, o jornal *A União* traz o médico geriatra Jamerson de Carvalho, da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, para conversar sobre o tema.

Entrevista

■ Como identificar o Alzheimer? A doença sempre se manifesta da mesma forma?

A doença de Alzheimer é o tipo mais comum de demência, que, por sua vez, é o nome dado a um conjunto de alterações cognitivas, um termo genérico para doenças degenerativas que, progressivamente, afetam a memória, o raciocínio, a autonomia e o comportamento dos pacientes. Há cerca de 100 tipos de demência catalogados, e 70% dos casos se enquadram como Alzheimer. A manifestação da doença pode começar de várias formas, como distúrbios de linguagem, o fenômeno da ponta da língua — saber o que uma coisa é, mas não conseguir nomear —, ou alterações visuoespaciais. Mas, habitualmente, o início é marcado pela alteração mais estigmatizada, que é a perda de memória para fatos recentes. Daí, derivam outros sintomas que ajudam a identificar a doença. Muitas vezes, junto ao comprometimento cognitivo da memória recente e da linguagem, surgem alterações no comportamento: alguém recatado passa a ser expansivo, outras pessoas demonstram uma tristeza que não passa, agressividade, agitação, perambulação no fim da tarde. Por fim, essas alterações acabam afetando a funcionalidade e a autonomia do paciente, o conceito de independência e a capacidade individual de tomar decisões. O diagnóstico em si é feito por um geriatra ou neurologista, somando avaliação neuropsicológica e exames complementares.

■ O quão comum é esse diagnóstico? Idosos sempre compõem o grupo mais afetado, ou há alguma variação da doença que acomete jovens com mais frequência?

É um diagnóstico relativamente comum, sim. No Brasil, cerca de 8,5% dos idosos têm um diagnóstico de demência. E, como foi dito, dentre as demências, a mais comum é o Alzheimer. Em João Pessoa, nós temos o Ambulatório da Memória do Hospital Universitário Lauro Wanderley e, lá, já atendemos mais de três mil pacientes desde 2017, sem levar em conta o período pandêmico. Aqui no consultório, estimo que mais de 70% dos meus pacientes foram diagnos-

ticados com demência. Geralmente, o Alzheimer é prevalente em mulheres, na faixa dos 50 ou 60 anos. Existem subtipos da doença que, sim, pode afetar os jovens, como a forma frontotemporal. Mas são casos raros e muito específicos.

■ O fator genético pode aumentar o risco de Alzheimer. Então, uma vez que existe histórico familiar, quais os cuidados recomendados para as próximas gerações?

Embora ter um parente de primeiro grau com doença de Alzheimer seja um fator de risco, há uma pergunta que sempre faço para os filhos que trazem seus genitores e têm esse receio: sua avó teve a doença? A resposta, geralmente, é “não”, porque a transmissão através de um gene só é responsável por cerca de 2% dos casos. Porém, nessas famílias, a apresentação da doença é diferente: evolui mais rápido e começa mais cedo. Em relação ao que pode ser feito para prevenir, tudo está relacionado a um estilo de vida saudável. Dieta e sono adequados, reduzir a carga de estresse, evitar enlatados e embutidos, ter uma vida social ativa e, principalmente, manter estímulos cognitivos. O isolamento é um fator de risco, então manter relações sociais é protetivo. Pode ser um clube, a comunidade da igreja, uma turma de exercícios, tudo isso é importante porque ajuda a romper com o isolamento.

■ Como essas atividades e hábitos agem para reduzir o risco da doença?

Quando ficam idosas, as pessoas tendem a se isolar e entrar em uma espécie de sedentarismo intelectual. É recomendado que essa pessoa engaje em atividades novas, especialmente naquelas que são desafiadoras. Eu, por exemplo, já estou fazendo o que chamo de “poupança para o Alzheimer”: estou aprendendo a tocar um instrumento. Ler, para quem não tem o hábito, é um exercício de memória, porque é preciso organizar os eventos em ordem cronológica, acompanhar a narrativa e lembrar das ações dos personagens para fazer as conexões necessárias e compreender a história. Existe o mito da palavra-cruzada, mas não é bem a atividade em si que ajuda a prevenir a doença. O ponto está, justamente,

no desafio intelectual. É sobre manter o cérebro ativo dentro de uma área de interesse, mas fora da zona de conforto. Quando o diagnóstico vem, ter uma rotina ativa também é essencial, e existem dois profissionais que podem ajudar os idosos com isso: o terapeuta ocupacional e o psicólogo que faz reabilitação cognitiva, com exercícios específicos para cada pessoa, focando nas atividades que trabalham nas áreas de maior dificuldade do paciente.

■ O senhor mencionou alterações comportamentais. O que a família pode fazer para ajudar o paciente em casos de agitação?

Existem medicações e atitudes específicas que podem ser tomadas. Por exemplo: remover fatores estressantes e evitar a quebra da rotina. Existe uma série de fatores que podem agitar um paciente com Alzheimer: mudanças frequentes, não ter horários definidos para dormir ou acordar, quando um bicho de estimação de que ele gosta se afasta. Normalmente, esses pacientes gostam muito de toque. É muito comum ver pacientes, principalmente mulheres, aderirem a uma boneca, justamente porque isso permite o contato frequente. Mas o controle desses episódios costuma ser feito com medicamentos. Durante um episódio de agitação, o ideal é conduzir o paciente até um lugar tranquilo, tocá-lo com palavras e gestos. O médico que acompanha esse paciente, comumente, prescreve o uso pontual de uma medicação, que chamamos de “Medicação SOS”, para ajudar a controlar crises agudas. Geralmente, são calmantes que não tratam a doença em si, mas auxiliam em caso de agitação, agressividade, delírios ou alucinações. Se não há uma causa evidente para a crise, um fator estressor, é possível que exista um incômodo, como uma vontade ou uma dor, que a pessoa não consegue comunicar, então acaba expressando dessa outra forma.

■ Uma vez que se recebe o diagnóstico de Alzheimer, como paciente e família podem se organizar para proceder com os cuidados e outras preparações necessárias?

Ajuda muito quando há uma relação de confiança e comunicação aberta entre médico, família e paciente. Temos que caminhar com cuidado, explicar o que pode ser esperado de cada fase da doença, porque é um diagnóstico que assusta. Atualmente, entendemos que a doença de Alzheimer se desenvolve em três fases diferentes, e cada uma apresenta desafios. A última é a fase mais dependente, em que o paciente, às vezes, está acamado. Mas essa fase tende a ser mais fácil que a anterior, que apresenta diversos sintomas comportamentais e muito uso de medicação. A maioria do cuidado, hoje, ainda é familiar. Informal, por questões financeiras. Mas, cada vez mais, o cuidado formal, por técnicos formados, tem se destacado. Também existem instituições de longa permanência para

idosos, e é importante retirar o estigma desses espaços. Alguns pacientes apresentam sintomas tão graves que a convivência e o cuidado, com uma pessoa que não tem o devido preparo, se torna impossível. Às vezes, a manutenção da rotina, a convivência, os cuidados específicos, tudo isso acaba sendo melhor oferecido dentro de uma instituição do que em casa.

■ O que poderia ajudar a desestigmatizar essas instituições de longa permanência?

Se for preciso institucionalizar o cuidado, o que pode ajudar é conversar com a família de pacientes que já estão internados, perguntar quais são os pontos positivos e negativos nas instituições, visitar o local para ver como é a higiene, a cozinha, o dia a dia, as atividades propostas e entender o nível de suporte que a pessoa vai receber lá dentro. Se possível, ajuda optar por um lugar onde o comportamento do paciente, antes do adoecimento, continuará sendo respeitado. Por exemplo: se a pessoa gostava de ficar sozinha, dificilmente, mesmo doente, vai se sentir bem em uma enfermaria com outros seis pacientes. Então o ideal seria tentar, ao máximo, mantê-la em um ambiente que esteja de acordo com o que ela escolheria para si mesma.

■ O senhor pode apontar um desafio de conviver com o diagnóstico?

Eu conto a história de um paciente que era do Exército e, durante o Carnaval, amarrou um lençol no outro lençol e desceu do segundo andar de um prédio. Depois disso, a família optou por colocá-lo em uma instituição. No começo, quando ele chegou lá, não gostou muito do ambiente, mas sugeriu tentar criar uma situação, o que chamamos de “mentira piedosa”, para que ele pudesse se integrar. Então fomos até ele e dissemos: “A partir de agora, sua função é ficar de olho no portão, analisando as pessoas que entram. Caso o senhor identifique alguém suspeito, não é para agir na hora. Tem que reportar diretamente a sua chefia”, e a chefia era alguém da direção que estivesse constantemente disponível para conversar. A partir daí, foi mais fácil para ele. Outro caso é o de um paciente que se agitava muito no fim da tarde. Nós descobrimos que ele tinha uma padaria, e o horário em que ele ficava agitado era o horário em que costumava fazer o apurado no Livro Diário. Pedi que a família comesse a dar notas fiscais a ele, de qualquer transação que tivessem feito no dia, e dissessem a ele para fazer o apurado. Ele fazia e continuava calmo. Não é fácil, mas é um trabalho de atenção, de conhecer a pessoa e de ter paciência com ela.

■ Os cuidadores costumam ter um perfil?

Geralmente, quem cuida do paciente é o cônjuge. E, quando isso não é possível, quem assume a responsabilidade tende a ser uma filha. Traçando um perfil, comumente, essa filha é uma mulher solteira. É como se os demais pensassem que ela tem a

obrigação de cuidar, já que não tem uma outra família, mas não é assim que deveria ser. O primeiro passo deveria ser juntar a família e dividir tarefas, porque é como dizem: se tem alguém sobrecarregado, tem alguém deixando de fazer alguma coisa. O que eu vejo é que, muitas vezes, uma pessoa acaba se dedicando exclusivamente aos cuidados do familiar com Alzheimer — sai do trabalho, não encontra um parceiro, deixa tudo para se dedicar àquela outra pessoa por 10 ou 12 anos. A atuação familiar conjunta atenua isso. Dizemos que o Alzheimer é uma doença da família porque, de alguma forma, afeta tanto o paciente quanto aqueles que convivem com ele.

■ Como funcionam as terapias auxiliares e o cuidado multidisciplinar?

Há a geriatria e a gerontologia. Enquanto a geriatria é a especialidade médica focada na saúde da pessoa idosa, a gerontologia envolve todos os profissionais não médicos que atuam cuidando desse grupo. O terapeuta ocupacional, o neuropsicólogo e o profissional de educação física ajudam muito, construindo uma rotina e, ao mesmo tempo, inserindo novos elementos no dia a dia, para que ele não se torne monótono, tenha estímulos para o cérebro e, também, músculo e equilíbrio. O acompanhamento nutricional também é muito importante. Às vezes o paciente esquece de comer ou repete a refeição porque esquece que comeu. Fonoaudiologia, musicoterapia, arteterapia... Existe um grupo enorme de profissionais e terapias que podem trabalhar para melhorar a qualidade de vida do paciente com Alzheimer. Um fato curioso é que a Academia Americana de Neurologia estima que, para tratar corretamente um paciente com a doença de Alzheimer, idealmente, seria preciso 3 mil dólares por mês, para oferecer todos os estímulos, todas as terapias, que são muito mais não farmacológicas do que farmacológicas.

■ Há alguma novidade, em termos de tratamento?

Como se sabe, ainda não existe uma cura para o Alzheimer. Mas, em termos de tratamento, há uma novidade quantíssima: a Anvisa liberou, recentemente, uma droga que se chama “Lecanemabe”, um anticorpo sintetizado em laboratório que atua na proteína que destrói os neurônios no estágio inicial da doença de Alzheimer. A ideia é oferecer mais tempo de autonomia aos pacientes, mas, pensando em porcentagem, os ganhos adquiridos com o uso desse medicamento são modestos, comparado aos custos e efeitos colaterais. A aplicação é feita de 15 em 15 dias, e o custo é de aproximadamente 25 mil dólares. Ou seja: ainda está muito fora de cogitação. Não existe perspectiva de chegada de nenhuma droga nova, eficaz e segura no mercado em um futuro próximo. Mas essa droga, assim como algumas outras, estão sendo estudadas, e pesquisas continuam sendo desenvolvidas.

IMÓVEIS ABANDONADOS

Prédios vazios transformam o Centro

Falta de uso e de fiscalização favorece invasões, furtos e medo entre quem ainda vive e trabalha na região de JP

Barbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Imóveis abandonados re-
presentam problemas de se-
gurança, higiene e saúde,
além de contribuírem para
a desvalorização do entor-
no. Casas fechadas, terrenos
baldios e prédios inacaba-
dos podem ser encontrados
em praticamente todas as
áreas de João Pessoa. O Cen-
tro da cidade, no entanto, é
o mais afetado, já que mui-
tos estabelecimentos comer-
ciais encerraram as ativida-
des nos últimos anos e há
pouco interesse em morar
na região.

Gerente de uma loja de
materiais de construção na
Rua Maciel Pinheiro, no
Centro da capital, Fabiano
Monteiro reconhece que o
esvaziamento não é uma
realidade exclusiva de João
Pessoa. “Esse movimento
aconteceu em todo o Brasil,
principalmente nos centros.
No Recife também é a mes-
ma coisa. Acho que foi um
processo natural. Depois da
pandemia, muitas lojas mi-
graram para *shoppings* e cen-
tros comerciais, sem contar
as empresas que fecharam”,
comentou, ao falar sobre o
abandono de imóveis com-
erciais.

O comerciante afirmou
que a área onde a loja em
que trabalha está localizada
ainda não enfrenta uma si-
tuação tão crítica, embora o
abandono seja evidente nas
ruas do entorno. “A Rua Ma-
ciel Pinheiro ainda está, va-
mos dizer assim, 99% ocu-
pada. Só tem um prédio na
esquina aqui e outro na es-
quina de lá que estão vazios.
Então, essa rua está tranqui-
la. Mas a Gama e Melo e a
Cardoso Vieira têm apenas
cerca de 5% dos imóveis ocu-
pados; o resto é tudo aban-
donado. Aí, o pessoal vai in-
vadindo, acumula lixo; não
fazem a limpeza, não cui-
dam e, daqui a pouco, cai tel-
hado, cai tudo. Começam a
roubar portas, tirar madei-
ra e telhado. Os proprietá-
rios não tomam conta, não



Projetos de lei voltados para o problema foram
apresentados; um deles cobra da prefeitura a criação de
uma política de combate aos imóveis abandonados

tomam nenhuma posição
para alugar ou vender mais
barato”, relatou.

O vendedor Erly de Oli-
veira destacou que os pré-
dios abandonados geram
problemas de segurança
para os estabelecimentos
comerciais que ainda resis-
tem no Centro da cidade. Ele
conta que a loja onde traba-
lha já foi alvo de três roubos,
após criminosos acessarem
o local por meio de um pré-
dio abandonado nas pro-
ximidades. “Eles invadem
e depois passam de um tel-
hado para o outro”, relatou.
De acordo com Erly, a sen-
sação de esvaziamento faz
com que muitos comercian-
tes fechem mais cedo e que
trabalhadores se apressem
para voltar para casa antes
do anoitecer.

O medo também atinge
os moradores da região. Um
residente da Rua da Areia,
que preferiu não se identi-

ficar, afirmou que diversos
imóveis na via estão aban-
donados e que muitos fo-
ram invadidos por pessoas
envolvidas com o tráfico de
drogas. “Quando dá umas
20h, eu já estou trancado em
casa, porque fora fica perigo-
so”, disse.

Segurança

A coordenadora de In-
tegração Comunitária e Di-
reitos Humanos da Polícia
Militar da Paraíba (PMPB),
major Dayana Cruz Perei-
ra, explicou que os imóveis
abandonados impactam di-
retamente a sensação de se-
gurança da população.

De acordo com ela, am-
bientes depredados acabam
estimulando a prática de cri-
mes, em parte pela dificul-
dade da chamada vigilância
natural. “A gente não conse-
gue visualizar com faciliti-
dade as pessoas que acessam
esses locais. Eles acabam

servindo para esconder ob-
jetos furtados, além de es-
tarem associados a crimes
sexuais, tráfico de drogas e
a uma sensação constante
de insegurança para quem
circula por ali. São espaços
quebrados, sujos e mal ilu-
minados, o que está dire-
tamente ligado à psicologia
social e ambiental do que es-
ses ambientes comunicam”,
afirmou.

A major destacou, ainda
que o abandono dos imó-
veis, ao gerar áreas degra-
dadas, interfere diretamente
na percepção de seguran-
ça das pessoas que transi-
tam pela região. De acordo
com ela, a Polícia Militar tem
atuado para alertar as auto-
ridades competentes, bus-
cando evitar a degradação
desses espaços antes que se
tornem pontos de criminali-
dade. “A partir de um imó-
vel abandonado surgem di-
versas degradações sociais,

como ocupações irregula-
res e a prática de atividades
ilegais. Um exemplo são as
sucatas que passam a fun-
cionar nesses locais, incen-
tivando furtos de fios e ou-
tros materiais, que acabam
sendo trocados nesses espa-
ços”, explicou.

Por fim, Dayana Cruz Pe-
reira ressaltou que a Polícia
Militar, em conjunto com
outros órgãos e secretarias,
desenvolve ações no Centro
de João Pessoa para enfren-
tar os problemas da região.
“Não é um assunto de fácil
solução, mas temos conse-
guido avançar em algumas
questões”, concluiu.

Legislação

A Lei Municipal nº 1.887,
de 4 de outubro de 2017, es-
tabelece que imóveis urba-
nos abandonados localiza-
dos no Centro Histórico de
João Pessoa podem ser ar-
recadados pelo Poder Pú-

blico como bens vagos, pas-
sando a ser propriedade do
Município após o prazo de
três anos. O texto legal, en-
tretanto, condiciona a aplica-
ção da medida à regulamen-
tação por meio de decreto do
Poder Executivo.

Além disso, tramitam na
Câmara Municipal projetos
de lei voltados ao enfrenta-
mento do problema. Um de-
les, de autoria do vereador
Zezinho Botafogo, indica ao
Poder Executivo a apresen-
tação de um projeto de ini-
ciativa exclusiva que insti-
tua uma política de combate
a imóveis abandonados cau-
sadores de degradação ur-
bana no município de João
Pessoa. Outro, do vereador
Tanilson Soares, propõe a
criação de um programa de
políticas públicas destina-
do a desestimular a existên-
cia desse tipo de imóvel na
capital.

Há ainda um projeto do
vereador Dinho que pre-
tende autorizar a entrada
de agentes de endemias em
imóveis abandonados sem-
pre que for constatada si-
tuação de iminente risco à
saúde pública, especialmen-
te pela presença de focos do
mosquito *Aedes aegypti*.



Os proprietários
não tomam
conta, não
tomam nenhuma
posição para
alugar ou
vender mais
barato

Fabiano Monteiro

Iphaep é a instituição responsável pelas edificações tombadas

Os imóveis abandonados
localizados em áreas deli-
mitadas de tombamento nos
centros históricos são fis-
calizados pelo Instituto do
Patrimônio Histórico e Ar-
tístico do Estado da Paraí-
ba (Iphaep). A informação
é da coordenadora do setor
de Arquitetura e Ecologia
do órgão, Katharina Macê-
do, que explicou como se dá
essa atuação.

A coordenadora informa
que o Iphaep sugere medidas
protetivas e orienta os res-
ponsáveis dentro dos limites
da legislação vigente. Quan-
do se trata de imóveis com
tombamento individual, os
proprietários são notificados
e as exigências para restauro
são mais rigorosas. “Na
maioria das vezes, o Minis-
tério Público Estadual ou Mu-
nicipal acaba se envolvendo



Amparado na legislação, o instituto orienta e sugere medidas

nesses processos. Nesses ca-
sos, tentamos captar recur-
sos para o restauro, quando
existem editais com essa fi-
nalidade”, afirmou.

No caso de prédios públi-
cos históricos, o instituto en-
tra em contato com os órgãos

responsáveis, comunican-
do a situação do imóvel por
meio de relatórios de vistoria
e fiscalização, nos quais são
indicadas as intervenções
necessárias. Já nos imóveis
privados, o processo costu-
ma ser mais complexo, prin-

cipalmente pela dificuldade
em localizar os proprietários.
“Temos muitos problemas
com imóveis de espólio, em
que não conseguimos sequer
contatar os herdeiros, apesar
das buscas em cartórios, pre-
feituras, Energisa e Compa-
nhia de Água e Esgotos da
Paraíba [Cagepa]”, relatou.

Katharina Macêdo acres-
centou que nem sempre os
proprietários dispõem de
recursos para bancar o res-
tauro, e que muitos também
não demonstram interes-
se em fazê-lo. “Os casos de
proprietários sem recursos
são minoria. A maioria en-
volve imóveis de espólio ou
proprietários sem interesse”,
avaliou.

Embora a desapropriação
por interesse social ou para
preservação do patrimônio
histórico seja uma possibi-

lidade legal, a coordenado-
ra explicou que essa medida
ainda não tem sido adotada
na Paraíba. Segundo ela, o
Governo do Estado e a Pre-
feitura de João Pessoa op-
taram por lançar editais e
oferecer incentivos para es-
timular os proprietários a res-
taurar e dar uso aos imóveis.
Entre as ações citadas estão
os editais do ICMS Cultu-
ral para restauro de imóveis
do Centro Histórico de João
Pessoa, lançados em 2024 e
2025, além do edital voltado
aos engenhos tombados no
mesmo período.

Katharina destacou, ain-
da, que a Prefeitura de João
Pessoa concedeu isenção do
Imposto Predial e Territorial
Urbano (IPTU) e do Impos-
to sobre Transmissão Cau-
sa Mortis e Doação (ITCD),
que permite a transferência

da propriedade por doação
em vida ou herança sem cus-
to, além de reduzir de 5%
para 2% a alíquota do Impos-
to Sobre Serviços (ISS) para
imóveis ocupados no Cen-
tro Histórico.

Incentivos

O Governo do Estado
disponibiliza R\$ 10 milhões
anuais pelo ICMS Patrimô-
nio Cultural, programa que
incentiva investimentos no
setor cultural e na preserva-
ção do patrimônio, permi-
tindo que empresas patroci-
nadoras recebam crédito no
Imposto sobre Circulação
de Mercadorias e Serviços
(ICMS) ao destinar recursos
para essas ações. Também
há, até este ano, a isenção de
mais R\$ 40 milhões no ITCD,
também chamado de “Im-
posto de Herança”.

ESQUECIMENTO E PRESSA

Viajantes perdem 500 itens por ano

Na rodoviária da capital, cartões bancários e documentos de identidade são os objetos mais frequentemente achados

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Entre o vaivém nos terminais rodoviários e aeroportos, bem como entre descobertas e passeios no destino, turistas — em especial — podem acabar deixando para trás algum objeto. Os itens esquecidos vão desde os mais triviais, como chapéus e óculos, até outros de maior importância.

No Terminal Rodoviário de João Pessoa, segundo a coordenadora administrativa operacional Rossana Leal, os objetos mais frequentemente encontrados são cartões bancários e documentos de identidade. Mensalmente, são registrados cerca de 60 cartões e 30 documentos esquecidos.

Rossana relata que os esquecimentos fazem parte do dia a dia do terminal, onde os objetos encontrados são armazenados em um setor específico. Segundo ela, o sistema mantém o registro de cada item por um período de três meses. “De novembro para cá, registramos o número de, aproximadamente, 100 objetos. Anualmente, são mais de 500 itens catalogados, entre cartões, documentos, roupas, sapatos, brinquedos, eletroeletrônicos, livros, roupas de cama, entre outros”, conta.

Em viagens, reduzir a quantidade de bagagens, e levar o mínimo de coisas possíveis, aumenta a praticidade e pode ajudar a evitar perdas e esquecimentos. “Acondicionar objetos pequenos como carregadores, documentos, e cartões em *nécessaires* pequenas e de fácil localização

dentro das bagagens, facilita a vida do passageiro e diminui a chance de extravios. Evitar também bagagens pequenas com crianças que são facilmente perdidas”, recomenda Rossana Leal.

Não menos importante, é válido ressaltar o cuidado ao entrar com bagagens nos banheiros, locais de muito fluxo de pessoas e pouca atenção. “É comum encontrarmos por lá objetos esquecidos. O terminal conta com o setor de guarda-volumes para a comodidade e para auxiliar os passageiros no cuidado com suas bagagens, o setor funciona 24 horas”, conta a administradora.

Ao perder ou esquecer alguma coisa na rodoviária, um protocolo de registro do objeto deve ser feito. “É necessário também que a busca seja realizada pessoalmente, no setor de guarda-volumes do terminal rodoviário, os objetos são entregues em horário comercial. Entretanto, o serviço de busca é 24 horas”, explica Rossana.

Veículos

O meio de transporte utilizado após chegar ao destino também pode se tornar um local onde objetos importantes são esquecidos. Após descer de um solicitado por meio de aplicativo, na volta de um passeio noturno, o paulista Bruno Bassi percebeu que havia perdido o celular. Apesar de não ter certeza absoluta, o profissional de Relações Internacionais, que mora no Recife há cinco anos e visita João Pessoa anualmente, relata que existe a possibilidade



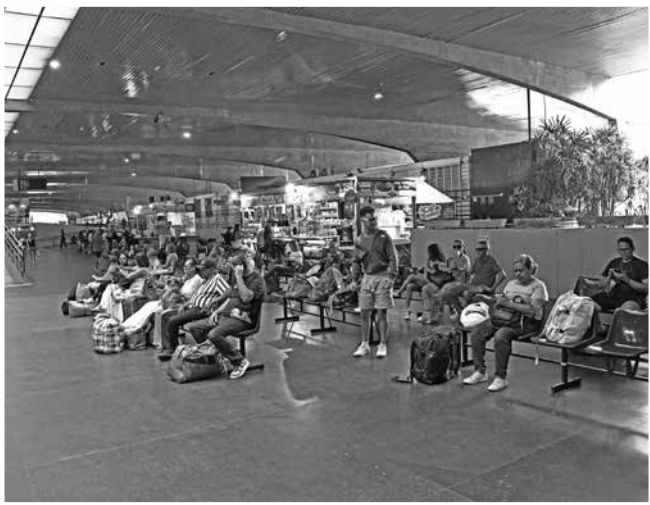
Fotos: Carlos Rodrigo

de o aparelho ter caído no veículo.

Uma das primeiras atitudes de Bruno, após a situação, foi passar novamente pelos locais do passeio, na tentativa de encontrar o objeto, ele também procurou sinalizar o ocorrido pelo próprio aplicativo, a partir de um outro celular. “A resposta da empresa só veio depois de uns três dias, e o aparelho não foi encontrado”, lembrou.

Apesar de não ter conseguido reaver o celular, ele tentou garantir ao máximo a segurança dos seus dados, evitando o uso indevido de informações bancárias e maiores prejuízos. “Eu consegui bloquear os aplicativos de banco, bloqueei o telefone

Evitar deixar bagagens pequenas com crianças e redobrar a atenção na hora de usar os banheiros públicos são atitudes que podem ajudar a evitar perda de objetos durante as viagens



pelo sistema Android e também tinha cadastro no aplicativo Celular Seguro, do Governo Federal”.

Hospedarias

O local de hospedagem é outro em que alguns itens, principalmente aqueles de uso pessoal, acabam ficando para trás. Em uma passagem rápida por João Pessoa, o marido da ilustradora Carla Rocha, o engenheiro electricista Christopher, esqueceu um boné em um apartamento de aluguel por curta temporada.

O casal de Goiânia só deu falta do objeto após voltar para casa. “Entramos em contato com o anfitrião, e a faxineira encontrou o boné debaixo da cama. Com objetos que trariam maior prejuízo se fossem perdidos, como um celular ou uma carteira, eu procuro ter cuidado redobrado, principalmente em viagens, já o meu marido é um pouco mais desatento”, relata Carla.

Aeroporto

Assim como as rodovias, os aeroportos também figuram entre os locais onde objetos são frequentemente

perdidos ou esquecidos. O Aeroporto Internacional Castro Pinto conta com um setor de Perdidos e Achados, responsável por receber objetos e documentos encontrados nas dependências do terminal.

A retirada dos itens é realizada mediante agendamento, que pode ser feito por *e-mail* ou pelo *site* do aeroporto. Para isso, é necessário informar o objeto perdido, suas características — como cor e tamanho —, a data pretendida para a retirada e um telefone para contato. As retiradas ocorrem de segunda a sexta-feira (exceto feriados), das 8h às 17h, no próprio aeroporto.

Documentos pessoais, certidões e passaportes ficam disponíveis para retirada por até 60 dias a partir do registro no sistema. Após esse período, caso não sejam reclamados, os documentos são destruídos. Cartões bancários avulsos permanecem armazenados por até sete dias; se não houver solicitação de resgate, também são descartados. Materiais perecíveis, molhados ou objetos avariados seguem para descarte após 12 horas, por questões de se-

gurança e higiene.

A devolução de objetos e documentos a terceiros só acontece com procuração formal e autorização expressa do proprietário. O documento deve conter a descrição detalhada do objeto e o portador da procuração precisa apresentar documento original com foto.

A Aena, empresa de gestão aeroportuária, reforça que objetos esquecidos nas aeronaves, táxis, *vans* de turismo ou veículos de locadoras não são de responsabilidade do aeroporto. “Nesses casos, a orientação é que o passageiro entre em contato diretamente com a companhia aérea ou a empresa transportadora responsável”, esclarece o órgão.



Acessar o Perdidos e Achados da Aena pelo QR Code



No achados e perdidos da rodoviária, chama atenção a quantidade de calçados encontrados

Deatur oferece suporte a turistas que enfrentam imprevistos

A Delegacia Especializada no Atendimento ao Turista (Deatur), em João Pessoa, funciona no Centro Turístico de Tambaú e é o espaço indicado para que visitantes registrem ocorrências, sejam elas relacionadas a furtos ou a outros crimes que demandem a atuação das Forças de Segurança, além de casos envolvendo a perda de objetos de interesse do viajante.

O delegado Francisco Azevedo destaca que, durante todo o verão, a perda ou extravio de telefones celulares, e também de passaportes, no caso dos turistas estrangeiros, são os itens mais



Foto: Divulgação/Deatur

reportados com preocupação à Deatur. “Isso dificulta muito a vida do turista, por-

que quando perdem celulares e o passaporte, eles realmente ficam com a autonomia

comprometida”, afirma.

Francisco conta que, fazendo parte da Polícia Civil, a delegacia do turista assume o papel de amparar visitantes da cidade, principalmente estrangeiros. “Não é só uma delegacia comum de repressão, investigação policial, ela serve de atendimento mesmo ao turista. Saímos na rua para tentar encontrar um passaporte, para acolher, para tentar encontrar um celular, para resolver eventuais problemas que podem afetar estas pessoas”.

Uma outra medida da delegacia especializada é manter patrulhamento ostensivo

em pontos turísticos da cidade, por meio de agentes da Polícia Militar. “Se você observar, por exemplo, na Orla, nós temos atualmente muitas vituras, que é um reforço que a gente tem. O Batalhão do Turismo fica também no bairro



Acesse o aplicativo Celular Seguro pelo QR Code



Acesse a delegacia on-line pelo QR Code

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Denúncias crescem 244% na Paraíba

Conforme dados do Ministério dos Direitos Humanos, estado registrou 62 relatos via Disque 100, no ano passado

Iris Machado
irmschdo@gmail.com

Entre os estados do Nordeste, a Paraíba registrou o terceiro maior número de denúncias de intolerância religiosa no Disque 100, canal do Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania (MDHC), ao longo de 2025. Com 62 relatos de violência, o estado teve um crescimento de 244% com relação a 2024, que totalizou 18 denúncias. Tanto na Paraíba como no resto do país, as religiões de matriz afro-brasileira são as mais afetadas. Foi esse tipo de preconceito que destituiu o servidor público Erick de Zé das Moças, de 23 anos, de sua própria casa, em João Pessoa, onde ele vivia de aluguel com o esposo. Em outubro de 2025, a locadora do apartamento expulsou o casal do imóvel por um único motivo: o culto à Jurema Sagrada, tradição indígena que agrega traços das fés afro-brasileira e cristã. “Construímos uma amizade legal, até que ela me chamou para conversar e pediu a residência [de volta], porque nós éramos de uma



Fotos: Evandro Pereira

Discriminado, Erick foi expulso do apartamento onde morava

religião diferente e adorávamos demônios. Foi terrível. Vi de cara o preconceito, a maldade no olhar, em falar e difamar uma religião que sofreu tanto para chegar onde chegou. Quantas vidas foram ceifadas para que a nossa religião tives-

se voz e vez... No mundo de hoje, ainda existem pessoas que têm esse tipo de preconceito”, lamenta. Quem o acolheu na ocasião foi Mãe Socorro de Osun, do Ilê Àse Osun Omi D’Olá, templo de Candomblé Queto e Jurema Sagra-



O servidor público, adepto da Jurema Sagrada, recebeu apoio de Mãe Socorro de Osun

da, situado no bairro Padre Zé. Lá, Erick recebeu apoio até encontrar outro lugar para morar, um mês após o ocorrido. A denúncia contra a proprietária do imóvel anterior, formalizada no Centro Estadual de Referência da Igualdade Racial João Balula, segue em processo no Ministério Público da Paraíba (MPPB). “Tudo isso me deixou muito mais forte, saber que eu posso lutar e defender a minha religião. Intolerância religiosa é crime e a gente não pode deixar que outras pessoas sofram o que eu sofri. A gente não pode deixar passar. Intolerantes não passarão mais”, reforça Erick.

Números revelam sobreposição de violências

Em 2025, a intolerância religiosa apareceu como a violação mais recorrente documentada pelo Centro João Balula, ao lado de casos de racismo e situações correlatas. Para o coordenador-geral do órgão, Antônio Marcos Nascimento, os números apontam que o preconceito religioso frequentemente se manifesta junto a outras formas de discriminação, a exemplo da racial. Todos os 18 episódios denunciados no período envolvem cultos afro-brasileiros. “A predominância da intolerância religiosa nos registros reforça que essa violência segue sendo estrutural e atinge de forma desproporcional as religiões de matriz africana. Embora existam ocorrências envolvendo outros grupos religiosos, elas aparecem de forma residual quando comparadas à realidade enfrentada pelas comunidades de terreiro. Nesses casos, a violência não se limita à dimensão da fé individual. Ela alcança os espaços sagrados, os símbolos religio-

sos, as lideranças comunitárias e os modos de vida, produzindo efeitos coletivos e aprofundando processos de exclusão”, avalia. A maior incidência de registros está nas regiões de João Pessoa e Campina Grande. Como explica o dirigente, isso se deve à densidade populacional e ao acesso aos canais e serviços da rede de proteção. “Nas cidades maiores, as vítimas tendem a encontrar com mais facilidade os meios institucionais para registrar a ocorrência e buscar acompanhamento. Há também subnotificação em outras regiões do estado, especialmente em municípios menores, onde o desconhecimento sobre os direitos, o receio de retaliações e a menor presença de equipamentos especializados dificultam a denúncia”, aponta. Isso é observado pela presidente da Comissão de Combate ao Racismo e à Discriminação Racial da seccional Paraíba da Ordem dos Advogados Brasileiros (OAB-PB), Jéssica Souza. Não há apenas um aumento no volume de re-

■ Representante da OAB-PB aponta que também aumentou o entendimento acerca do direito à liberdade religiosa

latos, mas também um maior entendimento da sociedade acerca do direito à liberdade religiosa. No entanto, muitas vítimas permanecem em silêncio devido ao medo, ao descrédito nas instituições e à naturalização da violência. “Quando se trata de religiões de matriz africana, não é nem só intolerância religiosa, é algo mais específico: é o racismo religioso que está interligado à nossa história, ao racismo institucional e estrutural. Quando um terreiro é atacado, quando um símbolo é demonizado ou quando

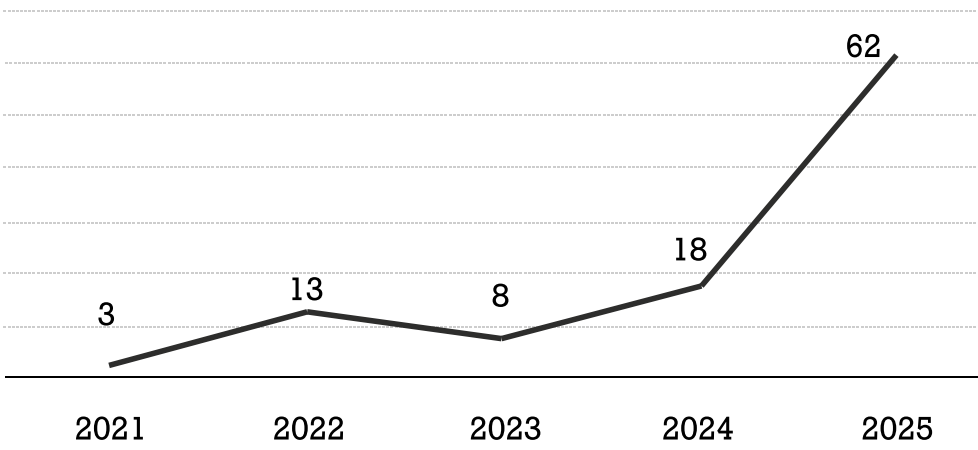
praticantes são humilhados, não é só sobre a fé. Estamos falando de uma violência contra a identidade racial, cultural e histórica dessas pessoas. Por isso, a gente relaciona intolerância religiosa diretamente com outras formas de discriminação, como o racismo, a exclusão social e a violência institucional”, pontua. De acordo com a jurista, a intolerância religiosa configura delito quando há ofensa, incitação ao ódio, discriminação, ameaça, destruição de símbolos, impedimento de culto ou agressão moral e física, inclusive nas redes sociais. A legislação brasileira equipara esse tipo de ataque ao crime de racismo, o que o torna inafiançável e imprescritível. “Embora o arcabouço legal exista, o sistema de Justiça ainda não está plenamente preparado, por racismo estrutural e por falta de capacitação de agentes públicos, de sensibilidade institucional e de compreensão de que não se trata apenas de opinião, mas de violação de direitos humanos”, ressalta.

Delegacia especializada e DPE-PB acolhem vítimas

Casos de intolerância religiosa devem ser denunciados na delegacia mais próxima do local de ocorrência ou, de forma virtual, por meio da Delegacia Online, disponível no link <https://delegaciaonline.pc.pb.gov.br>. Em João Pessoa, há um equipamento especializado para a investigação de crimes dessa natureza, a Delegacia de Repressão aos Crimes Homofóbicos, Étnico-Raciais e Delitos de Intolerância Religiosa (Dechradi), situada na Rua Avelino Cunha, nº 230, no bairro de Tambiá. É recomendado que a vítima ou a testemunha do ataque reúna todas as informações e provas para a apuração do caso: datas, locais, nomes de envolvidos, mensagens, arquivos em áudio ou vídeo ou qualquer outro tipo de registro que comprove o ocorrido. Também é possível relatar episódios de preconceito ao Disque 100, ativo 24 horas por dia, à Defensoria Pública da Paraíba (DPE-PB) e ao MPPB. A população da Re-

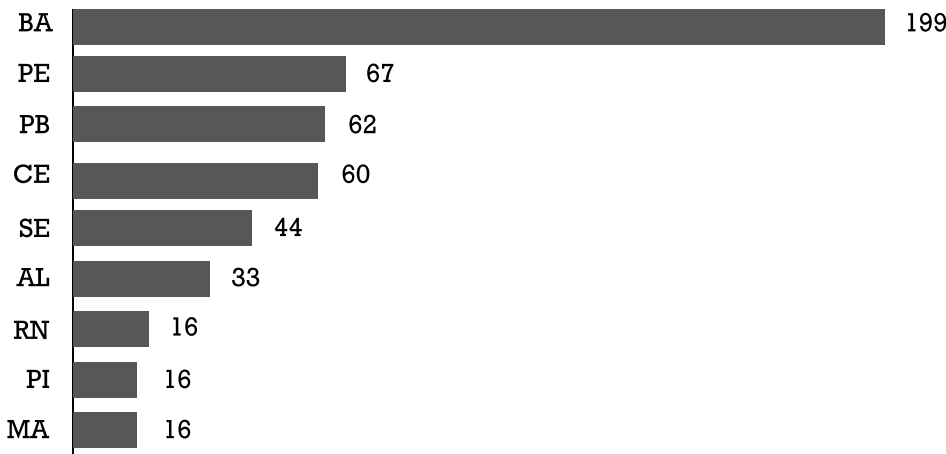
gião Metropolitana da capital pode acionar, ainda, o Centro de Referência Estadual de Igualdade Racial João Balula, que fica na Rua Rodrigues de Aquino, nº 496, no Centro, e atende pelo telefone (83) 99340-3946. Além do acolhimento, a instituição oferece apoio jurídico e psicossocial às vítimas, como acentua o coordenador-geral do espaço. “Quando uma agressão é silenciada, ela tende a se repetir, com a mesma vítima ou com outras pessoas da comunidade. Reconhecer que houve uma violação já é um primeiro passo importante de proteção. Para quem presencia [o crime], a orientação é não ser indiferente. A intolerância religiosa só se sustenta quando encontra silêncio ou convivência. Cada atitude de enfrentamento contribui para proteger não apenas uma pessoa, mas toda uma coletividade que tem o direito de existir, expressar sua fé e ser respeitada”, destaca Antônio Marcos Nascimento.

Casos de intolerância religiosa na Paraíba



Fonte: Disque 100 (MDHC)

Denúncias em 2025 no Nordeste



Fonte: Disque 100 (MDHC)

Levantamento evidencia salto nas ocorrências da categoria, de 2024 para 2025; entre os estados nordestinos, a Bahia lidera o total de denúncias efetuadas via Disque 100 no último ano

PASSEIO AO PASSADO

Museu reconta história do estado

No Palácio da Redenção, turistas e moradores da capital têm a chance de mergulhar nas origens políticas da Paraíba

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

Andar no Centro de João Pessoa, para muitos habitantes da cidade, significa uma locomoção para resoluções comerciais e de trabalho. Apesar de a história da capital e do estado estar registrada ali, nos edifícios, ruas e avenidas do bairro, o encontro entre presente e passado não era tão natural. Há alguns meses, no entanto, nas imediações da Praça João Pessoa e do Pavilhão do Chá, uma antiga construção que fita, imponentemente, quem por lá passa transformou-se em um portal definitivo para o passado. O Palácio da Redenção — uma das primeiras construções da história da Paraíba — é, agora, o principal museu do estado e um local que transporta cada visitante rumo aos acontecimentos que forjaram esta terra.

Conhecer o Museu de História da Paraíba é uma grande opção de lazer para todos: turistas e moradores de João Pessoa. O espaço vem sendo frequentado por crianças, jovens e adultos, em excursões despretensiosas — de quem está passando pelo Centro — ou em visitas agendadas — de viajantes que desembarcam na cidade para passear, de estudantes de escolas locais e de habitantes em busca de entender como a sociedade, a política e a cultura paraibana foram edifi-

Cerca de 12 mil pessoas já passaram pelo espaço desde sua inauguração, em outubro de 2025



ficadas a partir daquele lugar.

“O museu traz um ar muito luxuoso, justamente por estar no Palácio da Redenção, então isso atrai muito as pessoas. Quando elas chegam aqui, desparam-se com uma grande aula de história. A partir dele, começamos também a trazer mais pessoas para outros museus seus próximos, como o Museu

da Polícia Militar e o Museu do Artesanato, que registraram mais visitas depois que o Museu de História da Paraíba foi inaugurado”, conta Rebeca Dantas, diretora do novo empreendimento no Centro.

Projeto de impacto

Aberto em outubro do ano passado, o Museu de História



Conduzidos por guias locais ou pela própria diretora da unidade, Rebeca Dantas, os visitantes conhecem detalhes sobre personagens históricos e ambientes utilizados por antigos governantes

da Paraíba chegou aos seus três primeiros meses de atividade, em contraste com os mais de quatro séculos dos primeiros tijolos erguidos do que viria a ser o Conjunto Jesuítico, onde ele esteve inserido. O espaço teve início com a construção de uma igreja, em 1586. Depois, tornou-se um complexo de edificações, ao qual se somou, já no século 17, o atual Palácio da Redenção.

Foi no século seguinte que

o local se desvinculou da administração da Igreja Católica e passou a pertencer à Fazenda Pública, tornando-se a sede política da capitania. De lá para cá, abrigou diversos chefes de Estado, nas mais diversas formas de poder, passando pela Coroa, pelo Império e, enfim, pela República. Foi residência oficial e sede dos governos do estado, um lugar por onde passavam os poderosos e de onde emana-

Arte, cartografia e mobília compõem riquezas preservadas no local

As visitas ao Museu de História da Paraíba podem ser realizadas de terça-feira a domingo, em sessões com horários fixos: 9h, 11h, 13h e 15h. O passeio é sempre comandado por um dos guias do espaço ou pela própria diretora da unidade, Rebeca Dantas, que dão uma verdadeira aula sobre a história paraibana, desde a ocupação do estado pelos colonizadores, em 1585.

A caminhada por dentro dos ambientes do Palácio da Redenção começa com um resumo dessa história, da segunda metade do século 16 até os dias atuais. Na primeira sala, o museu dispõe de reproduções dos primeiros mapas e quadros que retrataram as terras paraibanas, produzidos por holandeses – que foram os primeiros europeus a demandar uma cartografia que incluísse o território, então recém-descoberto, além de confeccionar obras de arte envolvendo a região, por conta da ocupação holandesa em grande parte da costa do Nordeste.

Depois, as portas abrem-se para aposentos que foram cenário de importantes decisões políticas na República, como o gabinete onde os governadores se reuniam com outras autoridades para planos e despachos. No local, há telas dos artistas paraibanos Tomás Santa Rosa e Flávio Tavares, além de móveis originais da época em que o palácio era a sede oficial do governo.

Avançando no passeio, ainda no térreo do edifício, os visitantes podem conhe-

cer a sala militar, onde trabalharam os chefes da Segurança do Estado e do governador. Lá, estão expostas medalhas atuais e algumas antigas, honrarias militares que ultrapassaram o tempo e condecoraram quem serviu e quem serve à Paraíba.

Depois desse breve encontro com a história militar local, o passeio volta-se à fé católica, com imagens de todas as igrejas matrizes do estado, em todos os 223 municípios paraibanos. A caminhada prossegue até uma sala vizinha, onde são exibidas telas digitais que homenageiam diversas personalidades paraibanas, ligadas a várias áreas de atuação — como música, teatro, literatura, política e ciência, com as biografias de cada um e cada uma.

Tributo a Ariano

O primeiro andar do Museu de História da Paraíba reserva novos encantos e surpresas. A arte transborda de cada ambiente diferente, que o visitante é convidado a percorrer sem pressa. A primeira sala do espaço faz uma grande homenagem ao escritor Ariano Suassuna, que nasceu exatamente no Palácio da Redenção, em 16 de junho de 1927, quando seu pai, João Suassuna, era chefe de governo.

No local, encontram-se várias fotos do autor de "O Auto da Compadecida" e de sua família, registradas pelo fotógrafo paraibano Gustavo Moura, além de obras em alusão ao Movimento Ar-

Telas

**No Salão Nobre,
cômodo que será
dedicado a exposições
temporárias, estão
à mostra obras de
nomes como Candido
Portinari e Pedro
Américo**

morial, iniciativa fundada por Ariano, em 1970, e ao universo literário do ilustre pessoense. O corredor que leva ao Salão Rosa conta com um quadro com todos os governadores da história republicana da Paraíba, de 1899 até atualmente.

Por fim, a última parada do passeio é o Salão Nobre, que preserva móveis banhados a ouro. O cômodo passará a ser dedicado a exposições temporárias promovidas pelo museu. No momento, estão à disposição do público obras relevantes da arte brasileira, como telas de Candido Portinari e o famoso quadro “Cristo com a coroa de espinhos”, do paraibano Pedro Américo. As peças compõem o acervo do Museu de Arte Assis Chateaubriand, de Campinas Grande. Além disso, no mesmo espaço, há informações sobre a Revolução de 1930 e seus personagens — incluindo o então governador da Paraíba, João Pessoa.

CELEBRAÇÃO

DA S L E T R A S

em homenagem aos 133 anos do *Jornal*
A União e aos 3 anos da **Livraria A União**

Venha celebrar conosco o legado das
letras e sua permanente renovação.

2 de fevereiro, às 18h, na Livraria A União
Espaço Cultural José Lins do Rego/João Pessoa – PB

STREAMING

Sedução no Brasil Colônia

Estreia amanhã, na HBO Max, a nova versão de uma novela que marcou época nos anos 1980: Dona Bêja

Grazi Massafera, entre David Junior e André Luiz Miranda: erotismo e representatividade acima da acuidade histórica

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Reza a lenda que em meados do século 11, a aristocrata inglesa Lady Godiva, apiedando-se da pobreza de seu povo, cavalgou despida pelas ruas de sua cidade, de modo a fazer o seu consorte reduzir os altos impostos. O gesto inspirou, na ficção, uma dos tipos mais emblemáticos do nosso audiovisual: Dona Beija (com “i”), protagonista da novela homônima que a TV Manchete produziu em 1986. Mas o “passeio naturista”, tinha, nessa trama, outra razão de ser: empoderamento. A história da mulher que ressignificou tragédias e preconceitos e tornou-se uma das maiores cortesãs do Brasil Colônia ganha, agora, uma nova versão, que estreia amanhã no HBO Max — *Dona Bêja*, com a mesma grafia da personagem real, sem o “i”. Nessa releitura, o papel imortalizado por Maitê Proença fica a cargo de Grazi Massafera.

O lançamento mundial da novela segue esquema similar ao de *Beleza Fatal*, sucesso da mesma plataforma em 2025 — serão disponibilizados cinco capítulos por semana, totalizando, por fim, 40 episódios. Em março, a novela estreará na Band, em horário ainda não divulgado.

Os autores Antônio Barreira e Daniel Berlinsky basearam-se em fontes diferentes: a matriz da Manchete, que ajudou a compor o argumento inicial de Renata Jhin, e os textos biográficos que remontam ao perfil da mineira Ana Jacinta de São José, o nome real de Bêja.

Acompanhamos, nas primeiras cenas, a infância da protagonista nos idos de 1800 (nessa fase, Ana Carolina Leite), criada pela mãe e pelo avô José (Roberto Bontempo) — que assume integralmente a educação da menina, com a morte da primeira. Na juventude (interpretada por Grazi), ela conhece Antônio (David Junior), por quem se apaixona, mas o rapaz parte para a Europa. No Brasil, Bêja desperta o interesse de Motta (Virgílio Castelo), ouvidor do rei. Este assassina José e rapta a moça, que passa a viver em cárcere privado.

Bêja não apenas recusa as investidas de Motta como passa a enfrentá-lo — o que lhe garante uma fama desagradável perante a população da cidade de Araxá. De volta à terra natal, Antônio

é envenenado por esses comentários maldosos. Também pela pressão da mãe Ceci (Deborah Evelyn), ele casa-se com a geniosa Angélica (Bianca Bin), ampliando a distância entre os ex-amantes. Num lance inesperado, Bêja conquista dinheiro e liberdade e decide “deitar” sobre sua fama: abraçando seu destino, ela monta o mais famoso bordel da região.

Representatividade no elenco

Apesar de não ser tratado como um *remake* da novela de 1986 e, sim, como uma releitura, algumas sequências do original foram refei-

tas, como a cena em que a heroína passeia nua, a cavalo. O projeto começou a ser desenhado pela HBO Max antes de *Beleza Fatal*. Todavia, uma série de questões atrasaram o cronograma de lançamento. Supostos problemas nos bastidores teriam minado a relação do diretor português Hugo de Sousa e da atriz Bianca Bin com o restante do elenco. Antes do fim das gravações, o primeiro, foi substituído por Thiago Teitelroitt.

A representatividade também ganhou espaço nessa versão: antes relegados a papéis de escravizados em 1986, os atores negros,

nessa montagem, ganham personagens importantes na história: além de David Junior, André Luiz Miranda interpreta João Carneiro de Mendonça, outro interesse amoroso de Bêja. A prática emula a estratégia da produtora e roteirista Shonda Rhimes na série *Bridgerton*, na Netflix, na qual os tipos aristocráticos também são vividos por artistas negros, independentemente do contexto e da acuidade histórica.

Na coletiva de imprensa realizada na última terça-feira (27), da qual *A União* participou, Grazi Massafera, que também está no



Foto: Reprodução

Maitê Proença, na primeira versão, “Dona Beija” (com “i”): nua a cavalo

ar, na Globo, como a Arminda de *Três Graças*, destacou o fato de que, como protagonista, pôde transitar por todos os núcleos da trama, experiência de grande aprendizado.

“Mas não tem como falar de Bêja sem falar de Maitê. Porque foi ela que transformou esse personagem num ícone, que vive no imaginário de todos. Nessa releitura, tem muitas questões para a gente refletir. Os mais conservadores vão falar coisas absurdas, que é ‘lacrção’, mas dane-se: a gente quer isso também”, disse a atriz.

A primeira Beija

A primeira versão de *Dona Beija* representou para a extinta TV Manchete o primeiro grande sucesso da emissora, um pilar no combate à censura, que à época, estava prestes a ruir, após o fim da Ditadura. Exibida no primeiro semestre de 1986, a novela e suas cenas de nudez (também exploradas agora, em 2026, e com mais liberdade) garantiram altos índices de Ibope na sua principal praça, o Rio de Janeiro. No inesquecível capítulo em que a protagonista desfilou nua pelas ruas de Araxá, a emissora assumiu a liderança, deixando a Globo em segundo lugar, com o programa *Chico & Caetano*.

O responsável pela direção de *Beija*, na Manchete, foi o conhecido realizador Herval Rossano, que cuidou por mais de 10 anos das tramas exibidas na faixa das 18h, na Globo. Ao receber uma proposta mais tentadora da emissora rival, levou consigo um grande número de atores: além de Maitê Proença, assinaram novos contratos Gracindo Júnior, Arlete Salles, Mayara Magri e Sérgio Mamberti. O êxito da empreitada possibilitou que outros artistas, como José Wilker e Cláudio Marzo, seguissem o mesmo caminho em produções seguintes.

Com o passar dos anos, a novela ganhou diversas reprises e também foi lançada em *VHS* — foi o primeiro programa do gênero a sair nesse formato. Em 2005, o SBT comprou um pacote de fitas de novelas da Manchete e reexibiu algumas delas, em capítulos reduzidos — *Dona Beija* estava entre os títulos. A abertura e sua música-tema, composto por Fernando Brant e Wagner Tiso e interpretado pelo conjunto Viva Voz, foram mantidas.

A gravação deste repertório está disponível na íntegra, no YouTube, para quem quiser comparar ambas as versões.



Foto: Divulgação/HBO Max

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

O medo e os deuses

Diversos estudiosos consideram que a religião tem suas raízes no medo e no sentimento de dependência. As representações do sagrado assumiriam, assim, a forma de sublimação de temores, angústias e esperanças humanas. Desse modo, entre as primeiras manifestações religiosas encontraríamos a personificação de fenômenos naturais, como raios e trovões, revelando a impotência dos homens diante das forças da natureza.

O filósofo e teólogo humanista alemão Ludwig Feuerbach, porém, não acreditava que a religião pudesse ser explicada apenas pelo medo. Ao sentimento de terror ou perigo seguir-se-iam também sensações opostas, como o alívio, a superação da angústia e das atribulações. Os mesmos fenômenos naturais que, por vezes, causavam temor também produziam efeitos positivos e benéficos à vida humana.

A religião não seria, portanto, o medo transformado em mito ou em crença dogmática, mas uma espécie de antropologia projetiva, capaz de refletir o ser humano em sua integralidade: seus sentimentos, desejos e expectativas. Sobre tudo, ela funcionaria como um lenitivo para o sofrimento e como resposta simbólica à condição de finitude humana. Feuerbach afirmava que só há deuses porque existe a morte. O aspecto negativo desse processo reside no fato de que os homens tenderiam a considerar as representações religiosas como dotadas de poderes próprios, atribuindo-lhes um caráter absoluto, desvinculado das ações e criações humanas que lhes deram origem.

O teórico anarquista Mikhail Bakunin mantém um tom enfático ao tratar da alienação religiosa, a qual teria como efeito o controle dos indivíduos, impondo-lhes temores por meio da crença no castigo dos deuses. Segundo ele, toda re-



Foto: Reprodução

ligião oficial pressupõe intérpretes autorizados, que concentram o poder de definir o que é certo ou errado. A superstição, o medo de fantasmagorias e a sensação de inferioridade diante de forças superiores reduziriam os homens a uma condição de submissão servil.

Para o mitólogo norte-americano Joseph Campbell, por sua vez, as representações religiosas, na medida em que se fundam em mitos, teriam como finalidade harmonizar a consciência humana com as condições fundamentais da existência. A metáfora religiosa permitiria um ajuste entre a consciência e os mistérios do universo: a origem da vida, a morte, a desagregação da matéria, a dor, o sofrimento e o fato irremediável de que toda vida se alimenta de vida para continuar existindo.

As mitologias primitivas buscavam justamente esse acordo simbólico, ainda que, para isso, recorressem a rituais de sacrifício ou a outras práticas hoje consideradas horrendas. A consequência desse raciocínio é que cada mitologia corresponderia a uma determinada época histórica, à qual suas narrativas estariam profundamente ligadas.

A força moral do mito seria capaz de adaptar os indivíduos às exigências do grupo, estabelecendo uma ordem cósmica coletivamente compartilhada como verdadeira. Assim, os mitos definiriam tanto as entidades existentes no mundo sensível e suprassensível quanto os valores éticos e morais considerados fundamentais por uma sociedade.

Mikhail Bakunin era um teórico anarquista enfático ao tratar da alienação religiosa

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Aspectos da música erudita barroca

A música barroca foi desenvolvida, aproximadamente, de 1600 a 1750. Caracteriza-se por intensa emoção e pela exuberância, ornamentação complexa e forte contraste. Marcada pelo uso do baixo contínuo, que é uma linha de baixo constante, geralmente tocada por um instrumento de corda grave, por exemplo, o cravo, violoncelo ou alaúde, sustentando a harmonia. Apresentava melodias ricas em trinados ou mordentes, que indicam a alternância rápida entre uma nota principal e sua vizinha superior ou inferior, retornando à original. O período gerou a transição da polifonia renascentista para a tonalidade maior (modo Jônio) e menor (modo Eólio), substituindo os modos gregos antigos, assim, tornou-se possível para os compositores modular de uma tonalidade para outra relacionada. Houve o contraste entre instrumentos, com dinâmicas alternando entre forte e fraco, andamentos rápido e lento. Apresentou o foco em uma melodia principal acompanhada, na qual consolidou o sistema tonal, que é forma de organização musical baseada na hierarquia entre notas e acordes, centrados em uma nota principal, a tônica. Criou a estrutura da orquestra de câmara, com destaque para violinos e instrumentos de sopro. Formas como a ópera, o oratório, a cantata, a sonata e o concerto popularizaram-se. Surgiu o contraponto numa polifonia complexa, isto é, uma textura musical composta por duas ou mais linhas melódicas independentes que soam simultaneamente, cada uma com seu próprio ritmo e contorno melódico, mas que harmonizam entre si, frequentemente utilizadas em fugas. Surgiu o drama cantado, também o conjunto de danças instrumentais, que são as suítes. Embora essas obras tenham sido inspiradas

em danças, elas foram escritas para serem ouvidas, e não dançadas.

A forma fugal foi uma das estruturas composicionais mais utilizadas no Barroco. Caracteriza-se pela apresentação de um tema principal, denominado sujeito, que é inicialmente exposto por uma voz e, em seguida, imitado sucessivamente pelas demais. A fuga organiza-se, de modo geral, em exposição, episódios e reentradas do tema, valendo-se das técnicas de imitação e do contraponto. Normalmente escrita para três ou quatro partes — chamadas de vozes —, a fuga desenvolve-se a partir de uma única ideia musical, explorada de maneira sistemática. A obra tem início com a exposição do sujeito na tonalidade principal, procedimento conhecido como enunciado fugal. As vozes subsequentes entram gradualmente, alternando-se entre a tonalidade da tônica e da dominante, o que confere equilíbrio e tensão ao discurso musical. No interior dessa estrutura, o sujeito constitui a base de todo o desenvolvimento temático; a resposta corresponde à imitação do sujeito, geralmente transposta uma quinta acima ou abaixo; e o contrassujeito é a melodia que acompanha a resposta, podendo reaparecer ao longo da obra. A exposição reúne a apresentação completa do tema por todas as vozes, enquanto os episódios funcionam como seções de transição, responsáveis por modular para novas tonalidades e evitar a saturação temática. Já o desenvolvimento explora procedimentos como inversão, aumento e diminuição do sujeito, ampliando suas possibilidades expressivas. Do ponto de vista técnico, a fuga fundamenta-se na polifonia, isto é, na sobreposição de múltiplas vozes independentes, e no contraponto — técnica que rege a combinação dessas linhas meló-

dicas autônomas. A forma fugal admite variações, preservando sempre o princípio do diálogo contínuo entre os temas e as vozes.

No período barroco, o termo sonata designava a música instrumental, em oposição à vocal. Consolidaram-se dois tipos principais: a sonata da câmara, destinada a ambientes domésticos ou cortesãos, geralmente estruturada em vários movimentos de caráter dançante e acompanhada por baixo contínuo; e a sonata da igreja, concebida para o espaço litúrgico, com baixo contínuo ao órgão e organização formal típica em quatro movimentos alternando seções lentas e rápidas. O concerto grosso destacou-se como gênero instrumental orquestral, caracterizado pelo contraste entre um pequeno grupo de solistas e um conjunto maior, sendo considerado um precursor da sinfonia. Os “Concertos de Brandemburgo”, de 1721, do compositor, cravista, mestre de capela, regente, organista, professor, violinista e violista alemão Johann Sebastian Bach (1685–1750), são um exemplo. No campo vocal, o oratório apresenta estrutura semelhante à ópera, porém com texto sacro e sem encenação, utilizando recitativos, árias e coros. A cantata consiste em uma narrativa ou poema musicado para voz, com participação de um solista e coral, podendo assumir caráter sacro ou secular.

Sinta-se convidado à audição do 554º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 1 das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei os “Concertos de Brandemburgo”, de Johann Sebastian Bach (1685-1750).

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Recado

O ator paraibano Leandro Lima foi às redes sociais para contar a história do pai, que surpreendeu a família com um câncer — o discurso dele, forte, intensifica a tensão entre as relações e as perdas. Reviravoltas. Focada tanto na dor quanto nos poderes dessa doença, o câncer, que repetem por aí: “A gente pensa que nunca acontece com a gente”. Acontece.

Heróis desse universo irreal, os seguidores escrevem frases imediatas: “Força para você e sua família”, “Vai dar certo”, pautados na resposta solidária de referências a diversas sensações e agonias. No vídeo, o ator não aparece triste e faz o alerta que para as pessoas façam exames de mama, de próstata, pelo menos, o autoexame.

A primeira notícia, a segunda, notícia nenhuma. A dor ocidental, oriental é a mesma, mas precisamos ficar atentos, precisamos ficar perto de alguém que queremos bem, seja família ou amigos, um desconhecido, para mostrar a nós mesmos que política pode existir numa natureza longe do mundo dos negócios. Por que tanto medo do câncer?

Bruna Furlan de Nóbrega, neta do humorista Carlos Alberto de Nóbrega, uma jovem, está enfrentando um câncer de mama. Em entrevista à Carolina Ferraz, ela conta que percebeu na véspera de Natal que algo estava errado, o peito dolorido um nódulo grande e muito duro. O diagnóstico foi confirmado em 2 de janeiro: carcinoma mamário invasivo. Bruna aparece tranquila nas imagens, mas não esconde a fragilidade, a angústia.

Que as perdas são mais acentuadas que as vitórias, não tenho dúvida mas a coisa fica ainda mais cruel quando some a solidariedade — isso não é de hoje, isso não é de ontem, mas nem sempre são fatos consumados, apontando para um novo emergir e, quando menos se espera...

Noutro vídeo, Nelson Motta abre mão de seus livros — relíquias sobre a música do mundo, e faz a doação para ao Museu da Imagem e do Som, do Rio de Janeiro — em sua fala uma “plethora de alegria”, da coragem de se desfazer do que tinha, teve e terá da música humana música, cuja frase é dele.

Uma das poucas vezes a que temos mesmo que prestar atenção se queremos ganhar consciência daquilo que se passa com o outro, do que vem por aí, da necessidade de não lavar as mãos, mas tomar atitudes, que é uma coisa bela.

Não exatamente como fez Nelson Motta, nem o ator Leandro Lima, mas para os poucos que ainda se interessam, a vida pede um abraço.

Outra jovem aqui em João Pessoa, de 28 anos, perdeu a luta, perdeu os dias que viveria mais com um câncer, mas antes foi abandonada pelo marido, que fez postagens depois de perdê-la, dizendo que “ela era e será sempre o amor da vida dele”. A moça trabalhava cuidando da beleza dos outros, escovas e maquiagens.

Por que estou escrevendo isso? Num sei, só sei que pensar no outro não é apenas uma expressão espontânea e solidária. A origem dessa afirmação é mais antiga que o câncer.

Há muitos anos, estava no elevador do Hospital Napoleão Laureano, tinha ido fazer uma entrevista, e vi ali uma sertaneja aflita, desesperada. Não perguntei nada. Na saída, a vi no jardim. Uma mulher cujo o marido estava sendo operado com câncer no intestino — fiquei cerca de 40 minutos conversando com ela. Essa mulher me disse que não conhecia ninguém em João Pessoa.

Não sei de onde veio a minha vontade de ajudar os outros, mas fiz o que pude, fiquei em contato ela, não porque o brasileiro só é solidário quando o outro está com câncer, mas porque quem sabe faz a hora.

Às vezes estamos mutilados, vítimas do linchamento verbal, do preconceito, da maldade, da inveja e tudo é natural do ser humano.

Kapetadas

1 – A internet só ampliou o alcance das nossas gafes. Antes, elas morriam quase anônimas.

2 – As crianças sorriam para você. Os animais se aproximam de você. Estranhos te contam suas histórias. Sua energia não mente.



Foto: Divulgação

O jornalista Nelson Motta, que resolveu se desfazer dos livros

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Momento especial do cinema paraibano

Ao resgatar a história do cinema paraibano de uma fase que assisti muito de perto, o documentário *Parahyba* (1985) foi o primeiro filme do gênero realizado no estado, com recursos profissionais de cinema, em bitola 35mm, colorido, e melhor, com garantias comerciais previamente estabelecidas de exibição em todo o território nacional. E isto o teria qualificado como sendo o precursor de uma distinta fase do nosso cinema, considerado, então, o início de um momento novo e moderno das nossas produções.

Tudo começou com as reuniões que realizamos no Iphaep, na metade dos anos oitenta, na preparação do 4º Centenário da Paraíba. Eu, Linduarte Noronha, Wills Leal, Gonzaga Rodrigues, Barretinho Neto e José Octávio de Arruda Mello, intenso articulador do Grupo Zé Honório Rodrigues, que já coordenava também toda programação do 4º Centenário da Paraíba. Zé Octávio havia me convidado para responder pelo segmento de cinema do certame, em nome da ACCP, da qual fazia parte nessa época.

Nessas reuniões, que foram muitas, a grande questão era achar uma forma, uma argumentação forte, contundente, que representasse bem o estado e servisse como linha condutora da proposta do *Parahyba*. O roteiro eu já tinha começado a escrever havia algum tempo, com a participação de Barretinho, sendo por mim posteriormente concluído a quatro mãos com Machado Bittencourt,



Foto: Reprodução

O cineasta Machado Bittencourt ficou responsável pela direção do documentário “Parahyba”

que depois o assinaria também na finalização do filme.

Anteriormente, eu havia coordenado, por dois anos seguidos, a parte de cinema do Festival de Arte de Areia, quando introduzi pela primeira vez a Cinética Filmes de Campina Grande naquele certame. Nessa época, eu já tinha contato com o cineasta Machado Bittencourt, com quem realizei também o documentário *Cinema Inacabado*. O filme foi todo rodado em 16mm, a cores, inclusive revelado e montado na própria Cinética de Bittencourt. Foi uma homenagem ao Cinema Educativo da Paraíba e ao seu diretor João Cór-

dula e seus 25 anos de existência à frente da instituição.

Não obstante as razões até aqui revistas, o furor com que advieram outras realizações em bitolas não 35mm, na mesma época, portanto não profissionais, deve ser igualmente considerado. O fato é que, com o documentário *Parahyba*, sob suas características então mencionadas, houve de abrir uma nova perspectiva de produção para o nosso cinema. Consagrou, por assim dizer, uma nova etapa, que diria ser um “momento especial do cinema paraibano”. – Mais “Coisas de Cinema” em: www.alexantos.com.br



APC: exposição temática sobre Wills Leal

O presidente da Academia Paraibana de Cinema, João de Lima Gomes, juntamente com técnicos da Fundação Casa de José Américo, visitou na quinta-feira (29) passada a residência do jornalista Teócrita Leal, irmão do fundador da APC, Wills Leal. Na ocasião, a família foi informada da exposição temática sobre Wills Leal, que será aberta na segunda semana de março, na Unidade Tambaú da FCJA.

Durante o encontro, ao tomar conhecimento sobre a exposição, Teócrita cedeu por empréstimo algumas fotos relativas aos aspectos familiares de Wills em reuniões com sua família.

MÚSICA

Polyana Resende canta em dose dupla hoje

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Para quem é de samba, a ordem do mês que nos bate à porta é sambar. Ocupando hoje, a partir das 15h, o Largo da Igreja São Frei Pedro Gonçalves, no Varadouro, o grupo Trem das Onze convida para o *show* gratuito *A Ordem é Samba* quem entende do assunto: Potyziinho Lucena, Totonho, Preto Netto e Polyana Resende — que também se apresenta hoje, às 19h30, no Mercado Capim Fashion, nos jardins do Museu de História

da Paraíba, no Centro.

O encontro entre a cantora e compositora Polyana Resende e o Trem das Onze — grupo paraibano formado em 2008 com nome alusivo ao samba de 1964, composto por Adoniran Barbosa — já é recorrente na agenda da sambista. “A gente vez por outra faz uns trabalhos bacanas, eles sempre me convidam. Chico Limeira é um parceiro — a gente trabalha junto na Roda de Samba Buarque. E é muito bom quando a gente está todo mundo junto; é uma *vibe*, uma energia muito massa”, afirma Polyana.

Com planos para o

ano que se inicia, Resende adianta um novo *single* para este semestre — seu último lançamento foi a repaginada “Vaitimbora” (2025), em *feat* com 4Step, Aldo e Seu Pereira. Dentro da programação do Carnaval, entre outros eventos, Polyana abrirá o *show* da cantora Fafá de Belém junto ao bloco As Raparigas de Chico, no dia 14 de fevereiro, na praça Dom Adauto, do Centro da cidade.

“Fora as segundas-feiras sagradas do ano, em que a gente está lá no Sanhauá Samba Clube, na Vila do Porto, fazem-

do um samba que já está conhecido nacionalmente. Muita gente que já vem aqui para João Pessoa turistar, planejando ir para o samba, a gente recebe muita gente de vários lugares do mundo também”, afirma a sambista.

ONDE:

■ LARGO DE SÃO FREI PEDRO GONÇALVES (Varadouro, João Pessoa).

Foto: Natália Di Lorenzo/Divulgação

Polyana Resende estará à noite no Mercado Capim Fashion e à tarde no Varadouro (com Trem das Onze e Totonho)

Foto: Reprod./Facebook



Foto: Jean Sinfrônio/Divulgação



Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

História, historiadores

José Octávio de Arruda Mello comparece, na cena cultural da cidade, com a segunda edição, revista e atualizada, de *Nova História da Paraíba – Das Origens aos Tempos Atuais* (João Pessoa: Tamarindo, 2025), com posfácio do escritor Luiz Augusto Paiva, responsável pelos dados e informações mais recentes, a título de complementação.

Trata-se de útil e sintético manual, com fins propedêuticos e didáticos, calcado na fidedignidade aos fatos históricos e ao conhecimento preliminar das circunstâncias decisivas e seus personagens, especialmente no que concerne aos interesses de estudantes e professores. Estudo de índole geral, lança mão da descrição factualista, embora não se esquivе, aqui e ali, de se valer de lances de caráter exegético, na linhagem de uma história que me parece mais interpretação crítica do que a simples narração de acontecimentos.

A propósito, esta tem sido, quero crer, a nítida inclinação do historiador, discípulo de José Honório Rodrigues, sobretudo, quando enfrenta a complexidade dos grandes temas, a exemplo do denso e sistemático. A revolução estatizada: um estudo sobre a formação do centralismo em 1930, ou mesmo os aspectos pontuais de assuntos periféricos, como o faz em *Os Coretos no Cotidiano de uma Cidade – Lazer e Classes Sociais na Capital da Paraíba*.

José Octávio de Arruda Mello é escritor prolífero. Pesquisador incansável e sempre atento aos andamentos da história local, situada em contexto mais amplo e aliada à permanente renovação teórica e metodológica dos instrumentos cognitivos com os quais lê e analisa episódios, fenômenos e personalidades. Há, nele, a marca do polígrafo referencial e a saudável inquietação dos que pensam e produzem. Ele, que se habituou ao manejo das fontes históricas, transmuta-se em fonte viva para muitos historiadores da província, principalmente para aqueles que se voltam, numa vertente mais geral, para as histórias municipais ou, em outra dimensão, para a curiosidade de assuntos específicos.

José Avelar Freire, com *Alagoa Grande – Sua História* (1625-2020) (João Pessoa: Ideia, 2025), obra em dois volumes, parece seguir a primeira tipologia, centrada, sobremaneira, mais na força do elemento factual do que no viés heurístico aplicado à matéria histórica de grande magnitude. Geografia, estatística, administração, economia, esportes, cultura, religião, artes, literatura, costumes, personagens e tantos outros ingredientes são revistos e evocados ao longo de suas páginas com o objetivo de fornecer, ao leitor, a descrição mais completa e mais detalhada possível acerca das características daquele importante município do brejo paraibano.

Para ilustrar o segundo modelo historiográfico, recorro ao livro, volume 1, de Edvaldo Nunes, intitulado *Um Belo Campeão, uma Vida que Segue – A Década de 1930 do Botafogo da Paraíba* (João Pessoa: A União, 2024).

Aqui, o autor, que é engenheiro e poeta, procura fugir ao mito dos grandes fatos históricos e volta-se para as miudezas do cotidiano de uma época, a década de 1930, fixando seu interesse num time de futebol, o Botafogo, dentro daquela perspectiva factual que descreve e narra os acontecimentos, sem se comprometer, mais a fundo, com a sua análise e a sua interpretação.

José Octávio, prefaciando a obra, sinaliza para a sua amplitude, na medida em que, focando, em especial, a história do Botafogo, estende-se por toda a década de 1930, trazendo à tona elementos que ultrapassam o recorte esportivo. Vê, também, em seus capítulos, algo de antropológico característico da história cultural e do cotidiano.

Acredito que, tanto nesta quanto naquela perspectiva, o factualismo tem a sua validade. A ordenação dos fatos, o estudo dos tipos, a distinção de alguns momentos ou de alguns atores sociais, enfim, a preocupação com a variedade e a diferença dos materiais históricos, constituem uma primeira etapa na composição do conhecimento. A bem da verdade, a interpretação crítica não se faz no vazio. Daí a relevância dessas inúmeras descrições, desses cuidadosos levantamentos de dados, dessas narrativas que consolidam a imagem física, cultural e simbólica de uma região ou de um povo.

LITERATURA

Livraria A União recebe três lançamentos

Evento será amanhã, com publicações de perfis variados

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Comemorando os 133 anos do jornal **A União** e os três anos da Livraria A União Poeta Juca Pontes, ambos os veículos da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) promoverão, amanhã, a Celebração das Letras, evento que trará a público três livros, impressos do parque gráfico deste equipamento público. *Allyrio em Sete*, organizado por Delzymar Dias, *O Pó das Sandálias*, de Pereira da Silva, e *Sarauzinho – A Poesia do Tempo*, com poemas do Grêmio Literário Joaquim Inojosa, serão lançados a partir das 18h, na sede da livraria, situada no Espaço Cultural, em João Pessoa (bairro de Tambauzinho). A entrada é franca.

ONDE:

■ **LIVRARIA A UNIÃO – POETA JUCA PONTES** (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho, João Pessoa).

Allyrio em Sete está dividido em duas partes. Na primeira, críticos e pesquisadores importantes do nosso estado, como Gonzaga Rodrigues e Bruno Gaudêncio, analisam o legado de Allyrio Meira Wanderley, patoense autor de livros como *Sol Criminoso* e *Cães Sem dono*. Na segunda parte, o leitor tem contato com sete textos do próprio analisado, escritos a partir de 1930 e que refletem sobre o seu ofício e a sociedade em que estava imerso. O autor e sua obra serão tema da próxima edição do suplemento literário *Correio das Artes*.

O Pó das Sandálias é a reedição de um dos livros mais conhecidos de Pereira da Silva, paraibano de Araruna e o primeiro literato do estado a assumir posto na Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1933. O livro compila poemas subdivididos em três capítulos: o primeiro, homônimo ao livro; o segundo, chamado “Vozes e visões”; e o terceiro, intitulado “Cismas e sombras”. O projeto integra a Coleção A União, que conta com novas edições de livros há muito tempo esgotados em suas primeiras tiragens.

Por fim, *Sarauzinho – A Poesia do Tempo* reúne textos de jovens autores que compõem o Grêmio Literário Joaquim Inojosa, do município de Princesa Isabel. Os organizadores Emmanuel Conserva de Arruda e Rosilene Leonardo da Silva apresentam poemas de 18 autores, a exemplo de Analice Siqueira, Iara Antaes, Júlio César Rodrigues, Matheus Carvalho e Suely Medeiros. A obra contou com recursos da Lei Paulo Gustavo para sua impressão.

William Costa, diretor de mídia impressa da EPC, assevera que o jornal, a editora e a livraria A União têm uma relação intrínseca, não apenas por serem braços da Empresa Paraibana de Comunicação, mas pelos processos históricos que interligam os três segmentos. “Esses aniversários são um acontecimento da maior importância no campo jornalístico, cultural e histórico. E tudo isso dentro de um processo de modernização gráfica e editorial constante, nunca estagnado, e tornando seus produtos mais atrativos do ponto de vista gráfico, sem nos esquecermos da informação”, resume o diretor.

Em Cartaz



Cinema

Programação de 29 de janeiro a 4 de fevereiro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

ALERTA APOCALIPSE (*Cold Storage*). França/EUA, 2026. Dir.: Jonny Campbell. Elenco: Joe Keery, Georgina Campbell, Liam Neeson, Lesley Maville. Comédia/terror. Civis se unem a agente do Pentágono para combater o vazamento de um fungo que contamina as pessoas em massa. 1h39. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 19h20. **CENTERPLEX MAG 4:** dub.: 16h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 8:** dub.: dom., ter. e qua.: 15h30, 18h15, 21h; seg.: 15h30, 18h15. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2:** dub.: 16h15, 21h. **CINESERCLA TAMBÁ 4:** dub.: 20h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 20h50. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 18h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 16h20; seg. a qua.: 16h45.

O MENINO E O PANDA (*Moon le Panda*). França/Bélgica, 2025. Dir.: Gilles de Maistre. Elenco: Noé Liu Martane, Sylvia Chang. Aventura. Na casa da avó, nas remotas montanhas chinesas, garoto faz amizade com um panda. 1h40. 6 anos.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBÁ 3: dub.: 14h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 14h.

O PRIMATA (*Primate*). EUA/Reino Unido/Canadá/Austrália, 2025. Dir.: Johannes Roberts. Elenco: Johnny Sequoyah, Jess Alexander, Troy Kotsur. Suspense. Quando chipanzé de estim,ação contrai raiva, os participantes de uma festa precisam se refugiar na piscina para fugir da fúria assassina do bicho. 1h29. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 14h15, 16h30, 18h45, 21h. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3:** dub.: 14h, 16h, 18h, 20h. **CINESERCLA TAMBÁ 2:** dub.: 16h10, 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h10, 21h. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 21h15. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: 18h40, 20h50. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 16h40; seg. a qua.: 21h25.

SONG SUNG BLUE – UM SONHO A DOIS (*Song Sung Blue*). EUA, 2025. Dir.: Craig Brewer. Elenco: Hugh Jackman, Kate Hudson, Ella Anderson. Drama. Casal de cantores monta uma banda de tributo a Neil Diamond, experimentando sucesso e desilusão. 2h12. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 16h30, 21h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP):** leg.: 16h30, 19h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h15. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 18h50. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 14h.

PRÉ-ESTREIA

SOCORRO! (*Send Help*). EUA, 2026. Dir.: Sam Raimi. Elenco: Rachel McAdams, Dylan O'Brien. Suspense. Funcionária exemplar e chefe abusivo se tornam os únicos sobreviventes em uma ilha, iniciando um intenso jogo de poder. 1h53. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 18h15; leg.: 20h45. **CINÉPOLIS MANAÍRA 2:** dub.: 13h30, 19h15, 21h45. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2:** dub.: 13h45, 18h30. **CINESERCLA TAMBÁ 3:** dub.: 16h30, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 16h, 20h45. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 18h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: seg. a qua.: 16h30. **CINEMAXXI CIDADE LUZ 3:** dub.: seg. a qua.: 19h.

ESPECIAL

INFINITE ICON – UMA MEMÓRIA VISUAL (*Infinite Icon A Visual Memoir*). EUA, 2026. Dir.: J.J. Duncan e Bruce Robertson. Documentário. A trajetória musical de Paris Hilton. 1h58. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: seg.: 21h.

REAPRESENTAÇÃO

UMA BATALHA APÓS A OUTRA (*One Battle after Another*). EUA, 2025. Dir.: Paul Thomas Anderson. Elenco: Leonardo DiCaprio, Sean Penn, Benicio Del Toro, Regina Hall. Aventura/drama. Grupo de ex-revolucionários se unem para salvar a filha de um deles quando seus inimigos retornam após 16 anos. 2h41. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): dub.: 14h.

PECADORES (*Sinners*). EUA, 2025. Dir.: Ryan Coogler. Elenco: Michael B. Jordan, Hailee Steinfeld, Miles Caton. Terror. Dispostos a deixar suas vidas conturbadas para trás, irmãos gêmeos retornam à cidade natal, quando descobrem um mal ainda maior. 2h17. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 17h30.

CONTINUAÇÃO

O AGENTE SECRETO. Brasil/França/Países Baixos/Alemanha, 2025. Dir.: Kléber Mendonça Filho. Elenco: Wagner Moura, Tânia Maria, Carlos Francisco, Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hermila Guedes, Alice Carvalho, Udo Kier, Thomás Aquino, Buda Lira, Joëlsson Cunha, Suzy Lopes, Cely Farias. Drama. Em 1977, durante a ditadura militar, homem chega a Recife se escondendo de perseguidores. Indicado a 4 Oscars: filme, ator, filme internacional e produção de elenco. Prêmios de melhor direção e ator em Cannes. Vencedor de dois Globos de Ouro: ator/drama e filme de língua não inglesa. 2h38. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 5: 13h15, 16h45, 20h45. **CINÉPOLIS MANAÍRA 7:** 18h, 21h15. **CINESERCLA TAMBÁ 2:** 18h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: 18h. **Patos:** CINE GUEDES 1: 20h20. **PATOS MULTIPLEX 3:** 19h20. **Remígio:** CINE RT: dub.: ter.: 20h.

AVATAR – FOGO E CINZAS (*Avatar – Fire and Ash*). EUA, 2025. Dir.: James Cameron. Elenco: Sam Worthington, Zoe Saldana, Sigourney Weaver, Oona Chaplin, Kate Winslet. Ficção

científica/ aventura. No planeta Pandora, família na'vi sofre perda e enfrenta tribo hostil. Indicado a 2 Oscars. 3h15. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 20h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 4:** dub.: 13h, 17h, 21h. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4:** dub.: 17h30, 21h30. **CINESERCLA TAMBÁ 6 (laser):** dub.: 16h30, 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: 16h30, 20h. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 3: dub.: 3D: dom.: 15h15; seg. a qua.: 15h25. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e qua.: 15h40; seg.: 19h50.

BOB ESPONJA – EM BUSCA DA CALÇA QUADRADA (*The Sponge Bob Movie – Search for Square Pants*). EUA, 2025. Dir.: Derek Drymon. Animação. Para provar sua bravura, Bob Esponja segue o pirata fantasma Holandês Voador até as profundezas do oceano. 1h28. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 14h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 8:** dub.: 13h15. **CINESERCLA TAMBÁ 4:** dub.: 14h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 14h40.

DAVI – NASCE UM REI (*David*). EUA, 2025. Dir.: Phil Cunningham e Brent Dawes. Aventura/religioso/animação. Pastor enfrenta gigante e se torna um rei. 1h49. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 15h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 7:** dub.: 13h, 15h30. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4:** dub.: 12h30, 15h. **CINESERCLA TAMBÁ 1:** dub.: 18h20. **CINESERCLA TAMBÁ 4:** dub.: 16h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 16h30. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 15h45. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: dom.: 16h; seg. a qua.: 16h10. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom., seg. e qua.: 13h50; ter.: 18h.

A EMPREGADA (*The Housemaid*). EUA, 2025. Dir.: Paul Feig. Elenco: Sidney Sweeney, Amanda Seyfried, Brandon Sklenar, Elizabeth Perkins. Suspense. Empregada doméstica trabalha para família rica, mas tanto ela quanto os patrões escondem segredos sombrios. 2h11. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 17h15. **CINÉPOLIS MANAÍRA 6:** leg.: 14h, 17h15, 20h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE):** dub.: 13h45, 17h, 20h. **CINESERCLA TAMBÁ 5:** dub.: 15h30, 18h, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h30, 18h, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 20h50. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: 20h05. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: seg. a qua.: 21h10. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e qua.: 20h40; seg. e ter.: 15h40.

HAMNET – A VIDA ANTES DE HAMLET (*Hamnet*). Reino Unido/EUA, 2025. Dir.: Chloé Zhao. Elenco: Jessie Buckley, Paul Mescal, Emily Watson. Drama. Esposa de Shakespeare lida com a perda de seu filho. Indicado a 8 Oscars, incluindo melhor filme, direção e atriz. Vencedor de 2 Globos de Ouro: filme/drama e atriz/drama. 2h05. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 13h30.

JUSTIÇA ARTIFICIAL (*Mercy*). EUA/Rússia, 2026. Dir.: Timur Bekmambetov. Elenco: Chris Pratt, Rebecca Ferguson, Kali Reis. Policial. Acusado de ter cometido um crime, detetive precisa provar sua inocência. 1h40. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 16h45. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 5:** dub.: 20h15. **CINESERCLA TAMBÁ 1:** dub.: 20h30.

MARTY SUPREME (*Marty Supreme*). Finlândia/EUA, 2025. Dir.: Josh Safdie. Elenco: Timothée Chalamet, Gwyneth Paltrow, Odessa A'zion, Tyler the Creator, Fran Drescher, Sandra Bernhard. Drama. Traficante se torna um astro do tênis de mesa. Indicado a 9 Oscars, incluindo filme, direção e ator. Globo de Ouro de ator/comédia ou musical. 2h29. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 20h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 3:** leg.: 18h45, 22h.

TERROR EM SILENT HILL – REGRESSO PARA O INFERNO (*Return to Silent Hill*). França/EUA/Reino Unido/Alemanha/Sérvia/Japão, 2026. Dir.: Christophe Gans. Elenco: Jeremy Irvine, Hannah Emily Anderson, Robert Strange. Terror. Homem volta a uma cidade para reencontrar um amor, mas encontra figuras sombrias. 1h46. 16 anos.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBÁ 3: dub.: 18h40. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 16h. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: dom.: 17h30; seg. a qua.: 17h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 18h40; seg. a qua.: 19h.

VALOR SENTIMENTAL (*Affektsjónsverdi*). Noruega/Alemanha/Dinamarca/França/Suécia/Reino Unido/Turquia, 2025. Dir.: Joachim Trier. Elenco: Renate Reinsve, Stellan Skarsgård, Inga Lissdotter Lilleaas, Elle Fanning. Drama. Diretor oferece o papel em seu novo filme para sua filha. Quando ela recusa, ele escala uma jovem estrela de Hollywood que entra nessa complicada relação. Indicado ao Oscar de filme de animação. 2h13. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 20h30.

ZOOTÓPIA 2 (*Zootopia 2*). EUA, 2025. Dir.: Jared Bush e Byron Howard. Vozes na dublagem brasileira: Monica Izzi, Rodrigo Lombardi, Danton Mello. Comédia/aventura/animação. Coelho e raposa policiais investigam o misterioso aparecimento de uma cobra em Zootopia. 1h48. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 18h. **CENTERPLEX MAG 3 (Atmos):** dub.: 14h45. **CINÉPOLIS MANAÍRA 3:** dub.: 13h45, 16h15. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 5:** dub.: 13h, 15h30, 17h45. **CINESERCLA TAMBÁ 4:** dub.: 18h40. **CINESERCLA TAMBÁ 6 (laser):** dub.: 14h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: 14h20. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 15h30. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: dom.: 14h40; seg. a qua.: 15h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 14h10. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e qua.: 18h50; ter.: 13h50; seg.: 18h.

HOJE

1932 – O QUE ACONTECEU?. Do Coleto 32 de Teatro.

João Pessoa: TEATRO EDNALDO DO EGYPTO (Av. Maria Rosa, nº 284, Manaira). Domingo, 1/2, 19h. Ingressos: R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia), antecipados na plataforma Symppla.

HERDEIROS DE GALINHA. Texto e direção: Edvan Lima. Comédia. Luta por uma herança expõe hipocrisias familiares.

João Pessoa: TEATRO DO SESC (Sesc Centro de Cultura, Arte e Esporte, R. Desembargador Souto Maior, nº 281, Centro). Domingo, 1/2, 19h. Ingressos: R\$ 40 (inteira), R\$ 30 (amigo) e R\$ 20 (meia), antecipados na plataforma Symppla.

Música

HOJE

PAPANGU + ANTIKIAN + VERMOG. Shows das bandas da Paraíba e Rio Grande do Norte.

João Pessoa: CARAVELA CULTURAL (Av. General Osório, nº 63, Centro). Domingo, 1/2, 18h. Ingressos: R\$ 60 (inteira), R\$ 40 (social) e R\$ 30 (meia), antecipados no site Shotgun.

QUADRILHA. Shows do quarteto paraibano.

João Pessoa: RECANTO DA CEVADA (R. Bancário Waldemar de Mesquita Accioly, Parque das Três Ruas, nº 53, Bancários). Domingo, 1/2, 19h. Ingressos: R\$ 30, antecipados no site Shotgun.

SALÃO DE ARTESANATO DA PARAÍBA. Apresentações musicais. Domingo (1/2): 17h - Castelo de Histórias; 20h - Caburé.

João Pessoa: Estacionamento do HOTEL TAMBAÚ (Av. Almirante Tamandaré, Tambaú). Domingo, 1/2, 17h. Entrada franca.

TREM DAS ONZE. Grupo recebe convidados para shows de samba no projeto A Ordem É Samba: Polyana Resende, Potyziinho, Totonho e Preto Netto.

João Pessoa: PRAÇA SÃO FREI PEDRO GONÇALVES (Varadouro). Domingo, 1/2, 15h. Entrada franca.

TRIO PITANGUEIRA. Grupo de jazz convida Das Neves.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Domingo, 1/2, 19h. Ingressos: R\$ 40 (inteira), R\$ 20 (meia) e R\$ 10 (promocional), antecipados no site Shotgun.

USINA DE VERÃO. Shows e discotecagens na Tenda da Música. Domingo: Mestre Fuba e Orquestra Pop Frevo (19h)

João Pessoa: USINA CULTURAL ENERGISA (R. João Bernardo de Albuquerque, nº 243, Tambaú). Domingo, 1/2, 18h. Entrada franca.



DESCUIDO

Gestores admitem falhas em políticas ambientais na PB

Segundo o IBGE, 144 Prefeituras ignoram o destino das embalagens de agrotóxicos usados em seus territórios

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

Parte dos gestores públicos paraibanos desconhece regras relacionadas à aplicação, ao transporte e à destinação de agrotóxicos — normativas de extrema importância quando o assunto é controle ambiental, devido às consequências do uso dos pesticidas à natureza e à saúde humana. Na edição mais recente da Pesquisa de Informa-

Lei instituiu logística reversa obrigatória, mas os entes envolvidos desconhecem procedimentos

ções Básicas Municipais (Munic), 16 Prefeituras do estado, incluindo Mamanguape, Rio Tinto e Sapé — referências na produção local de cana-de-açúcar — admitiram, oficialmente, ao Governo Federal que as embalagens de agrotóxicos são queimadas em lixões ou aterros sanitários, prática terminantemente proibida pela Política Nacional de Resíduos Sólidos.

Com dados coletados de 2024 a 2025, o levantamento — divulgado, em outubro, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) — mostrou que 144 administrações municipais, ou seja, 64,5% de toda a Paraíba, não sabiam o destino final dos resíduos perigosos. Quanto à responsabilidade pelo recolhimento e transporte das embalagens de agrotóxicos, outro dado preocupante: 122 gestores não souberam afirmar quem assumia essa res-

ponsabilidade em seus municípios.

Segundo a Munic, as Prefeituras de Camalaú, Congo, Coxixola, Gurjão, Mamanguape, Ouro Velho, Rio Tinto, Santo André, Sapé, São João do Cariri, São João do Tigre, São José dos Cordeiros, São Sebastião do Umbuzeiro, Tavares e Zabelê informaram ter realizado queima de embalagens de agrotóxicos em aterros/lixões dentro de seus próprios territórios, enquanto a administração de Nova Olinda respondeu que o procedimento ocorreu fora do município.

Procuradas por A União, somente as gestões dos municípios de Congo, Ouro Velho

e Gurjão responderam aos questionamentos da reportagem. Todas elas contestaram as informações divulgadas pelo IBGE, embora o relatório seja oficial e produzido com base em respostas enviadas pelo Poder Público local.

A Prefeitura de Congo afirmou que não reconhece a prática. “Não temos mais lixão em nosso município e nossa coleta semanalmen-

te recolhida é destinada a Ecosolo, em Campina Grande”, alegou.

O atual secretário de Agricultura e Meio Ambiente de Ouro Velho, Edijunior de Sousa Cassiano, declarou desconhecer as informações prestadas ao IBGE, alegando que os dados são anteriores à sua chegada à administração, ocorrida em abril de 2025. Ele acrescentou que a gestão do meio ambiente só foi iniciada oficialmente no município em agosto de 2025, integrada à Pasta que, antes, era voltada unicamente ao setor de Agricultura.

“Estamos desenvolvendo um trabalho contínuo de conscientização junto aos produtores rurais, orientando sobre a não utilização de agrotóxicos sem as devidas orientações técnicas, bem como sobre a forma correta de descarte das embalagens, em conformidade com a legislação ambiental vigente”, sustentou.

O secretário municipal de Meio Ambiente de Gurjão, Ramir Coutinho, afirmou que o lixão do município foi desativado em 2020 e que os produtores locais não utilizam agrotóxicos. “Não temos essa prática, por conta da nossa região semiárida”, declarou.

Riscos

Segundo a engenheira sanitária e ambiental Carla Silva, o processo de combustão de embalagens de agrotóxicos libera gases, partículas e compostos que podem causar vários danos à saúde. “Esse procedimento é totalmente irregular; a queima gera dioxinas e furanos, que são substâncias altamente tóxicas e associadas a efeitos crônicos da saúde”, explica.

Márcia Cezar, coordenadora do projeto Cultivo Limpo, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), aponta que a prática viola diretamente a Política Nacional de Resíduos Sólidos, “sobretudo porque causa impactos negativos ao meio ambiente e principalmente à saúde da população”.

“Em um cenário de curto prazo, as pessoas expostas a essa situação podem apresentar asma, bronquite e doenças pulmonares, levando ao aumento da procura pelo ser-

Pesquisa realizada de 2024 a 2025 mostrou que resíduos perigosos foram queimados em lixões e aterros sanitários

Aplicação aérea ocorre em 35 municípios

Também conforme a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos 223 municípios paraibanos, 35 informaram haver aplicação aérea de agrotóxicos em seu território. A prática é prevista em lei, desde que respeitados critérios de segurança; ainda assim, é alvo de diversas críticas relacionadas aos perigos para quem aplica, para consumidores dos produtos ali cultivados e para a população da região onde os pesticidas são pulverizados.

Conforme a Instrução Normativa nº 2, de 2008, não é permitida a aplicação aérea de agrotóxicos em áreas situadas a distância mínima de 500 m de povoações, cidades, vilas, bairros e mananciais de captação de água para abastecimento de população, como



Pelo QR Code acima, acesse a Munic na íntegra

também a 250 m de mananciais de água, moradias isoladas e agrupamentos de animais.

De acordo com o Ministério Público da Paraíba (MPPB), existe um procedimento preparatório instaurado com base em notícia de fato anônima, sobre suposto uso irregular de agrotóxicos em propriedade na Zona Rural de Sapé. Em tramitação desde novembro do ano passa-

do, a medida encontra-se em fase de instrução, no aguardo de informações requisitadas aos órgãos ambientais.

A Gerência de Defesa Vegetal da Sedap, por sua vez, registrou uma fiscalização de campo relacionada à aplicação aérea de agrotóxicos. A ocorrência foi realizada no município de Conde, em 2025, após uma denúncia do Ministério Público sobre possível deriva causada por aplicação com drone.

“A fiscalização decorreu de denúncia de possível deriva ocasionada por aplicação com uso de drone e, na ocasião, não foram constatadas irregularidades que resultassem em autuação administrativa, tampouco houve interdição de aeronave”, informa a secretária-executiva Girlene Alencar.

Na avaliação da engenheira sanitária e ambiental Carla Silva, a prática apresenta riscos significativos, principalmente

pelo fenômeno da deriva técnica, que faz com que o agrotóxico não se restrinja à área alvo de aplicação.

“O processo de deriva técnica acontece quando esse agrotóxico que foi pulverizado não fica restrito à área-alvo, sendo carregado pelo vento. E vários fatores influenciam nessa deriva técnica, como o tipo de produto, o tamanho das gotas, a altura do voo e as condições climáticas na hora do voo. Então, esse produto pode ficar restrito à zona-alvo ou atingir até quilômetros de distância”, alerta.

A coordenadora do projeto Cultivo Limpo da UFPB, Márcia Cezar, pondera que a aplicação de agroquímicos por drone pode ser uma alternativa que oferece menor risco em comparação aos aviões convencionais. Para ela, como não há trabalhadores envolvidos no processo, reduz-se o risco de contaminações. Contudo, Márcia Cezar sugere a “adoção de práticas alternativas de manejo integrado de pragas, doenças e plantas invasoras, que reduzem o número de aplicações de agrotóxicos, não contaminam o ambiente e nem o aplicador, e proporcionam o equilíbrio do ambiente”.



Prática está condicionada a normas rígidas, mas especialista aponta que o método não garante segurança absoluta



Foto: Pedro França/Agência Senado

Uma das pautas da Casa é a sugestão do advogado-geral da União, Jorge Messias, para o cargo de ministro da Suprema Corte

AGENDA

Senado analisa indicações para STF e outros órgãos

Ao menos 24 pessoas devem ser sabatinadas por parlamentares ao longo do ano

Da Redação
com Agência Senado

Os senadores iniciam os trabalhos, em 2026, com pelo menos 24 nomes na fila das sabatinas para cargos de autoridade. Desses, 17 são indicados para chefiar embaixadas do Brasil no exterior.

Entre as indicações a serem analisadas pelo Senado, está a de Jorge Messias, atual advogado-geral da União, para o cargo de ministro do Supremo Tribunal Federal (STF). Ele deve passar por sabatina na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) antes da votação no Plenário.

O nome de Messias foi anunciado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em novembro do ano passado, e o Senado aguarda o envio da mensagem presidencial que formaliza a indicação. Messias busca ocupar a vaga do ex-ministro Luís Roberto Barroso, que se aposentou em outubro.

CVM

O Poder Executivo também indicou dois nomes para a direção da Comissão de Valores Mobiliários (CVM). Os advogados Otto Eduardo Fonseca de Albuquerque Lobo e Igor Muniz tiveram seus nomes publicados no Diário Oficial da União (DOU), no dia 7 de janeiro. Agora, serão sabatinados pelos senadores da Comissão de Assuntos Econômicos (CAE), que aguarda a documentação oficial.

Lobo já era diretor da CVM e exerce a presidência interina desde julho de 2025.

Segundo a comissão, apenas dois de cinco dire-

Transição

Além do Supremo Tribunal Federal, também ganharão novos membros a Comissão de Valores Mobiliários e os conselhos nacionais de Justiça e do Ministério Público

tores titulares estão em atividade atualmente, o que pode atrasar o julgamento de processos.

A Comissão de Valores Mobiliários foi criada em 7 de dezembro de 1976, por meio da Lei nº 6.385, com o objetivo de disciplinar, fiscalizar e desenvolver o mercado de valores mobiliários no Brasil. Trata-se de uma entidade autárquica, em regime especial, vinculada ao Ministério da Economia. A CVM possui personalidade jurídica e patrimônio próprios, dotada de autoridade administrativa independente, ausência de subordinação hierárquica, mandato fixo e estabilidade de seus dirigentes, além de autonomia financeira e orçamentária.

Judiciário

O Senado já recebeu a indicação de dois nomes para compor o quadro de 15 membros do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e dois para integrar as 14 cadeiras do Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP) — órgãos que fisca-

lizam a atuação dos juízes e dos procuradores e promotores, respectivamente. Três das indicações são do Superior Tribunal de Justiça (STJ), e uma da Procuradoria-Geral da República. São elas:

- Carl Olav Smith, juiz do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (TJRS), para o CNMP;
- Marcio Barra Lima, procurador regional da República, para o CNMP;
- Andréa Cunha Esmeraldo, desembargadora do Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF2), para o CNJ; e
- Ilan Presser, juiz federal da 1ª Região, para o CNJ.

A Presidência da República indicou ainda, em dezembro, a desembargadora Margareth Rodrigues Costa, do Tribunal Regional do Trabalho da Bahia (TRT-BA), para ocupar o cargo de ministra do Tribunal Superior do Trabalho (TST).

O Conselho Nacional de Justiça é um órgão do Poder Judiciário que tem entre suas funções: zelar pela autonomia do Poder Judiciário e pelo cumprimento do Estatuto da Magistratura; julgar processos disciplinares; e receber petições eletrônicas e representações contra membros ou órgãos do Judiciário, inclusive contra seus serviços auxiliares. Qualquer cidadão pode acionar o CNJ.

Fim de mandatos

O número de indicações a serem analisadas pelos senadores deve aumentar ao longo do ano, pois, em 2026, pelo menos outras 38 vagas devem ser abertas em agências reguladoras, tribunais superiores e demais órgãos

do Executivo e Legislativo, cujos indicados precisam passar pela análise da Casa.

Neste ano, terminam os mandatos de oito membros do CNJ e de cinco do CNMP. O mesmo ocorre com o defensor público-geral da União, indicado pelo presidente da República. Devem encerrar-se, ainda, os mandatos de:

- 20 diretores de agências reguladoras, entre elas a Agência Nacional de Proteção de Dados (ANPD);
- um ministro do Tribunal de Contas da União (TCU);
- três membros do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade).

Além disso, dois ministros do STJ podem aposentar-se nos próximos meses, em razão da idade de 75 anos: Antonio Saldanha Palheiro e Geraldo Og Nicéas Marques Fernandes.

Anos anteriores

Em 2025, o Senado aprovou 72 indicações para cargos de autoridade. O número foi quase o dobro de 2024, quando 37 nomes foram acatados. Em 2023, a Casa legislativa aprovou 90 indicações do gênero.

■ Número de análises pode aumentar nos próximos meses, com a abertura de vagas em agências reguladoras e tribunais

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (29)

No evangelho dos doidos, Jonas foi quem engoliu a baleia.

No dia 20 de maio de 2002, recebi uma carta da Augusta e Respeitável Loja de Pesquisas e Iniciática “Segredos da Pirâmide” nº 16, comunicando que no dia 23 de abril foi aprovado meu pedido de iniciação nos segredos da Maçonaria.

Animado para a festa de iniciação, arrumei emprestado um paletó preto e a respectiva gravata. Mas existia uma profecia negativa que dizia que eu jamais seria um maçom. Por não ter 500 mangos, uma espécie de “joia”, desisti de entrar na irmandade.

Deixei de pertencer ao Grande Oriente e entrar para a Academia Maçônica de Letras e Artes por não ter condições de investir míseros R\$ 500. Mas é isso mesmo. Pobre não merece nem chegar perto dos “Segredos das Pirâmides”. No máximo, toma conhecimento de pequenos fuxicos da periferia.

Em outubro de 2023, o poeta cordelista Massilon Silva, de Aracaju, Sergipe, reuniu poemas e crônicas fesceninas com o título “O livro vermelho da putaria”. O texto de apresentação ficou por conta do cordelista Fábio Mozart. Nunca mais tive notícias do destino dessas putarias de Massilon.

Eu escrevi o cordel “Dicionário Vavá da Luz de Safadezas e Ideias Afins”, que pretendia ser sarcástico, irreverente, satírico, burlesco, escabroso e chulo, mas foi humilhado pelo “Livro Proibido de Vavá da Luz”, outra obra prima safada questionadora dos códigos morais, a que se junta “O livro vermelho da putaria”, desse grande obsceno e talentoso poeta Massilon Silva, seguidor de Bocage, o príncipe da literatura fescenina.

O promotor de Justiça Adelmo Pinho, de Araçatuba, São Paulo, gosta da literatura de cordel, escreve seus versos, porque cordelista nasce como capim nessas quebradas brasileiras, do Sul ao Norte, cada qual com sua pegada.

Ele garante que não é refratário à tecnologia, respeita a inteligência artificial, mas “não venha botar gosto ruim de androide no meu poema”.

Percebo que, se matarem todos os poetas, a população mundial sofrerá um abalo considerável. Todo bichinho de orelha se declara poeta.

Cito outro poeta de blog, Sérgio Vaz: “Se todo mundo que fala que é, fosse, a gente não estaria nesta fossa”. Poeta é um escritor que compõe poesia. Ou um cronista, romancista, cujos escritos se encharcam de poesia.

Redigir poesia é um troço tão forte em alguns indivíduos que é assim: escrever ou morrer. Muitos escrevem e morrem.

A escritora americana Sylvia Plath suicidou-se em 1963, aos 30 anos. Outra americana, Virginia Woolf, a portuguesa Florbela Espanca e a brasileira Ana Cristina Cesar se mataram.

O ofício de escrever tem a função de dar uma arranjada no discernimento da pessoa que escreve, porém, corre-se o risco de desatinar.

Há, entretanto, o poeta chato. Ele veste uma camisa com a legenda “Poeta fulano de tal” e sai declamando seus versos, diria até que impondo sua produção.

Conheço uma figura extravagante nessa linha. Vai ao passeio toda manhã com seus poemas debaixo do braço. Em rigorosa abstinência de senso do ridículo, detém a primeira pessoa que encontra e lê os tais poemas de patas espedaçadas. Constrangedor ver as pessoas evitando dar de cara com o vate.

A pessoa me chame de tudo que é ruim, mas não me chame de vate!

Em muro da capital da Paraíba, poesia sem afetação salienta-se: “A vida é uma dádiva, a vida é uma dúvida, a vida é uma dívida”. Parece com Lau Siqueira, mas não tenho certeza.

Um olhar *haikai* sobre o nosso mundo imediato. Matéria-prima, mesmo, está nas “camadas inferiores”, no proletariado periférico e cangaceiro.

ALERTA NA ÍNDIA

Novo surto viral preocupa a Ásia

Vírus Nipah pode ser transmitido pelo contato com animais, alimentos ou humanos já contaminados

Paula Laboissière
Agência Brasil

Autoridades sanitárias indianas enfrentam um novo surto do vírus Nipah. Na província de Bengala Ocidental, pelo menos cinco casos foram confirmados entre profissionais de saúde de um hospital e cerca de 100 pessoas foram colocadas em quarentena na mesma unidade de saúde. Países vizinhos, incluindo Tailândia, Nepal e Taiwan, ampliaram as medidas sanitárias de precaução em aeroportos em razão do risco de disseminação.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Nipah é um vírus zoonótico (transmitido de animais para humanos), mas que também pode ser transmitido por meio de alimentos contaminados ou diretamente entre pessoas. Em pacientes infectados, o vírus causa uma variedade de sintomas, desde infecções assintomáticas até doenças respira-

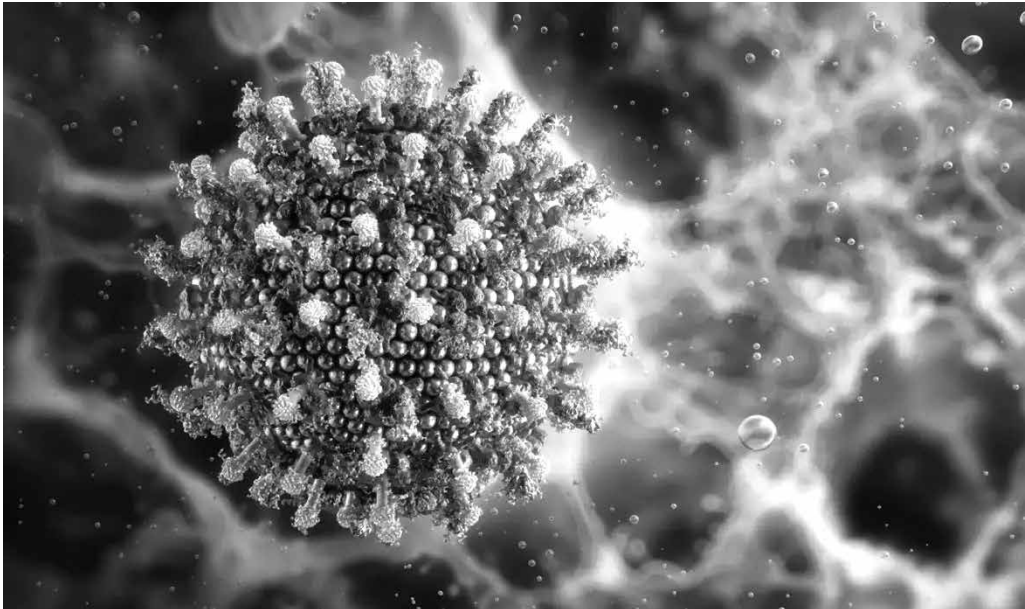


Foto: Ruslanas Baranaukas/Divulgação

Para infectologista, é pequena a probabilidade de as infecções gerarem uma pandemia mundial

tórias agudas e encefalite fatal.

“Embora o vírus Nipah tenha causado apenas alguns surtos conhecidos na Ásia, ele infecta uma ampla gama de animais e causa doenças graves e morte em humanos, tornando-se uma preocupação de saúde pública”, destacou a OMS.

O consultor da Sociedade

Brasileira de Infectologia Benedito Fonseca explica que a incidência do vírus na Índia ocorre por fatores ambientais e culturais e as formas de transmissão limitam o alcance, se comparado a micro-organismos que causaram pandemias como a da Covid-19.

Para o professor de Infectologia da Faculdade de Medi-

cina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP), é pequeno o potencial de o vírus se espalhar pelo planeta e causar uma nova pandemia.

Origem

Identificado pela primeira vez em 1999, durante um surto entre criadores de suínos na Malásia, o Nipah foi registra-

do posteriormente em Bangladesh em 2001 e, desde então, surtos quase anuais têm sido notificados no país. A doença, segundo a OMS, também vem sendo periodicamente identificada no leste da Índia, onde fica Bengala Ocidental, epicentro do surto atual.

Outras regiões podem estar em risco de infecção, visto que evidências do vírus foram encontradas em morcegos do gênero *Pteropus* (conhecidos como reservatório natural do Nipah) e em diversas outras espécies de morcegos em vários países, incluindo Camboja, Gana, Indonésia, Madagascar, Filipinas e Tailândia.

Transmissão

Durante o primeiro surto reconhecido do Nipah, na Malásia, e que também afetou Singapura, a maioria das infecções humanas resultou do contato direto com porcos doentes. Acredita-se que a transmissão tenha ocorrido por meio da exposição

desprotegida às secreções dos porcos ou pelo contato desprotegido com a carcaça de um animal doente.

Em surtos subsequentes, em Bangladesh e na Índia, o consumo de frutas e produtos derivados, como suco, contaminados com urina ou saliva de morcegos frugívoros infectados pelo vírus foi a fonte de infecção mais provável. A transmissão do vírus de pessoa para pessoa também foi relatada entre familiares e cuidadores de pacientes infectados, por meio do contato próximo com secreções e excreções humanas.

Em Siliguri, na Índia, em 2001, a transmissão do Nipah também foi relatada em uma unidade de saúde, onde 75% dos casos ocorreram entre funcionários ou visitantes do hospital. De 2001 a 2008, cerca de metade dos casos relatados em Bangladesh foram causados por transmissão de pessoa para pessoa, por meio do atendimento a infectados.

Sinais e sintomas incluem desde dor de cabeça até convulsões

De acordo com a OMS, pacientes infectados pelo Nipah desenvolvem, inicialmente, sintomas como febre, dor de cabeça, mialgia (dor muscular), vômitos e dor de garganta.

Os sintomas que podem vir a seguir são tontura, so-

lência, alteração do nível de consciência e sinais neurológicos que indicam encefalite aguda.

Alguns pacientes também podem apresentar pneumonia atípica e problemas respiratórios graves, incluindo síndrome do desconforto respiratório agudo. Encefalite e convulsões ocorrem em casos graves, progredindo para coma de 24 horas a 48 horas.

O período de incubação (intervalo entre a infecção e o início dos sintomas) do Nipah varia de quatro a 14 dias, mas já foram relatados períodos de incubação de até 45 dias.

Ainda de acordo com a OMS, a maioria das pessoas que sobrevivem à encefali-

te aguda causada pelo vírus se recupera completamente, mas sequelas neurológicas de longo prazo foram relatadas em cerca de 20% dos sobreviventes, incluindo distúrbios convulsivos e alterações de personalidade.

Um pequeno número de pessoas que se recuperam posteriormente apresenta recaída ou desenvolve encefalite de início tardio.

Risco de morte

A taxa de letalidade do Nipah é estimada de 40% a 75% e pode variar de acordo com o surto, dependendo da capacidade local de vigilância epidemiológica e de manejo clínico de pacientes.

OMS recomenda medidas educativas para prevenir o aumento de contágios

Na ausência de uma vacina, a OMS avalia que a única maneira de reduzir ou prevenir a infecção pelo Nipah em pessoas é aumentar a conscientização sobre os fatores de risco, além de educar a sociedade sobre medidas a serem tomadas para reduzir a exposição ao vírus.

Segundo a entidade, as mensagens educativas de saúde pública devem focar em medidas para reduzir o risco de transmissão de morcegos para humanos — com esforços que devem se concentrar, em primeiro lugar, em diminuir o acesso de morcegos à seiva de produtos alimentares frescos. Manter os

morcegos afastados dos locais de recolha da seiva com coberturas protetoras (como saias de bambu), conforme a OMS, pode ser útil. Os sucos recém-colhidos devem ser fervidos e as frutas devem ser bem lavadas e descascadas antes do consumo. Já frutas com sinais de mordidas desse tipo de bicho devem ser descartadas.

Quanto às providências para minimizar o risco de transmissão de outros animais para humanos, recomenda-se utilizar luvas e outras roupas de proteção ao manusear bichos doentes ou seus tecidos e durante procedimentos de abate e elimi-

nação. Na medida do possível, as pessoas devem evitar contato com porcos infetados. Em áreas consideradas endêmicas, deve-se considerar a presença de morcegos frugívoros na área e, em geral, a ração e os estábulos dos suínos devem ser protegidos contra morcegos sempre que possível. Finalmente, para diminuir o risco de transmissão de humano para humano, a orientação da OMS é evitar o contato físico próximo e desprotegido com pessoas infectadas pelo vírus. “A lavagem frequente das mãos deve ser realizada após cuidar ou visitar pessoas doentes”, concluiu a entidade.

■ O período de incubação do Nipah varia de quatro a 14 dias, mas já foram relatados casos de até 45 dias



Foto: Divulgação/Pexels

Febre, vômitos, dor de garganta e mialgia estão entre os primeiros indícios da doença

Diagnóstico é feito por meio de testes e ensaios; não há remédio específico

Como os sintomas iniciais da infecção são inespecíficos, o diagnóstico, muitas vezes, demora, o que comumente gera desafios na detecção de surtos, na implementação de medidas eficazes e oportunas de controle da infecção e nas atividades de resposta a surtos do Nipah.

A infecção pode ser diagnosticada com base no histórico clínico duran-

te as fases aguda e de convalescença da doença. Os principais testes utilizados são o RT-PCR em fluidos corporais e a detecção de anticorpos por meio do ensaio imunoenzimático. Outros testes utilizados incluem o ensaio de PCR e o isolamento viral por cultura celular.

Tratamento

Atualmente, não exis-

tem medicamentos ou vacinas específicos para a infecção pelo vírus, embora a OMS tenha identificado o Nipah como parte de sua lista de patógenos com potencial de desencadear uma epidemia. A recomendação da entidade é que os pacientes sejam submetidos a tratamento intensivo de suporte para complicações respiratórias e neurológicas graves.

Autoridades sanitárias apontam alta transmissibilidade entre suínos

Morcegos frugívoros da família Pteropodidae, sobretudo espécies que pertencem ao gênero *Pteropus*, são classificados pela OMS como hospedeiros naturais do Nipah. Não há sinais aparentes da doença nesses animais.

Os primeiros surtos do vírus em suínos e em outros animais domésticos, como cavalos, cabras, ovelhas, gatos e cães, foram relatados durante o surto inicial na Malásia, em 1999. O vírus, segundo a OMS, é altamente contagioso em suínos.

“Um suíno infectado pode não apresentar sintomas, mas alguns desenvolvem doença febril aguda, dificuldade respiratória e sintomas neurológicos, como tremores, espasmos e contrações musculares. Geralmente, a mortalidade é baixa, exceto em leitões jovens”, diz a OMS.

Os sintomas, de acordo



Foto: Divulgação/Pexels

Morcegos do gênero Pteropus são hospedeiros naturais

com a entidade, não são muito diferentes de outras doenças respiratórias e neurológicas que também afetam suínos. A orientação é suspeitar de

infecção pelo Nipah caso os suínos também apresentem tosse incomum ou se houver casos de encefalite em humanos registrados na região.

EMPREGOS

Três estados do Nordeste têm vagas

Apenas na Prefeitura de Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco, o processo seletivo oferece 657 oportunidades

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Fevereiro começa bem para quem busca oportunidades de concurso público. Quem tem o objetivo de seguir carreira no magistério deve ficar atento aos certames nos estados de Alagoas e Bahia, onde o Instituto Federal e a Universidade Federal, respectivamente, têm diversas vagas abertas para professores. Além disso, a Prefeitura de Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco, está com um processo seletivo aberto com 657 vagas para nível fundamental, médio e superior.

Em Alagoas

O Instituto Federal de Alagoas (Ifal) abriu concurso público com 52 vagas para professor de ensino básico, técnico e tecnológico. A carga horária varia de 20 a 40 horas semanais, com a possibilidade de dedicação exclusiva. Já a remuneração varia de R\$ 3.090,43 a R\$ 13.288,85, de

acordo com a titulação, com adicional de auxílio-alimentação no valor de até R\$ 1.175, auxílio-transporte, assistência pré-escolar e auxílio-saúde.

São 21 áreas contempladas: Direito; Administração; Atendimento Educacional Especializado (AEE); Biologia; Contabilidade; Educação Física; Eletrotécnica; Filosofia; Física; Geografia; Hidrologia/Construção Civil; História; Hotelaria; Informática; Libras; Língua Espanhola; Língua Inglesa; Língua Portuguesa; Logística; Matemática; Mecânica; Medicina Veterinária; Música — Clarinete; Música: Saxofone; Música; Música — Trombone; Química; Segurança do Trabalho; Sistemas Biomédicos; Sociologia; Topografia.

Para participar, é necessário que o candidato tenha graduação na respectiva área em que pretende atuar. As inscrições estão abertas até o próximo dia 19 de fevereiro.

Na Bahia

Na Universidade Federal da Bahia (UFBA) são 36 oportu-

nidades para professores universitários em três *campi*. No Campus Camaçari, a vaga é para dar aulas na disciplina Instalações Elétricas Prediais e Industriais, Sistemas Elétricos de Potência (SEP) I e II. No Campus Vitória da Conquista, há vagas para: Anatomia Humana e Antropologia Forense; Citologia, Histologia, Patologia e Embriologia; Gastroenterologia, Endocrinologia, Reumatologia, Pneumologia/Internato; Infectologia/Internato; Química Farmacêutica, Desenvolvimento, Produção e Controle de Qualidade de Fármacos e Medicamentos; Urgência e Emergência/Internato.

Já no Campus Salvador as vagas são destinadas às disciplinas: Patologia Clínica Veterinária; Canto Lírico; Composição e Literatura e Estruturação Musical; Ciência da Alimentação e Nutrição com subárea — Administração de Serviços de Alimentação e Nutrição; Fundamentação do Planejamento Urbano e Regional; Projeto Bioclimático e de Baixo Impacto Ambiental;

Projeto de Preservação em Patrimônio Cultural; Metodologia, Estágio Supervisionado e Vivências em Ensino de Física; Conhecimento, método e práticas em esportes individuais (Atletismo); Farmácia/Análises Clínicas; Controle de Qualidade Físico-Químico e Microbiológico; Teoria Antropológica; Filosofia/Ensino de Filosofia; Filosofia/História da Filosofia Antiga; Terapia Ocupacional em Neurodesenvolvimento com enfoque na Reabilitação Física de Crianças e Adolescentes; Sistemática Espermatófitas não Monocotiledôneas; Sistemática de Macroalgas Marinhas; Representação da Informação e do Conhecimento; Ciência da

Computação; Inteligência Artificial; Ensino de Física; Cartografia; Paleontologia; Campo da Saúde: saberes, práticas e diversidade étnico-racial; Linguística com ênfase em Línguas Indígenas; Ciências Sociais em Saúde Coletiva.

Para participar, é necessário que o candidato tenha graduação na área em que pretende atuar, com a titulação mínima exigida. As jornadas de variam de 20 a 40 horas semanais e a remuneração mensal de R\$ 3.090,43 a R\$ 13.288,85. As inscrições só ficam abertas até a próxima terça-feira (3).

Pernambuco

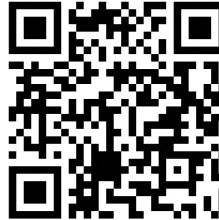
Na Prefeitura de Cabo de

Santo Agostinho, em Pernambuco, são 657 vagas para cargos de nível fundamental, médio e superior. A jornada de trabalho varia de 24 a 40 horas semanais, com remuneração mensal que vai de R\$ 1.621 a R\$ 12.178,24, a depender do cargo e da carga horária.

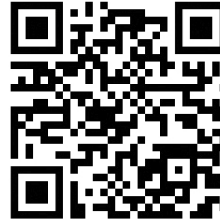
Há muitas oportunidades para profissionais da área da Saúde, sendo que as funções com mais vagas são: assistente social (49), psicólogo (47), educador social (35), técnico de Enfermagem (30), médico clínico plantonista (30), enfermeiro plantonista (30) e enfermeiro do PSF (30). As inscrições estão abertas até 23 de fevereiro.



Use o QR Code para acessar o edital da Copeve



Use o QR Code para acessar o edital da UFBA



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura

Engenharia Mecânica forma base para a industrialização

Diferentemente da sua “prima” Civil, a Engenharia Mecânica não é das mais populares quando se pergunta aos jovens sobre a profissão desejada para o futuro, talvez por desconhecimento de que é uma área que apresenta muitas oportunidades. Essencialmente ligada à indústria, a Engenharia Mecânica está presente onde houver processos de produção, máquinas e equipamentos. É, portanto, uma área de atuação extremamente ampla de acordo com o mestre em Engenharia Mecânica e docente da Estácio, Eduardo Silva Neves.

Ele contou que sua iniciação na área foi por meio de um curso técnico, incentivado pelo pai, que é torneiro mecânico. “Assim como ocorreu com alguns dos meus contemporâneos do curso técnico, a engenharia foi uma continuidade natural da minha formação”, afirmou.

Esses cursos técnicos geralmente são ofertados junto ao Ensino Médio em institutos federais e agora o Instituto Federal de Alagoas tem vaga aberta para professor neste curso.

Além da indústria e do magistério, uma das possibilidades de atuação do engenheiro mecânico é o serviço público. “No serviço público, uma importante área de atuação do engenheiro mecânico é a auditoria técnica, que envolve atividades de fiscalização e a elaboração de laudos destinados a assegurar a segurança de máquinas, equipa-

mentos e infraestrutura sob responsabilidade do Estado”, detalhou Eduardo Neves.

Ele ressaltou que a capacidade de trabalhar em equipe é, sem dúvida, uma competência fundamental na profissão. “Como professores, buscamos desenvolver essa habilidade nos alunos por meio de atividades em algumas disciplinas, como as extensionistas, cujo objetivo é a elaboração de projetos finais em grupo com impacto socioeducativo”, explicou o docente.

Quem pretende seguir carreira na área, portanto, já deve começar a desenvolver essa habilidade, assim como a capacidade de adaptação. “Hoje, devido ao alto nível de automação na indústria, impulsionado pela IIoT (Industrial Internet of Things), o engenheiro passa a ser não apenas um profissional especializado em sua área, mas também um profissional multidisciplinar, com alta capacidade de adaptação a um cenário de mudanças constantes”, destacou.

O impacto da inteligência artificial, aliás, é encarado pelo professor como o maior desafio da profissão atualmente. “Não há dúvida de que o principal desafio tecnológico atual está relacionado ao impacto da inteligência artificial. Esse impacto atinge todas as profissões, em especial aquelas ligadas à P&D (Pesquisa e Desenvolvimento), Ciência e Tecnologia, como é o caso da Engenharia Mecânica”.

O engenheiro mecâni-

co Antônio Tavares, que atualmente reside nos Estados Unidos, destacou que o mercado está aquecido também fora do país. “O mercado de trabalho externo e interno estão aquecidos, mas com foco em perfis profissionais distintos. O mercado interno, devido à crise pós-pandemia, focou na redução de custos e isso impactou na procura por engenheiros no início de carreira, com salários mais baixos. Vejo que esta tendência parece estar mudando, mas ainda muito lentamente. No mercado externo, o foco é oposto. Existe uma escassez de profissionais e a procura é grande principalmente para engenheiros experientes e especializados. Então, para quem está preparado, existem boas oportunidades fora do país”, afirmou ele, que, antes de chegar aos Estados Unidos, também trabalhou na Índia e na Suécia.

Antônio observou ainda que, cada vez mais, as vagas estão conectadas à especialização e à adaptação às novas tecnologias, como Indústria 4.0 e automação, energias renováveis, setor automotivo e mobilidade elétrica.

■ O impacto da inteligência artificial é encarado pelo professor como o maior desafio da profissão atualmente



9º FESTIVAL DE MÚSICA DA PARAÍBA
HOMENAGEM A LUIZ RAMALHO

INSCRIÇÕES ATÉ 13 DE FEVEREIRO

radiotabajara.pb.gov.br/festivaldemusica



GOVERNO DA PARAÍBA



FUNESC



EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

Selic Fixado em 28 de janeiro de 2026 15%	Salário mínimo R\$ 1.621	Dólar \$ Comercial + 1,03% R\$ 5,248	Euro € Comercial + 0,32% R\$ 6,228	Libra £ Esterlina + 0,55% R\$ 7,202	Inflação IPCA do IBGE (em %) Dezembro/2025 0,33 Novembro/2025 0,18 Outubro/2025 0,09 Setembro/2025 0,48 Agosto/2025 -0,11	Ibovespa 181.106,06 pt -1,11%
---	---	---	---	--	--	--

EM EXPANSÃO

Setor de panificação ganha fôlego e se reinventa na PB

Estado tem mais de seis mil empresas desse segmento ativas, segundo Jucep

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

O mercado de padarias vive um momento de expansão no estado, impulsionado pelo crescimento do turismo e pela diversificação dos serviços oferecidos. Dados da Junta Comercial do Estado da Paraíba (Jucep) mostram que, em 2025, o segmento de padaria e confeitaria contava com 6.651 empresas ativas neste setor. Só no ano passado, 705 novos estabelecimentos do ramo foram abertos, enquanto 528 encerraram as atividades, um saldo positivo de 177 novas empresas.

A analista Juliene Fernandes, do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), acredita que o crescimento do turismo no estado contribuiu para esse cenário. “Com base em ferramentas de inteligência, como o Radar Sebrae e a Usina de Dados Sebrae Paraíba, negócios ligados à alimentação fora do lar — entre eles a panificação — estão entre os que apresentam maior potencial de crescimento no estado”, argumentou. Por isso, padarias e delicatessens figuram entre as atividades mais buscadas por empreendedores para abertura ou expansão de negócios.

No entanto, foi-se o tempo, porém, em que bastava vender pão. “A expansão das hospedagens por plataformas digitais tem criado novas dinâmicas de consumo, especialmente no café da manhã. Nesse contexto, a panificação passa a atender dois fluxos complementares de demanda”, explica Juliene. Segundo a analista, o primeiro está relacionado à compra de produtos para levar, como pães artesanais, bolos, itens regionais e kits de café da manhã, pensados para consumo nos próprios imóveis alugados pelos turistas. O segundo fluxo é o consumo no ambiente da padaria, cada vez mais procurado por visitantes que buscam vivenciar experiências gastronômicas locais e



Foto: Evandro Pereira

Estabelecimentos ampliam oferta de produtos e serviços para fidelizar os consumidores

conhecer a cultura da cidade a partir de seus sabores.

É o caso da panificadora Pão Doce Pão, no Bairro dos Estados, em João Pessoa, que aposta na diversidade de produtos e serviços para atender melhor os clientes. Além de pães, biscoitos e bolos, o espaço oferece refeições, sorvetes, polpas de fruta, itens de supermercado e até revistas e guarda-chuvas, funcionando como um ponto de conveniência para o dia a dia.

Para ampliar o alcance e facilitar o acesso, a padaria também dispõe de um aplicativo próprio para encomendas, com entrega em domicílio, e está presente em plataformas como o iFood, oferecendo mais comodidade aos clientes que preferem não sair de casa.

Apesar da diversidade de produtos, o gerente comercial da empresa, Rafael Luiz Zweibrück, afirma que não se pode esquecer o básico: o pão. “O nosso ponto forte — eu acho que de quase toda padaria — é o pão francês. E a gente tem um diferencial que é o pão quente. A cada 15 ou 20 minutos tem pão quente na padaria”, garantiu.

Ele acredita, porém, que as refeições servidas ajudam a fidelizar os clientes. “O nosso *buffet* de café da manhã, almoço e

jantar é bem diversificado, bem recheado, então a gente tem bastante clientes fiéis que a gente nota que sempre estão aqui na padaria, diariamente ou a cada dois dias”, contou.

E, para estimular a compra de mais itens, os produtos estão sempre muito bem dispostos e acessíveis. “O cliente vem comprar o pão, mas não compra só o pão. Vem um pão doce, vem uma sobremesa. Então, assim, estamos sempre com os expositores bem organizados, para chamar a atenção, porque os clientes comem com os olhos. Um produto bem apresentado e de qualidade já é um diferencial bem importante para nossas vendas”, comentou Rafael.

Desafios

O presidente do Sindicato da Indústria de Panificação e Confeitaria da Paraíba (Sindipan-PB), Romualdo Farias de Araújo, acredita que o mercado está estável, mas a indústria enfrenta um desafio para encontrar mão de obra qualificada. Ele explicou que, para algumas funções, como forneiro e pasteleiro, por exemplo, o ideal é que o profissional tenha feito algum curso ou tenha experiência anterior. Para outras funções, no entanto, ele afirmou que é pos-

sível contratar mesmo pessoas inexperientes e treiná-las no serviço, mas poucos parecem se interessar.

Sobre a mudança no perfil das padarias, que hoje mais parecem minimercados e restaurantes, Romualdo afirmou que essa é uma evolução que acompanhou o perfil dos consumidores. “O consumidor está cada vez mais exigente com produtos de qualidade, com bom atendimento”, avaliou.

“
Os clientes comem com os olhos. Um produto bem apresentado e de qualidade já é um diferencial bem importante para nossas vendas

Rafael Luiz Zweibrück

Pães artesanais conquistam espaço no mercado

Nem só de padarias convencionais vive o mercado no estado. Nos últimos anos, as padarias artesanais também vêm ganhando espaço, com pães de fermentação natural, geleias e patês feitos de forma artesanal. Muitas delas também servem refeições, principalmente lanches.

A empresária Taciana Luz é uma das pioneiras desse mercado em João Pessoa, com a padaria artesanal Amo Pão, que já existe há 10 anos. “É uma empresa inicialmente tocada só por mulheres. E eu decidi

investir nesse mercado, porque praticamente só tinha a Totoca, e hoje eles não estão funcionando, mas só tinha eles, que tinham uma pegada assim, mais artesanal. Então, a gente veio firme em fermentação natural. Fomos nós que ensinamos aqui, ao público em geral, como consumir esses alimentos. Viramos referência”, contou.

Ela acredita que o fato de se tratar de uma empresa criativa feminina é um diferencial, além da origem dos ingredientes, que vêm da horta da própria padaria. “Como a padaria se desta-

ca, eu acredito que é a questão da agricultura. A gente planta muitas coisas, a gente é uma empresa feminina criativa e que preza por plantar e colher. Então, brichoche de macaxeira, a gente planta a macaxeira, a abóbora também. O jenipapo, que é daquele pão azul que se destaca, que é um tingimento natural, a gente planta”, relatou.

Atualmente, a Amo Pão conta com duas lojas em João Pessoa, no bairro do Miramar e no Jardim Oceania. “Temos pizzas napolitanas, molhos, geleias, peixes,

biscoitos. Então, tem produtos variados, tudo isso para atrair nossos clientes”, disse Taciana.

Ela acredita que, principalmente para os pequenos empreendedores, os impostos e burocracias são um grande desafio. “Mas a gente está buscando melhorias, tanto para nós como empresa quanto para os nossos funcionários e para os nossos clientes, os atuais e futuros, prezando sempre pela saúde, bem-estar e o melhor para eles com nossos pães de fermentação natural”, concluiu.

Economia em Desenvolvimento

Marcílio Correia
marciliorcorreia.professor@gmail.com | Colaborador

Campina Grande e seu capital intelectual

Campina Grande consolidou-se como um dos principais motores de desenvolvimento econômico e social do Nordeste, tendo como uma de suas atividades estratégicas e vocações históricas um forte polo universitário, que vai além da função acadêmica e produz efeitos concretos sobre o mercado de trabalho, a circulação de renda e a qualidade de vida urbana. Segunda maior economia da Paraíba, atrás apenas de João Pessoa, o município registra um Produto Interno Bruto (PIB) estimado em R\$ 12,9 bilhões, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), afirmando-se como o mais relevante centro econômico fora da Região Metropolitana da capital.

Esse protagonismo é visível nos indicadores de emprego formal. Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) apontam que Campina Grande ultrapassa 116 mil vínculos com carteira assinada e acumula saldo superior a 7,8 mil novos empregos formais gerados ao longo de 2025, conforme levantamento divulgado em dezembro desse ano. O município mantém, ainda, uma trajetória consistente de mais de 22 meses consecutivos de geração líquida de postos de trabalho, evidenciando não apenas dinamismo econômico, mas também capacidade estrutural de sustentar crescimento contínuo.

No centro desse desempenho, está o polo educacional e tecnológico de Campina Grande, formado por instituições como a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e o Instituto Federal da Paraíba (IFPB), além de faculdades privadas, centros de pesquisa e uma rede de escolas técnicas públicas e privadas. Esse ecossistema atrai estudantes de diversas regiões do país e do exterior, ampliando a demanda por moradia, alimentação, transporte e serviços, ao mesmo tempo que fortalece a qualificação do capital humano local, fator essencial para a competitividade econômica.

A qualificação da mão de obra gera efeitos duradouros. Indicadores do IBGE e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), sistematizados pelo Observatório Econômico de Campina Grande, mostram que o município apresenta desempenho acima da média nacional em variáveis relacionadas à educação, saúde e condições de vida. Esses fatores estão diretamente associados ao aumento da produtividade, à atração de investimentos e ao fortalecimento de atividades econômicas intensivas em conhecimento.

O impacto econômico da presença universitária vai além do consumo imediato. Estudantes, professores e pesquisadores sustentam um ecossistema urbano que envolve moradias estudantis, restaurantes, transporte, atividades culturais e serviços diversos, impulsionando micro e pequenos negócios. Paralelamente, diagnósticos recentes do ecossistema de inovação indicam que Campina Grande concentra cerca de 14% das *startups* regionais em estágio de operação escalável, com forte presença de empresas de base tecnológica.

Em 2025, esse ambiente foi fortalecido por políticas públicas articuladas entre o Governo do Estado da Paraíba, a Prefeitura de Campina Grande, instituições de Ensino Superior e entidades como o Sebrae-PB, ampliando o apoio ao empreendedorismo e à inovação tecnológica. Os reflexos foram diretos na geração de empregos qualificados, na atração de investimentos e no fortalecimento das cadeias produtivas intensivas em conhecimento.

A produção científica local também se destaca. Dados do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Inpi) indicam que a UFCG figura entre as instituições públicas com maior número de depósitos de patentes no país. Em um cenário em que o setor de serviços já responde por mais de 45% do PIB municipal, Campina Grande demonstra, de forma concreta, que educação, inovação e desenvolvimento econômico caminham juntos, transformando capital intelectual em riqueza sustentável para toda a região.

CUSTO DE VIDA

Construir patrimônio está mais caro?

Geração Z questiona se sua trajetória é mais difícil que a dos pais; dados revelam se essa percepção reflete a realidade

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

A sensação de estar “atrasado” virou um sentimento recorrente entre jovens da geração Z. Nas redes sociais, essas comparações ficam evidentes e memes ironizam o fato de que, na idade atual, muitos de seus pais já tinham casa própria, carro na garagem e família formada, enquanto eles ainda lidam com aluguel, instabilidade financeira e planos constantemente adiados. A comparação costuma vir acompanhada de uma explicação simples: tudo ficou mais caro.

A série de memes é longa e criativa, mas parte de uma premissa: “Logo na minha vez de ser adulto, um apartamento pequeno custa meio milhão”. Essa percepção expressa também um mal-estar coletivo. Mas até que ponto ela se sustenta quando confrontada com dados econômicos e sociais? A dificuldade de formar patrimônio é maior hoje do que foi para as gerações anteriores ou parte desse sentimento também se explica por mudanças no comportamento, nas expectativas e no padrão de consumo?

Iniciar a vida profissional em condições apertadas nunca foi uma exclusividade da geração Z. O começo da trajetória da vida adulta sempre exigiu ajustes, renúncias e escolhas. Ainda assim, alguns dados ajudam a dimensionar se esse desafio se intensificou ao longo do tempo. Na Paraíba, o rendimento médio mensal real domiciliar *per capita* era de R\$ 725 em 2012, já corrigido pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo

(IPCA). Em 2024, o valor passou para R\$ 1.363, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em termos reais, houve crescimento da renda ao longo do período.

Ao mesmo tempo, o Brasil vive hoje um cenário de inflação controlada quando comparado a décadas anteriores. Em 1993, a inflação anual chegou a 2.477,15%. Em 2025, o índice fechou em 4,26%, abaixo do teto da meta estabelecida pelo Banco Central. A estabilidade monetária é uma marca das gerações mais jovens, que cresceram sem vivenciar trocas frequentes de moeda ou planos econômicos abruptos.

Mas as expectativas desses jovens nascidos de 1997 a 2012 eram mais auspiciosas. Eles inclusive têm uma escolaridade maior. Mais anos de estudo tendem a elevar a produtividade e a renda, mas também ampliam expectativas e padrões de consumo, o que ajuda a explicar parte da frustração relatada.

Esse quadro, no entanto, não elimina as desigualdades internas. Há um recorte social importante: entre jovens de 15 a 29 anos, 10,9 milhões não estudavam nem estavam ocupados em 2022, o equivalente a 22,3% desse grupo etário, segundo a Síntese de Indicadores Sociais do IBGE. Se a renda mostra avanços graduais, o mesmo não pode ser dito do custo da habitação. É nesse ponto que a queixa da geração Z encontra respaldo mais direto nos números.

Em João Pessoa, o preço médio do metro quadrado passou de R\$ 4.747 em janeiro de 2019 para R\$ 7.970 em

dezembro de 2025, segundo o FipeZap. A variação no período é de aproximadamente 68%, em apenas seis anos. Trata-se de um crescimento muito superior ao da renda média no mesmo intervalo e dos índices oficiais de inflação.

Esse movimento ocorre em um contexto de maior disputa por espaço urbano. A capital paraibana foi o único estado do país a registrar fluxo migratório positivo no último Censo, com mais pessoas chegando do que saindo. Esse aumento da demanda pressiona um mercado em que a oferta de áreas bem localizadas é limitada.

O economista Cássio Bessaria explica que a valorização dos imóveis também está associada a mudanças nas pre-

ferências. “Com o avanço do trabalho remoto e a necessidade de passar mais tempo em casa, cresceu a demanda por imóveis maiores e mais confortáveis. Isso acaba elevando os preços, sobretudo em boas localizações”, afirma.

Apesar das dificuldades, o desejo de adquirir a casa própria permanece forte. A geração Z lidera esse sonho no Brasil: 50% dos jovens de 18 a 28 anos afirmam que pretendem comprar um imóvel, percentual superior à média nacional, de 41%, segundo a pesquisa “Retratos do morar”, da Ipsos-Ipec.

Do ponto de vista institucional, o acesso ao crédito imobiliário é hoje mais amplo do que em décadas anteriores. O teto do valor dos imóveis fi-

nanciáveis pelo Sistema Financeiro da Habitação (SFH) foi ampliado de R\$ 1,5 milhão para R\$ 2,25 milhões. A Caixa Econômica Federal voltou a financiar até 80% do valor do imóvel, reduzindo a necessidade de entrada por parte do comprador.

Há também um ambiente macroeconômico mais estável. “As gerações mais jovens não viveram mudanças de moeda nem planos econômicos sucessivos. Isso reduz a incerteza e melhora as condições de crédito”, observa Bessaria. Ainda assim, o crédito convive atualmente com um obstáculo relevante: o custo. A taxa básica de juros em nível elevado encarece as parcelas e eleva a renda mínima exigida para aprovação do financiamento.

Isso ajuda a explicar por que a maior parte dos lançamentos recentes concentra-se em programas habitacionais, enquanto o segmento de médio padrão registra retração nas vendas. Se o crédito existe, ele não é necessariamente acessível para uma parcela expressiva dos jovens trabalhadores.

■ **Na capital, preço do metro quadrado subiu 68% em seis anos, mas renda média não acompanhou**

Na vez de ser adulto, é preciso ter decisões financeiras maduras

A analista financeira Raquel Nascimento comprou seu primeiro imóvel aos 24 anos. Hoje com 26, ela mora no bairro Novo Geisel, em João Pessoa, em um apartamento adquirido por meio do programa Minha Casa Minha Vida. A decisão nasceu de uma inquietação pessoal. “Eu me sentia atrasada, com um sentimento de que eu não tinha conquistado nada”, relata. A compra foi planejada em silêncio. “Eu fiz tudo escondido de todo mundo da minha família. Só minha irmã sabia, por alto”.

O processo começou em ju-

lho de 2023 e durou cerca de três meses, até a entrega das chaves. A burocracia, que antes parecia intransponível, foi sendo compreendida e superada. Para viabilizar a compra, porém, Raquel fez concessões importantes. Abriu mão do bairro onde sempre morar e aceitou uma localização mais distante. Reduziu gastos com lazer, adiou a habilitação e passou por uma reeducação financeira que descreve como “drástica”. “Além de ajudar em casa com as contas, eu tinha que pagar parcela, condomínio, manter o aparta-

mento. Reduziu muito do meu dinheiro”, conta.

Entre os medos mais citados por jovens da geração Z, está o compromisso de longo prazo. Financiamentos de 20 ou 30 anos geram insegurança em um cenário de mercado de trabalho instável e relações profissionais mais fluidas. Raquel reconhece esse receio como comum entre pessoas próximas. “As pessoas têm medo de assumir uma coisa muito longa e não poder mudar. Um apartamento prende você a um lugar”, afirma. Ainda assim, ela viu na compra um mecanismo para conter gastos de curto

prazo. “Justamente para eu não gastar com futilidade e ter uma coisa que vai durar a vida toda”.

As diferenças entre gerações não são apenas econômicas. Elas também passam por mudanças culturais e comportamentais. Os brasileiros estão se casando mais tarde: mulheres aos 29,2 anos e homens aos 31,5, segundo o IBGE. Isso altera a lógica tradicional de aquisição de patrimônio como projeto familiar, baseado na soma de rendas do casal.

Hoje, muitos jovens desejam comprar um imóvel sozinhos, antes do casamento, o

que torna o desafio financeiro maior. Ao mesmo tempo, há uma valorização maior do consumo imediato e de experiências. “O pensamento de curto prazo ganhou espaço”, analisa Cássio Bessaria. “A compra de um imóvel é uma decisão de longo prazo. Quando as preferências estão mais voltadas para o imediato, esse tipo de ativo passa a ser secundário”. Raquel compartilha dessa leitura a partir da própria vivência. Para ela, parte da geração Z não está disposta a fazer as renúncias que a compra de um imóvel exige. “As pessoas não querem

abrir mão de sair, de consumir, e isso pesa”.

O cenário descrito ajuda a entender por que a frustração da geração Z não se resume a uma percepção exagerada. Entre o meme e a realidade, surgem caminhos possíveis: aceitar imóveis menores, mais afastados ou em bairros menos centrais; permanecer mais tempo na casa dos pais para poupar; ou reorganizar prioridades de consumo. Para o economista, o ponto de convergência é o planejamento. “A educação financeira é fundamental para qualquer geração. Hoje, os jovens têm mais acesso à informação, o que pode facilitar decisões mais conscientes no futuro”.

Raquel, ao olhar para trás, reconhece conquistas que antes não enxergava. “Eu achava que nunca ia conseguir nada. Hoje eu tenho meu apartamento, pago minha pós-graduação e já penso no próximo passo”. Entre dados, escolhas e concessões, a distância entre gerações revela-se menos linear do que sugerem as comparações rápidas.

O desafio de formar patrimônio permanece, mas assume novas formas em um cenário econômico e cultural em transformação. “Agora eu vou conquistar mais uma coisa: vou me casar. Uma coisa que eu nunca pensei que eu ia conquistar”, conclui Raquel Nascimento.



Fotos: Carlos Rodrigo

Metade dos jovens de 18 a 28 anos pretende comprar a casa própria; percentual é maior do que a média geral da população (41%)



Aos 24 anos, Raquel sentia-se atrasada e tinha medo de não conquistar nada, então decidiu financiar um imóvel

“

A compra de um imóvel é uma decisão de longo prazo. Quando as preferências estão mais voltadas para o imediato, esse tipo de ativo passa a ser secundário

Cássio Bessaria

PARQUE TECNOLÓGICO

Paraíba consolida-se como importante Polo Científico

Trabalho realizado pela Secties e Fapesq fortalece o ecossistema de startups

Maryana Roma
Ascom Secties

O Parque Tecnológico Horizontes de Inovação (PTHI) vem se consolidando como referência em empreendedorismo inovador na Paraíba, fortalecendo o ecossistema de *startups* e negócios de impacto. Executado pelo Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba (Secties) e da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq), o parque atua na incubação, fomento a empreendedores e modernização digital, conectando pesquisa, tecnologia e inovação. Até agora o governo já investiu cerca de R\$ 32 milhões na reestruturação e reforma da sede do PTHI, garantindo espaços para laboratórios, mentorias, eventos e rodadas de negócios.

Tendo como missão estimular a inovação e o empreendedorismo em todo o estado, porque o Parque Tecnológico Horizontes da Inovação já atendeu, desde 2022, 36 *startups*, incluindo cinco turmas de pré-incubação, uma turma de incubação regular, uma de incubação de impacto, duas turmas de capacitação técnica com empresas vencedoras da ExpoFavela 2023 e 2024 e quatro editais Conectando Startups, que abordaram turismo sustentável, tecnologias educacionais, economia da longevidade e transição energética. Ao todo, 148 projetos foram apoiados, com investimento de R\$ 7,5 milhões em *startups*.

Kycia Cordeiro, CEO da *Plis Lavir - Cler app*, é um dos exemplos de sucesso dos editais do parque. A *startup* nasceu a partir de uma experiência pessoal de cuidado com idosos e da identificação de um problema recorrente na rotina de famílias responsáveis pela administração de múltiplas medicações. “O parque Tecnológico foi fundamental para transformar o que era apenas uma ideia em um produto real. A incubação, as mentorias, as oficinas e o apoio recebido nos deram segurança, conhecimento e estrutura para desenvolver o aplicativo, testar a solução e colocá-la em prática. Sem esse ecossistema,

com o parque, a Fapesq e o apoio do Governo do Estado, essa ideia poderia não ter saído do papel”, comentou. A empresa desenvolveu o aplicativo Claire, uma solução digital que utiliza inteligência artificial para escanear prescrições médicas, organizar e manter atualizadas as informações sobre medicamentos, reduzindo erros e auxiliando tanto no dia a dia quanto em situações de emergência.

A atuação do parque também se dá no fomento de negócios de impacto, e um exemplo recente disso foi a ExpoFavela Paraíba 2025, onde foram investidos mais de R\$ 1 milhão pelo Governo do Estado. Os empreendimentos vencedores receberam fomento financeiro e apoio técnico do PTHI: os cinco primeiros colocados receberam R\$ 50 mil cada um, e os demais, R\$ 40 mil, além de acesso a mentorias e capacitações especializadas voltadas ao fortalecimento dos negócios.

Entre *startups* anteriores, a TrêsBê Delas recebeu R\$ 200 mil via *venture capital*, enquanto a Umói obteve R\$ 80 mil em subvenção econômica, possibilitando a implementação de tecnologias inovadoras, como realidade virtual e visão computacional.

Mentorias e capacitação

Fora o aporte financeiro, o parque oferece mentorias especializadas, abrangendo desde a modelagem de negócio e *minimum viable product* (produto mínimo viável ou MVP) até estratégias

de mercado, gestão financeira e planejamento estratégico. Esse suporte prepara os empreendedores para escalar suas *startups* de forma sustentável.

Entre as melhorias e ampliação na infraestrutura digital do parque com modernização da plataforma de gestão das *startups*, estão painéis de acompanhamento, mentorias *on-line*, avaliação de desempenho, otimização de fluxos de inscrição e documentos, além de segurança aprimorada, garantindo estabilidade e confiabilidade aos empreendedores.

Articulação estratégica

Mesmo sem a sede finalizada, o parque já sediou Demodays, encontros que conectam *startups* a investidores, reuniões estratégicas do Complexo Científico do Sertão e a cerimônia de pré-embarque dos bolsistas do programa Paraíba Sem Fronteiras, demonstrando seu impacto direto no ecossistema de inovação do estado.

Os setores de atuação do PTHI são os mais diversos no mercado, incluindo tecnologia, educação, economia criativa, eventos, turismo, saúde e bem-estar. A diversidade do ecossistema é refletida na representatividade feminina, que lidera 40% das *startups* incubadas, e na inclusão social, com projetos voltados para comunidades e minorias.

A parceria com instituições de Ensino Superior, como a Universidade Federal

da Paraíba (UFPB), é essencial para a curadoria e mentorias, garantindo que os projetos recebam suporte técnico de alto nível e estejam alinhados às tendências nacionais e internacionais de inovação.

Engajamento

Durante esse período, o parque fortaleceu a sua comunicação estratégica e a presença digital. Parcerias com iniciativas como PB Júnior, Folhetim Digital e Mulheres que Inovam ampliam a visibilidade do PTHI e aproximam empreendedores da sociedade, consolidando a cultura de inovação no estado.

A experiência do PTHI mostra que o modelo de incubação e investimento vai além do aporte financeiro. A integração de mentorias, capacitações e rodadas de negócios cria um ecossistema completo, capaz de transformar ideias em *startups* competitivas e negócios de impacto social e econômico.

Perspectivas para 2026

Com perspectivas para 2026, o PTHI planeja ampliar os programas de incubação, fortalecer investimentos de impacto, consolidar a sede física e aumentar a articulação regional e nacional. A iniciativa reafirma o papel do Governo da Paraíba como catalisador da inovação e do desenvolvimento tecnológico, consolidando o estado Paraíba como polo científico e tecnológico de referência.

Avanços

O parque já sediou Demodays, encontros que conectam startups a investidores, reuniões estratégicas do Complexo Científico do Sertão

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

A Apollo 11 agora tem ciúmes de Carrapateira

No dia 20 de julho de 1969, a missão Apollo 11 conseguiu um feito que mudaria muitas coisas, tanto do ponto de vista tecnológico quanto da visão de mundo, com a chegada do homem à Lua. Neil Armstrong dava seus primeiros passos em solo lunar, um feito que maravilhou o mundo inteiro e virou notícia em todos os continentes. Aquela caminhada ficou eternizada na frase que atravessou o tempo: “Um pequeno passo para um homem, um grande salto para a humanidade” (“*That’s one small step for a man, one giant leap for mankind*”).

No Brasil, a Rede Globo produziu um conjunto de reportagens associando a ida do homem à Lua ao desenvolvimento tecnológico que tornou aquela missão possível, mas também contrastando esse avanço com a realidade social do país. Enquanto o homem chegava à Lua, ainda havia várias localidades brasileiras com graves problemas do ponto de vista do desenvolvimento humano. A emissora então procurou as cidades com menor IDH, e a escolhida foi Carrapateira, na Paraíba.

O tempo passa. Depois de algumas voltas da Terra em torno do Sol, chegamos ao auge do programa Bolsa Família, já no governo de Lula. Naquele período, novas reportagens da Rede Globo foram feitas para mostrar o que havia acontecido, mais de 20 anos depois, com a cidade de Carrapateira. O que se viu foi que o programa de distribuição de renda implementado havia melhorado bastante as condições de vida da população, e Carrapateira já não ostentava mais o título de cidade com o menor IDH do Brasil. Essa história também rendeu um documentário, que pode ser consultado até hoje no YouTube, intitulado “Carrapateira não tem mais ciúmes da Apollo 11”, mostrando a diferença entre a cidade no momento da missão espacial e décadas depois.

Mas, por razões que o cosmo conspira, quase 20 anos depois do documentário, com a instalação do Radiotelescópio Bingo, em Aguiar, o governador João Azevêdo decidiu instalar, em Carrapateira, a Cidade da Astronomia, um equipamento que vai servir como um verdadeiro farol de desenvolvimento para toda aquela região.

A Cidade da Astronomia é um complexo que reúne um planetário que, quando instalado, será o mais moderno do Brasil. Ele contará com projeção óptica e seis projetores digitais, permitindo não apenas a projeção do céu, com estrelas, constelações e nebulosas, mas também outras projeções ligadas à astronomia, cosmologia e às áreas de ciências e biologia. O espaço servirá para preparação de aulas, formação de professores, atendimento a estudantes e turistas.

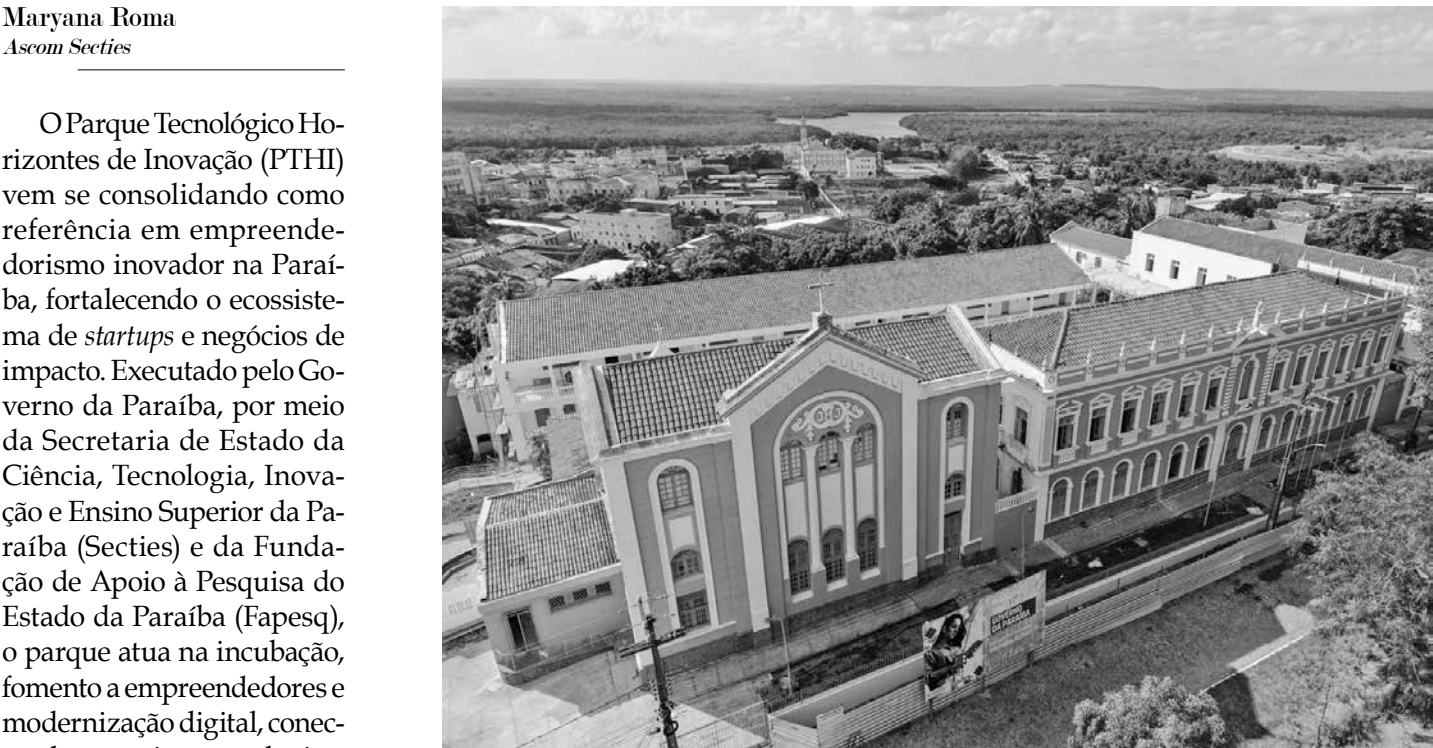
Tudo isso estará associado a outros equipamentos já existentes, como o próprio Radiotelescópio Bingo, o Vale dos Dinossauros, em Sousa, e o Museu de Arqueologia da Paraíba, em Cajazeiras, formando, nessas quatro cidades do Sertão, uma rota de turismo científico e de letramento científico. A esse conjunto de equipamentos, damos o nome de “Complexo Científico do Sertão”.

Assim, agora Carrapateira sai para uma nova fase: a de provocar ciúmes na própria Apollo 11. A Cidade da Astronomia, instalada em um município com pouco mais de dois mil habitantes, será um vetor extremamente importante para o desenvolvimento regional.

Isso é o Estado, sob a visão do governador João Azevêdo, fazendo aquilo que a economista Mariana Mazzucato chama de Estado empreendedor: É o Estado provocando a mudança de paradigmas, fazendo com que a história de uma cidade seja transformada de mera coadjuvante para protagonista do desenvolvimento regional no território em que está inserida.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba é professor e doutor em Física da UFPB

Columnista colaborador



Parque Tecnológico funciona onde foi o Colégio Nossa Senhoras das Neves, no Centro

Foto: Divulgação/Secties



Foto: Divulgação/Secties

Estado já investiu cerca de R\$ 32 milhões na reestruturação e reforma da sede do PTHI

ESSENCIAIS PARA BIODIVERSIDADE

Abelhas contribuem para a segurança alimentar

Pesquisa da UFCG avalia os impactos de inseticidas na capacidade de voo das abelhas

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

Apesar de, à primeira vista, causarem receio quando se aproximam, sobretudo pelo medo de uma ferroadada, as abelhas estão longe de ser vilãs. Esses insetos desempenham um papel essencial para o equilíbrio ambiental e para a própria sobrevivência humana. Embora a produção de mel seja sua atividade mais conhecida, a importância das abelhas vai muito além disso.

Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 90% das espécies de plantas nativas com flores e aproximadamente 75% das terras agrícolas dependem da polinização animal. Esse processo consiste na transferência de grãos de pólen da parte masculina para a parte feminina das plantas, permitindo a reprodução das espécies e a formação de sementes e frutos. Entre os polinizadores bióticos, a abelha destaca-se como o principal agente.

Diante disso, a relevância desses insetos reflete-se diretamente na segurança alimentar da população. Sem as abelhas, a diversidade de alimentos seria drasticamente reduzida, e muitos produtos que hoje fazem parte da alimentação cotidiana simplesmente deixariam de chegar à mesa das pessoas.

De acordo com o ecólogo Glauber Travassos, a atuação das abelhas é fundamental para a manutenção das florestas e para a sobrevivência de inúmeras espécies vegetais que dependem exclusivamente da polinização. “Boa parte do que a gente consome da agricultura também é polinizada por abelhas. Inclusive, há produtores que, para aumentar a produtividade, instalam colmeias em áreas de plantio”, explica.

Conforme a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), existem culturas dependentes das abelhas e culturas beneficiadas. As primeiras são aquelas que somente são polinizadas adequadamente pelas

abelhas e, na ausência delas, não há produção comercial ou o rendimento é tão baixo que não é viável. Nesse grupo, estão alimentos como abacate, abóbora, acerola, cacau, castanha-do-pará, maracujá, melão e melancia. Já as beneficiadas são as que, apesar de serem produzidas comercialmente na ausência das abelhas, a produtividade aumenta quando há abundância e diversidade de polinizadores, como o algodão, berinjela, café, girassol, laranja, morango e tomate.

Além disso, as abelhas funcionam como verdadeiras sentinelas ambientais. Sua presença indica um ecossistema equilibrado, favorecendo a variedade da fauna e da flora e perpetuando o ciclo da polinização. Esse equilíbrio também cria condições favoráveis para outros polinizadores existirem no local, como aves e borboletas.



Foto: Arquivo pessoal/Juliana Coutinho

Foto: Reprodução/StockAdobe

Extinção do inseto compromete vida na Terra

Em escala global, as populações de abelhas vêm sofrendo uma redução alarmante. O fenômeno é conhecido como Síndrome do Colapso das Colônias. Para Glauber Travassos, a possível ausência desses insetos representa uma catástrofe sem precedentes. “Se um dia as abelhas deixarem de existir, boa parte do que há na face da Terra desaparece junto. Teremos sérios problemas na reprodução de diversas espécies vegetais, afetando drasticamente todo o ecossistema”, alerta. As causas desse declínio são múltiplas e interligadas. Entre os principais fatores, estão as mudanças climáticas e o uso intensivo de inseticidas.

Mesmo quando não levam à morte imediata, esses produtos podem provocar efeitos subletais, como alterações no comportamento e na capacidade de voo dos insetos. É isso que revela uma pesquisa desenvolvida no Laboratório de Entomologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no *campus* de Pombal, no Sertão paraibano. O estudo foi conduzido pelo professor e engenheiro agrônomo Ewerton Marinho, em parceria com a mestrandia em Horticultura Tropical, Juliana Coutinho. A pesquisa avaliou os impactos de inseticidas na habilidade de voo de abe-



Foto: Arquivo pessoal



A redução da capacidade de voo pode dificultar o forrageamento, a polinização e o retorno à colmeia

Juliana Coutinho

lhas africanizadas da espécie *Apis mellifera*, em condições de laboratório.

Segundo o professor, a ideia do projeto é mostrar aos produtores quais são os defensivos agrícolas que causam danos às abelhas, seja por mortalidade direta ou por efeitos subletais — que causam alterações biológicas, fisiológicas ou comportamentais — e, assim, sugerir estratégias para minimizar os impactos sobre elas. “Trazendo uma proposta de manejo integrado, queremos garantir a conservação dos polinizado-



Foto: Arquivo pessoal/Juliana Coutinho

Qualquer prejuízo na mobilidade das abelhas pode proporcionar falhas na sua capacidade de polinização

res. Esse é o principal objetivo, fornecer subsídios aos produtores para que eles possam fazer o controle de pragas, mas também que conservem as abelhas que são essenciais à polinização”, destacou.

O trabalho, ao analisar dois inseticidas — Clotraniliprole e Ciantraniliprole — considerados produtos mais modernos e específicos, demonstrou que eles, mesmo apresentando uma baixa mortalidade imediata, comprometem severamente a capacidade de voo dos animais.

“A principal contribuição do estudo está em evidenciar que os inseticidas podem provocar efeitos letais e subletais relevantes, como a redução da capacidade de voo das abelhas, especialmente quando aplicados por pulverização direta”, destaca Juliana Cou-

tinho. Para a mestrandia, os resultados reforçam a necessidade de avaliações mais amplas sobre toxicidade e subsidiam a formulação de estratégias de manejo que reduzam os riscos aos polinizadores.

Apesar do pequeno número de mortes, qualquer prejuízo na mobilidade das abelhas pode proporcionar falhas na sua capacidade de polinização e prejuízos na obtenção de alimento. “A redução da capacidade de voo pode dificultar o forrageamento, a polinização e o retorno à colmeia. No contexto agrícola, isso pode acarretar queda na produtividade e na qualidade de culturas dependentes de polinizadores, além de impactos em cadeias ecológicas, afetando a regeneração de espécies vegetais e o equilíbrio dos ecossistemas”, afirmou Juliana.

Próximos passos do projeto sugerem uso consciente

Para o professor Ewerton Marinho, a pesquisa desenvolvida na UFCG é fruto de uma trajetória que começou ainda no doutorado, a partir de demandas reais do campo. Segundo ele, a motivação surgiu da necessidade de compreender como inseticidas amplamente utilizados na agricultura afetam culturas dependentes da polinização por abelhas, como o melão, especialmente na região de Mossoró (RN), cidade natal do pesquisador.

Já para Juliana Coutinho, o interesse pela pesquisa surgiu durante o processo seletivo do mestrado. “A partir da análise das linhas de pesquisa do programa e do perfil acadêmico do meu orientador, a trajetória dele na área da Entomologia Agrícola, com foco em estudos envolvendo abelhas, foi determinante para a escolha da pesquisa”, pontuou.

Marinho ressalta que o estudo não defende a eliminação do uso de inseticidas, mas, sim, um uso mais criterioso. “A gente não trabalha com a ideia de banir produtos, mas de orientar. O inseticida deve ser a última estratégia dentro do manejo integrado de pragas”, afirma. Entre as recomendações, estão evitar aplicações durante o perío-

do de floração das culturas, quando há maior atividade das abelhas, e priorizar produtos mais seletivos e menos agressivos aos polinizadores.

Os resultados da pesquisa reforçam a necessidade de ampliar o debate sobre o uso consciente de inseticidas na agricultura e de investir em práticas que unam produtividade e conservação ambiental.



Foto: Arquivo pessoal



O inseticida deve ser a última estratégia dentro do manejo integrado de pragas

Ewerton Marinho

Times irão a campo às 16h, no Mané Garrincha, em Brasília; craques Memphis Depay e Arrascaeta são esperanças para as duas maiores torcidas do país

SUPERCOPA DO BRASIL

Dia de consagrar os reis

Primeiro título nacional da temporada será disputado hoje, entre o Flamengo, atual campeão da Série A, e o Corinthians, vencedor da Copa do Brasil

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

Flamengo e Corinthians jogam, hoje, às 16h, no Estádio Mané Garrincha, em Brasília, pela Supercopa Rei do Brasil. O duelo, que vale taça, coloca frente a frente o atual campeão do Campeonato Brasileiro e o atual campeão da Copa do Brasil. A partida envolvendo os clubes com as duas maiores torcidas do país terá transmissão da TV Globo para todo o território nacional.

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) anunciou os valores pagos aos participantes: serão R\$ 6,35 milhões para os dois times — R\$ 300 mil a mais que no ano passado —, mais US\$ 1 milhão para o campeão. A expectativa é que o Mané Garrincha receba mais de 80 mil pessoas. A alta premiação, o recorde de público e a provável grande audiência de TV geram ainda mais interesse, de ambos os lados, por essa conquista.

Com 156 partidas disputadas, o histórico dos confrontos entre os dois clubes apresenta uma vantagem para o Flamengo. O enfrentamento conta atualmente com 56 vitórias do Corinthians, 34 empates e 66 vitórias do Rubro-Negro.

Essa será a segunda vez que as equipes se encontrarão pela Supercopa. O duelo também ocorreu em 1991. Naquele ano, o Flamengo chegava como campeão da Copa do Brasil, tendo no elen-

co o histórico lateral Júnior; e o Corinthians era o campeão do Brasileirão, com Neto, hoje apresentador de TV, como principal destaque. Os paulistas levaram a melhor e foram campeões, com gol justamente do seu camisa 10.

Depois de 35 anos, os clubes voltam a duelar pela competição, que acontece ininterruptamente desde 2020. Ao todo, ao longo da história, ocorreram oito edições, a primeira delas em 1990. Depois da disputa de 1991, o torneio não esteve no calendário nacional dos anos de 1992 a 2019.

O time carioca do Ninho do Urubu é o maior campeão da Supercopa. A equipe foi vencedora em 2020, 2021 e 2025. Grêmio (1990), Corinthians (1991), Atlético-MG (2022), Palmeiras (2023) e São Paulo (2024) têm um título cada um. Em homenagem a Pelé, desde 2023, a CBF nomeia a competição de “Supercopa Rei”. Devido à notoriedade dos últimos anos, o certame tem ganhado cada vez mais importância entre os torcedores.

Desempenho em 2025

Para chegar à Supercopa, o Flamengo foi campeão brasileiro sem contestações. A equipe teve o melhor ataque (78 gols), a melhor defesa (27 gols) e foi o time que mais venceu (23) e que menos perdeu (5). Além disso, registrou o recorde de saldo de gols (51 gols) no atual formato do Brasileirão — em pontos corridos

e com 20 clubes —, iniciado em 2006.

Principal jogador do Flamengo em 2025, Giorgian de Arrascaeta chega para a partida como o Rei da América, eleito pelo jornal El País. O camisa 10 do Flamengo foi peça decisiva no ano vitorioso da equipe carioca, que culminou na conquista de seis títulos no ano passado: Campeonato Carioca, Supercopa do Brasil, Campeonato Brasileiro e Copa Libertadores, além do Déربي das Américas e da Copa Challenger, como são

Reedição

Flamengo e Corinthians enfrentaram-se pela Supercopa em 1991; o vencedor foi o time paulista, então campeão brasileiro, que triunfou por 1 a 0, com gol de Neto

chamadas pela Fifa as etapas eliminatórias da Copa Intercontinental. O uruguaio disputou 64 jogos oficiais pelo clube na temporada, com 25 gols marcados e 20 assistências. O atleta é a maior esperança de gols do torcedor nesta tarde de domingo, em Brasília.

Campeão da Copa do Brasil, o Corinthians teve partidas marcantes durante a campanha, inclusive eliminando favoritos. Por ter participado da Libertadores, o Alvinegro estreou diretamente na terceira fase do torneio, em abril. O primeiro desafio foi diante do Grêmio Novorizontino. Em dois jogos mornos, o Timão venceu ambos pelo placar mínimo. Na sequência, eliminou o Palmeiras, o seu maior rival, com a decisão fora de casa. Venceu o jogo de ida por 1 a 0, em Itaquera, com gol de Memphis Depay, e confirmou a classificação ao bater a equipe de Abel Ferreira por 2 a 0 no Allianz Parque, com gols de Gustavo Henrique e Matheus Bidu.

Nas quartas de final, passou pelo Athletico-PR, somando um placar agregado de 3 a 0. Já nas semifinais, encarou o Cruzeiro, que vivia boa fase na temporada e era apontado como o grande favorito da competição. Os paulistas surpreenderam ao vencerem o jogo de ida no Mineirão por 1 a 0, com gol de Memphis, mas perderam a volta em Itaquera por 2 a 1. Nas penalidades, o time de Dorival Jr. contou com a estrela de Hugo Souza para garantir a vaga na decisão. Na final, empatou em 0 a 0 com o Vasco na ida, na Neo Química Arena; mas, no Maracanã, ganhou por 2 a 1, com gols de Yuri Alberto e Memphis. O resultado final deu o quarto título da Copa do Brasil ao Corinthians.

Filipe Luís

O jogo será marcante para o técnico do Flamengo. Filipe Luís iniciou sua trajetória no Rubro-Negro justamente em um mata-mata contra o Corinthians, em 2024. Pela semifinal da Copa do Brasil daquele ano, o time carioca venceu por 1 a 0, no Maracanã, com gol de Alex Sandro. Filipe e a sua equipe avançaram para a final e levaram aquele título, diante do Atlético-MG. Desde então, o jovem treinador venceu também o Campeonato Carioca, a Supercopa do Brasil, o Campeonato Brasileiro e a Copa Libertadores.

Arbitragem

A CBF definiu que Rafael Klein, do Rio Grande do Sul, será o juiz do confronto entre paulistas e cariocas. Bruno Boschilia, do Paraná, e Rafael da Silva Alves, do Rio Grande do Sul, serão os árbitros assistentes. Rodolpho Toski Marques, do Paraná, será o responsável pelo VAR. Jonathan Benkenstein Pinheiro, do Rio Grande do Sul, é o quarto árbitro.

Rafael Klein já apitou 14 jogos do Flamengo, que tem no retrospecto sete vitórias, três empates e quatro derrotas. O árbitro ainda comandou oito duelos do Corinthians, sendo três empates e cinco derrotas do clube do Parque São Jorge. A escolha foi anunciada em audiência pública, transmitida no canal do YouTube da entidade na última segunda-feira (26).

PARAIBANO

Quinta rodada segue com jogos hoje

Um dos destaques do Estadual, o líder Serra Branca visita o Pombal, buscando a quarta vitória seguida

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

A quinta rodada da fase classificatória do Campeonato Paraibano será finalizada, hoje, com quatro partidas: às 17h, o Pombal recebe o Serra Branca, no Pereirão, e o Confiança visita o Treze, no Amigão; às 18h, o Sousa enfrenta o Esporte, no Marizão; e às 18h30, o Atlético de Cajazeiras joga contra o Nacional, no Perpetão.

O Serra Branca está na cidade de Pombal para buscar a quarta vitória seguida no Estadual. A equipe foi a primeira a vencer três jogos consecutivos. Depois de perder na estreia para o Treze por 2 a 0, o time de Roberto Maschio engatou triunfos contra Sousa (2x1), Esporte (2x0) e Atlético de Cajazeiras (1x0). O bom desempenho nas últimas três rodadas colocou o clube no topo da tabela de classificação.

Agora, no confronto contra o lanterna do Campeonato Paraibano, o time do Cariri joga para se consolidar como a melhor campanha em pontos somados. A vitória é essencial para que o clube termine mais uma rodada na primeira posição da tabela de classificação. Até aqui, foram nove pontos conquistados, cinco gols marcados e



Foto: Wdeyvison Arruda/Serra Branca

Jogo que valeu a liderança para o Carcará do Cariri foi contra o Atlético, vencido por 1 a 0, com gol de Victor Ferraz

três sofridos.

O Pombal chega para o duelo de Carcarás como o pior time da competição. Com apenas um ponto somado, o clube sertanejo tem a pior defesa (11 gols sofridos) e marcou apenas três gols. Após a goleada para o Botafogo (4x0), na noite da última quarta-feira (28), a diretoria resolveu demitir Marcel Santos, o terceiro técnico a cair no certame estadual. Pedro Manta, de 63 anos, é quem assume o Carcará do Sertão. Ele, que tem passagens pelo Botafo-

go e pelo Sousa, na Paraíba, estreia hoje contra o Carcará do Cariri.

A partida terá como árbitro principal Diego Roberto Souza de Melo. Os árbitros assistentes são Schumacher Marques Gomes e Airton dos Santos Silva. O quarto árbitro é Wesley Gabriel Souza Vellozo.

Treze e Confiança

O Galo recebe o Confiança no Amigão para tentar se recuperar no Campeonato Paraibano. A equipe de Rober-

to Fernandes vem de duas derrotas consecutivas (Atlético de Cajazeiras, 2x1; e Sousa, 2x1) e precisa dar uma resposta ao seu torcedor. Na campanha do Treze no torneio, ainda há o registro de duas vitórias, contra o Serra Branca (2x0) e Pombal (2x1). Contra o penúltimo colocado, o Alvinegro, pressionado pelos últimos resultados, jogará para somar os três pontos e terminar a rodada no G4.

O Papão, agora sob o comando de Ederson Araújo, busca sair da zona de rebai-

xamento. Após duas derrotas, contra Sousa (3x0) e Botafogo (1x0), a equipe de Sapé somou dois empates (Nacional, 4x4; Campinense, 2x2). Fora de casa, hoje, o Confiança sonha em conquistar a sua primeira vitória em jogos de Primeira Divisão neste século. O confronto contra o Galo terá como árbitro principal Douglas Magno de Melo Pereira. Os árbitros assistentes serão Rafael Guedes de Lima e Esdras Marques de Sousa. O quarto árbitro é Dorgival Junior Ferreira dos Santos.

BOTAFOGO X FLUMINENSE

Clássico Vovô é destaque da reta final do Campeonato Carioca

Da Redação

O clássico mais antigo entre os grandes times do futebol brasileiro ganha um novo capítulo hoje, às 20h30, no Estádio Nilton Santos. Isso porque é dia do Vovô, como é conhecido o confronto entre Botafogo e Fluminense, cujo histórico começou em 1905. Dessa vez, a partida, válida pela quinta rodada do Campeonato Carioca, opõe dois clubes que vivem momentos semelhantes dentro do campo. Ambos começaram a rodada com os mesmos nove pontos e na liderança de seus respectivos grupos — o Alvinegro, no Grupo B, e o Tricolor, no Grupo A. Também estrearam no Brasileirão com vitória, respectivamente, contra o Cruzeiro (4 a 0) e o Grêmio (2 a 1).

Um triunfo no clássico dá a classificação antecipada para o Botafogo, que chegaria aos 12 pontos e não poderia mais ser alcançado por



Foto: Vitor Silva/Botafogo

Alvinegro busca manter bom desempenho em casa, onde goleou o Cruzeiro pelo Brasileirão

Flamengo e Maricá, atualmente nas últimas posições do grupo. Essa seria a primeira vez, em quatro anos, que o Glorioso avançaria de fase no Estadual, após algumas temporadas com campanhas irregulares, em parte devido à decisão de utilizar jogado-

res reservas e de base. Neste ano, contudo, a equipe titular já entrou em campo desde o terceiro jogo, o que tem levado a vitórias. Os resultados em campo — incluindo a liderança na primeira rodada do Brasileirão — contrastam com a situação política da So-

cidade Anônima do Futebol (SAF), que sofreu um *transfer ban*, sendo impedida de contratar jogadores, e cujo dono, John Textor, tem discordado de pessoas em cargos altos no futebol alvinegro, como o CEO Thairo Arruda.

Para o Fluminense, uma

vitória também seria fundamental para a meta de classificar-se para as quartas de final. O time deverá ter alterações na escalação em relação aos que entraram em campo no Brasileirão, o que pode dar a chance para a estreia, entre os titulares, de um velho conhecido do rival e candidato a protagonizar a “lei do ex”: o meia Savarino. Recém-contratado, o venezuelano foi elogiado pelo técnico Luis Zubeldía. “Savarino tem a particularidade de que, se joga na esquerda, na direita ou no centro, seu jogo não muda. Sabe driblar, encontrar o centroavante e chutar ao gol. As características se mantêm jogue onde jogue, algo que não é normal. Além disso, é bom na bola parada, o que para nós é importante. Pouco a pouco, vai acrescentando coisas ao time”, apontou Zubeldía.

Amanhã, outros jogos completam a penúltima rodada do Campeonato Carioca,

com destaque para o confronto entre Madureira e Vasco, às 20h, em São Januário, com mando de campo do Tricolor Suburbano. Ambos iniciaram o fim de semana na zona de classificação e almejam os três pontos para encaminhar a vaga nas quartas de final.

Paulistão

Ainda hoje, o Campeonato Paulista reserva novas emoções para os times que disputam a Série A do Brasileirão, na continuidade da sexta rodada. Às 18h15, o Bragantino, único time ainda invicto, recebe o São Bernardo no Cícero de Souza Marques, em busca de voltar a vencer após dois empates. Já às 18h30, começa o confronto entre Mirassol e Novorizontino, no Maião, valendo a manutenção da liderança para o visitante. Por fim, o Palmeiras, vice-líder do torneio, vai até Ribeirão Preto para enfrentar o Botafogo-SP, às 20h30.

COPA DOS CAMPEÕES

Corinthians e Arsenal enfrentam-se às 15h por um título inédito

O Corinthians entra em campo hoje, às 15h, para disputar a grande final da Copa dos Campeões Feminina da Fifa 2026. O adversário será o Arsenal, que venceu o Asfar por 6 a 0 na semifinal e jogará em seu próprio estádio, em Londres. A decisão será transmitida pela Cazé TV, no YouTube, e pela plataforma de *streaming* DAZN.

Acostumado a enfileirar títulos no futebol sul-americano, o Timão não entra em nenhuma competição sem pensar em ocupar o lugar mais alto do pódio. Na Inglaterra, não é diferente.

A vontade de ser campeão combina muito com a história que o Corinthians construiu nos últimos anos. Afinal, o Alvinegro é o maior campeão do

Brasileirão, com sete troféus, e da Libertadores Feminina, com cinco. A galeria de conquistas também conta com o Paulistão (quatro), a Supercopa do Brasil (três) e outras taças. Mas ainda há espaço para mais uma.

No clube desde 2018, Gabi Zanotti vivenciou todas essas glórias e agora anseia pelo título que sequer existia quando ela vestiu pela primeira vez

a camisa do Corinthians, em 2018. Segundo a jogadora, a chance de mostrar o valor que o Corinthians tem e provar ao mundo que esse time pode enfrentar qualquer adversário de igual para igual é um combustível que a ajudou na semifinal. “Isso nos dá mais motivação. Quando as pessoas falam muito sem nos conhecer, sem saber a importância do Corinthians

na América do Sul... Bem, isso foi algo a mais: entrar em campo e mostrar que o Corinthians também é muito grande, e agora que estamos na final”, declarou.

Na semifinal, a arquibancada do Estádio do Brentford foi tingida de preto e branco. Uma multidão corintiana encheu os pulmões para gritar do começo ao fim e apoiar o time

em sua primeira jornada intercontinental no futebol feminino. Na decisão, a presença de torcedores corintianos no Estádio do Arsenal — justamente o clube adversário da decisão — deve ser ainda maior. O que não chega a ser novidade para um clube acostumado a esgotar ingressos com mais de 40 mil presentes em suas decisões no futebol sul-americano.

COM CARLO ANCELOTTI

Jogadores esperam primeira chance

Veja alguns atletas ainda não convocados pelo técnico da Seleção; amistosos de março serão última oportunidade

O relógio está correndo. A cada dia que passa, a Copa do Mundo da Fifa 2026 fica um pouco mais perto e o técnico Carlo Ancelotti tenta definir os convocados para defender o Brasil no torneio.

É diante desse cenário que vários jogadores lutam contra o tempo para provar ao treinador italiano que merecem um lugar na Seleção. No mês de março, o Brasil enfrenta França e Croácia em dois jogos amistosos que podem ser decisivos na disputa por uma das vagas na convocação final.

Pensando nisso, a Fifa separou alguns jogadores que ainda não foram chamados por Ancelotti — e que correm contra o tempo para estar no Mundial do Canadá, Estados Unidos e México.

Neymar Jr. Atacante — Santos

Era impossível começar a lista sem esse nome. Camisa 10 do Brasil nas últimas três Copas do Mundo, Neymar Jr. sofreu com lesões e com a falta de ritmo de jogo no último ano e ainda não conseguiu uma chance com Ancelotti. Seu último jogo pela Seleção, aliás, aconteceu em outubro de 2023, contra o Uruguai, pelas Eliminatórias da Copa — na época, o conjunto ainda era treinado por Fernando Diniz.

Ancelotti não esconde a admiração que tem por ele, mas não garante que o atacante do Santos disputará sua quarta Copa. “Temos que pensar no Brasil, que pode estar com Neymar ou sem Neymar, com outros jogadores ou sem outros jogadores. A lista definitiva vamos fazer depois da Data Fifa de março”, declarou em entrevista em dezembro.

Endrick Atacante — Lyon

Uma das principais esperanças para resolver o ataque da Seleção, Endrick trabalhou sob o comando de Carlo Ancelotti durante um ano no Real Madrid. Com pouco espaço após a chegada de Xabi Alonso, ele não teve a sequência necessária para ser convocado. Sua transferência por empréstimo para o Lyon, da França, no entanto, promete mudar esse cenário.

Nas três primeiras partidas, ele marcou quatro gols e deu uma assistência, abrindo as portas para uma transformação muito bem-vinda às vésperas da Copa do Mundo.



Foto: Rafael Ribeiro/CBF

Neymar não joga pelo Brasil desde outubro de 2023 e tem sofrido com lesões e falta de ritmo

Igor Thiago Atacante — Brentford

Nome até outrora desconhecido para o grande público brasileiro, Igor Thiago entrou de vez no radar da Seleção com sua grande fase pelo Brentford. O centroavante é o vice-artilheiro da Premier League, atrás apenas de Erling Haaland. Além disso, ele bateu o recorde de gols de um brasileiro em uma única temporada do campeonato, chegando a 16 e deixando para trás a marca estabelecida por Gabriel Martinelli, Matheus Cunha e Roberto Firmino nos últimos anos.

Bremer Zagueiro — Juventus

Um dos quatro zagueiros do Brasil na última Copa do Mundo, Bremer passou boa parte do ciclo do próximo Mundial recuperando-se de uma grave lesão no joelho. Recuperado, o defensor da Juventus pode ter a oportunidade perfeita para reconquistar seu lugar na Amarelinha.

A defesa é uma das regiões mais concorridas do time de Ancelotti, mas ele não deve contar com jogadores como Eder Militão e Danilo na Data Fifa de março, abrindo espaço para que Bremer retorne ao radar da Seleção.

Matheus Pereira Meio-campista — Cruzeiro

Não é de hoje que o Brasil tem procurado opções para atuar como meia ofensivo, e Matheus Pereira tem sido um dos melhores do país na posição desde que chegou ao Cruzeiro.

Com experiência no futebol europeu e asiático, o meio-campista encontrou-se jogando pelo clube de seu coração e chegou a ser convocado para a Seleção neste ciclo, mas sob o comando de Dorival Júnior. Ancelotti pode ter nele uma boa alternativa para dar mais criatividade à Seleção.

Pedro Atacante — Flamengo

Mais um jogador que esteve na Copa do Mundo de 2022, Pedro é um tipo raro de atacante que combina altura, refino técnico e uma forte capacidade de finalização. Ele passou mais da metade do ano passado batalhando contra graves lesões, como uma ruptura ligamentar no joelho e um braço quebrado, mas conseguiu ser importante para o Flamengo mesmo assim.

Em uma temporada muito vitoriosa para o Rubro-Negro, Pedro foi o vice-artilheiro do clube, com 15 gols, e pode levar um pouco desse faro a

uma Seleção que precisa muito de um camisa 9.

Rayan Atacante — Bournemouth

Jogador mais novo da lista, Rayan é uma das maiores promessas do futebol brasileiro. Aos 19 anos, ele destacou-se no Vasco da Gama, sendo responsável pelos melhores momentos dos gigantes cariocas em 2025. Foram 20 gols marcados por ele no ano passado. Neste ano, foi contratado pelo Bournemouth, na maior venda da história cruzmaltina.

Ele nunca foi convocado para a equipe principal do Brasil, mas foi campeão sul-americano sub-17 e sub-20 com a Seleção, além de disputar a Copa do Mundo Sub-17 da Fifa, em 2023.

Outros candidatos

Em um país tão grande e cheio de talentos como o Brasil, uma lista nunca contempla todos os candidatos a vagas na Seleção. Há jogadores experientes, como Thiago Silva, do Porto, e Arthur, do Grêmio, que ainda buscam uma oportunidade com Ancelotti. Há promessas despontando, como Allan, do Palmeiras, e Breno Bidon, do Corinthians, que também podem pintar como novidades na próxima lista.

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Em busca dos dois dígitos

O Campeonato Paraibano chega neste fim de semana à quinta rodada e tem sido promissor em um quesito que muito estimo. Nas últimas edições, a ausência de um artilheiro com muitos gols ao fim do Estadual tem sido latente. Alguns aspectos explicam isso. A quantidade de jogos de cada edição vem diminuindo drasticamente de 2018 para cá por conta da definição que a CBF impôs para que essas competições tenham poucas datas dentro do calendário do futebol brasileiro.

O que, de fato, tem ajudado pouco que novos goleadores surjam com grandes números nos estaduais, algo bem diferente das décadas anteriores, em que o Campeonato Paraibano tinha uma numeração de partidas para os camisas 9 conseguirem marcar gols e páginas no futebol da Paraíba. Mas não dá para negar também que a qualidade dos jogadores de frente nos últimos anos no estado também tem diminuído.

Dessa forma, toda vez que vai começar o Paraibano, eu penso cá comigo: será que teremos um artilheiro que chegue ao fim do certame com dois dígitos de gol? A preocupação faz total sentido. A última vez que um jogador atingiu pelo menos uma dezena de gols numa edição do Estadual da Paraíba foi em 2017. Naquela edição do Paraibano, o atacante Rafael Oliveira, com a camisa do Botafogo-PB, marcou 16 gols na competição.

De lá para cá, ninguém passou dos nove. O maior goleador dos dois últimos torneios foi o então camisa 9 do Sousa, Diego Ceará. Ele marcou seis gols em 2024 e a mesma quantidade em 2025. Com o bi, naturalmente, era um dos favoritos para buscar o tri, mas a missão fica cada vez mais difícil. Isso porque Diego Ceará vem sendo preterido pelo treinador do Serra Branca, Roberto Maschio, e tem sido reserva de Marcelo Toscano. Agora num novo clube e com esse cenário a enfrentar, Diego Ceará dificilmente vai buscar a artilharia, tendo em vista que tem tido pouca minutagem e ainda não fez gols.

O titular do Serra Branca, no entanto, é um dos que pode tentar alcançar o título de artilheiro. E também os tão almejados — acho que mais por mim — dois dígitos de gol. O camisa 10 do Carcará, Marcelo Toscano, fez dois gols em três jogos disputados até a escrita desta coluna e acredito que vai guardar mais bolas no barbante durante a competição.

O grande favorito do momento, entretanto, é o atacante Luis Henrique, do Sousa, que, por sinal, já foi artilheiro do Campeonato Paraibano, e vai em busca do bi desse título. Com quatro gols até o momento, o jogador do Dinossauro só tem um a menos em relação à quantidade de gols que lhe consagrou o maior goleador do Paraibano de 2023. Essa boa marca no início do Estadual também lhe dá uma condição de perseguir a marca que eu mais torço para acontecer: chegar a pelo menos 10 gols durante o Campeonato Paraibano. O atleta fez quatro jogos e marcou quatro gols. Um por jogo. Se continuar com essa média, e o clube chegar à final, Luis Henrique fará 13 gols. Nada mal! Mas ainda é matéria de “se”. Vejamos como será.

Pelo menos dois jogadores, ao meu ver, desapontam a essa altura de mais ou menos metade da primeira fase. O camisa 9 do Botafogo-PB, Henrique Dourado, que chegou para a competição como um dos favoritos para disputar o título de artilheiro, ainda não balançou as redes. Nem mesmo na goleada do Belo sobre o Pombal, por 4 a 0. Está devendo! O mesmo acontece com o camisa 9 do Campinense, Hélio Paraíba, que fez uma boa pré-temporada, mas até agora não marcou com a camisa raposeira em jogos oficiais. Ambos se distanciam da glória de artilheiro do torneio e da missão de chegar a dois dígitos de gols feitos na competição estadual. De todo modo, tudo isso é capricho. Meu e de quem busca a artilharia. Bom mesmo é ser campeão paraibano, mesmo sem balançar as redes. É isso que muito mais gente ainda busca neste início da temporada.



Foto: Reprodução/Instagram @thiago01

Igor Thiago desponta como candidato após temporada brilhante, em que é vice-artilheiro da Premier League pelo Brentford

Celebração DAS LETRAS

Há 133 anos, o **Jornal A União** registra a história, informa gerações e preserva a memória da Paraíba.

Há 3 anos, a **Livraria A União** amplia esse compromisso, como espaço de leitura, diálogo e cultura.

Duas trajetórias que reafirmam o papel da palavra como memória, conhecimento e construção de futuro.

JORNAL

AUNIÃO



Livraria

AUNIÃO

Poeta
Juca Pontes

Celebrando o legado das letras
e sua permanente renovação.



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO



CARNAVAL

Protótipo do trio elétrico na Paraíba

Estado contribuiu para aperfeiçoar o que é considerada uma mídia sonora genuinamente brasileira

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Alguém duvida que o trio elétrico é uma criação baiana? Os registros de carros de som utilizados nas festas de Momo da capital paraibana têm sido reivindicados como precursores da invenção que, hoje, mobiliza boa parte do Carnaval no país. A pesquisa do jornalista Wills Leal (1936–2020), baseada em fotos e notícias divulgadas em jornais da década de 1940, afirma que, já naquela época, brincava-se o Carnaval nas ruas de João Pessoa com equipamentos que poderiam ser considerados o protótipo do trio elétrico.

Os argumentos são compilados num dos capítulos do livro *No tempo do Lança-perfume*, espécie de historiografia do Carnaval pessoense. O primitivo carro elétrico carnavalesco paraibano, um Chevrolet modelo 1939, foi iniciativa do conhecido técnico de motores e eletricidade, Newton Monteiro, em parceria com um grande folião, o major Ciraulo. Uma invenção que foi aperfeiçoada, logo depois, pelo compositor Genival Macedo, para divulgar o frevo, novo ritmo pernambucano, tanto que a engenhoca recebeu o nome de Palácio do Frevo.

“Além de compositor, Genival Macedo era uma espécie de publicitário e radialista que fazia reclames para os jornais, e resolveu colocar, com o irmão, um car-

ro com uma corneta imensa para tocar música de Carnaval e anunciar os patrocinadores de lojas, padarias etc. Isso foi logo depois da Segunda Guerra Mundial, por volta de 1946, por aí. O trio elétrico da Bahia surgiu em 1950. Se a gente considerar a questão cronológica, é um precursor dentro da lógica de sonorizar um veículo, mas não se trata propriamente de um trio elétrico, porque não tinha músico tocando em cima”, explica o jornalista e escritor Fernando Moura, que colheu esses relatos do próprio Genival Macedo e, com os registros fotográficos, estão no livro *Jackson do Pandeiro: O rei do ritmo* (Editora 34).

O pesquisador prefere chamar o equipamento paraibano de “duo elétrico” para distinguir da fobica baiana, mas não vê problema em considerá-lo um precursor do trio elétrico. Ele atribui a falta de referência a essa experiência local na história do Carnaval brasileiro em parte à diferença quanto ao uso de música ao vivo amplificada, como também ao fato do trio baiano ter se consolidado e expandido-se pelo restante do país. Argumenta, no entanto, que ambas as experiências precisam ser situadas em seus respectivos contextos históricos e culturais como embriões do trio elétrico tal qual conhecemos hoje.

O músico e produtor cultural Mestre Fuba, um dos fundadores do bloco Muriçocas do Miramar, presenciou a chegada do trio elétrico no Carnaval paraibano, na década de 1980, e defende o pioneirismo paraibano. Ele acredita que essa experiência não repercutiu nacionalmente porque não houve muita projeção na mídia, ao contrário do que ocorreu no Carnaval soteropolitano, em que o trio elétrico popularizou-se na década de 1970, com artistas como Moraes Moreira, firmando-se definitivamente com a ascensão do *axe music*, com cantores como Luiz Caldas. Tudo isso contribuiu para aperfeiçoar a invenção que é considerada uma mídia sonora genuinamente brasileira.

“No fim dos anos 1980, quando o Luiz Carlos lançou ‘Fricotê’, ele começou a aparecer por aqui, mas eram trios com limitações, inclusive os primeiros que saíram do bloco das Muriçocas. A partir da década de 1990 é que eles foram se popularizando e crescendo cada vez mais em tecnologia, então começaram a utilizar caminhões trucados e depois passaram a utilizar carretas”, explica o músico. Neste ano, quando o bloco completa 40 carnavais, serão seis trios elétricos a animar o trajeto entre as avenidas Tito Silva e Epitácio Pessoa.

Até chegar ao que temos hoje, a festa de Momo reinventou-se com iniciativas de som amplificado, segundo a tecnologia existente na época, como as charangas, que se utilizavam de caminhões para fazer acontecer a folia de rua com o corso carnavalesco.

“Um desses caminhões das charangas bem famoso era o do grupo Os Morcegos, da Rua da Areia. Era um caminhão resgatado da Segunda Guerra que ficava estacionado o ano todo na frente da casa de alguém do grupo e, quando chegava perto do Carnaval, eles ajeitavam a mecânica e limpavam para sair com a banda de música, circulando pela cidade. Eles visitavam as casas com todos os integrantes fardadinhos, com a mesma roupa”, conta Fernando Moura, que chegou a participar desses carnavais na década de 1970.

Animados pela batucada em carro aberto, as charangas tornavam disputadas as chamadas Visitas de Momo, que

podiam ser de surpresa ou combinadas com o dono da casa. A brincadeira do mela-mela complementava a diversão do corso carnavalesco. Mestre Fuba considera esse carnaval de rua bem mais confortável acusticamente, mas havia opção para todos os públicos, inclusive para quem não queria perder nada e brincava tanto nas charangas quanto, à noite, nos bailes dos principais clubes da cidade.

“João Pessoa foi considerada um dos melhores carnavais do Nordeste porque havia uma disputa entre os clubes Cabo Branco e Astréa, que faziam com que eles trouxessem as melhores atrações do Brasil daquela época. Eu me lembro não só da Orquestra de Severino Araújo, como da Orquestra do Maestro Cipó, das Mulatas do Sargentelli e das pessoas ligadas ao Carnaval da época, como Elza Soares, Capiba e Claudionor Germano, que davam um salto qualitativo e fazia com que João Pessoa fosse conhecida”, destaca o produtor cultural.

Fuba conta que o declínio do corso, no fim da década de 1970, deu-se em razão da violência que começou a vigorar no mela-mela, somado às proibições para sair nas ruas em caminhões ou carros abertos. Com a baixa nas tradições de rua e a popularidade das folias de Olinda, Recife e Salvador, veio também o enfraquecimento dos clubes, que já não atraíam mais a juventude. Apesar das tentativas de revitalização da festa, o Carnaval pessoense só superaria a crise na segunda metade da década de 1980, com o Muriçocas do Miramar, bloco que, segundo Fuba, surgiu justamente para responder a divulgação na imprensa de que a capital paraibana era lugar para descansar nos dias de Momo.

“Quando Muriçocas saiu pela primeira vez foi uma brincadeira, mas no segundo ano resolvemos colocar de novo o bloco na rua, com dois pequenos trios elétricos, e já existia no inconsciente coletivo essa vontade de brincar o Carnaval”, completa Fuba, que está lançando o livro *A Celebração da Alegria — 40 anos de Muriçocas* (Editora A União), no qual conta a história do bloco e também das tradições dos carnavais brasileiro e paraibano.



Ilustração: Bruno Chiossi

Um dos primeiros modelos (baseado no “duo elétrico” de Newton Monteiro, do fim dos anos 1930), inventado por Genival Macedo, Gilvan Macedo e o próprio Monteiro (ilustração); sistema de som agitando a Rua Maciel Pinheiro, em 1978 (foto acima) e o verdadeiro trio elétrico na Micarande de 1998 (foto ao lado)



Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Visão empreendedora, liderança e responsabilidade editorial são fundamentais a qualquer iniciativa de imprensa. Foram esses os elementos reunidos por Neno Rabello, empresário e jornalista paraibano na fundação da revista *A Semana*, considerada uma das mais longevas do Norte e Nordeste. Superando adversidades com o bom humor que lhe era característico, sempre direcionou seus esforços para percorrer novos caminhos, mesmo quando lhe faltou a visão, inspirando os que estavam à sua volta.

Humberto Flávio Rocha Rabello nasceu em 10 de novembro de 1953, em João Pessoa. O segundo filho da professora Adylla Rocha Rabello e do empresário Humberto Lins Rabello recebeu o apelido “Neno” ainda criança, pela forma como balbuciava as primeiras palavras. Ainda com quatro anos, passou por maus bocados ao sofrer um acidente doméstico que o deixou com queimaduras e o levou a ficar 15 dias em coma e cerca de dois meses internado. Desde pequeno, o garoto já desenvolvia a capacidade de superar os obstáculos, aprendizado que levou para o resto da vida.

Do pai, que também atuou como locutor na Rádio Tabajara, herdou a vocação para os negócios. Dizia, no entanto, que fez o caminho inverso, dedicando-se primeiro à administração e só depois à comunicação, ainda que seu foco fosse a gestão comercial dos veículos de imprensa. Formado em Administração de Empresas pelos Institutos Paraibanos de Educação (Ipe), atual Unipê, aos 19 anos, Neno já tinha fundado a Gomes Rabello Empreendimentos Imobiliários Ltda., empresa na qual manteve participação acionária até 1982.

“Neno foi um corretor imobiliário muito famoso e bem-sucedido até um certo tempo, fazendo e desenvolvendo muitos trabalhos na área do Bessa, que hoje chamamos ‘Jardim Oceania’, com o sócio dele, que era, vamos dizer assim, o herdeiro daquela gleba familiar. Com isso, Neno se notabilizou e foi uma liderança nesse setor”, explica o irmão, o jornalista Gerardo Rabello. No currículo do administrador, constam, ainda, a direção comercial da Usina Santana e da Cerâmica São Luiz, ambas do Grupo Assunção Santiago, no estado do Piauí.

No retorno à Paraíba, investiu novamente no ramo imobiliário, mas, segundo Gerardo, as experiências não foram tão bem, migrando para a gestão em comunicação. Foi quando, em 1992, comandou a Rádio Arapuan FM e logo depois foi convidado para gerir comercialmente os jornais impressos e emissoras de rádio e televisão, que formavam os Diários Associados na Paraíba, onde permaneceu até 1999. Foi nesse mesmo ano que se lançou, ousadamente, no mercado editorial de revistas.

“Ele chegou na comunicação mais pela via administrativa, começando com a direção, até criar a revista *A Semana*. Com a *vibe* de empreendedor que tinha e as muitas amizades dentro do segmento, sobretudo com as pessoas que escreviam, ele se encarregava da liderança empresarial”, relata Gerardo Rabello, que à época tinha projetos de publicação semanal, mas optou por contribuir com a iniciativa do irmão.

Apesar de ter iniciado na revista somente a partir do terceiro número, o jornalista Jorge Rezende lembra a data exata do lançamento do magazine paraibano: 14 de maio de 1999. A razão é que *A Semana* foi sua casa como repórter e depois como editor adjunto. “A revista

circulou de maneira ininterrupta durante 17 anos e é considerada a revista mais longeva do Nordeste. Tratava de assuntos gerais, mas tinha como base a política, a economia e a cultura. Outra marca dela era uma entrevista pingue-pongue, de perguntas e respostas, que ocupavam de três a quatro páginas com algum político ou alguém da área da comunicação ou da cultura. Além da venda nas bancas, o seu forte eram as assinaturas, que chegavam a vários estados do Brasil até a países da Europa, como Alemanha, Suíça e Itália”, conta o jornalista.

Apesar de reconhecer a inteligência e o bom humor como principais características do empresário, Rezende relembra que ele também gostava de uma briga. Isso não abalava, no entanto, a amizade e a confiança que ambos mantinham. Como fundador e presidente do periódico, Neno sempre estava presente e acompanhava tudo e, mesmo que recomendasse alguma matéria, Jorge enfatiza que nunca chegou a ser censurado em nada. “Eu tinha uma liberdade muito grande. Às vezes, ele ia saber o que estava na revista no dia de levar para a gráfica, por exemplo. Neno era uma figura totalmente diferente, fora da curva da maioria dos empresários de comunicação”, destaca.

Outra profissional que passou por *A Semana* foi a jornalista Rosa Aguiar, que atuou como colaboradora na coluna de turismo e, depois, como editora. Ela lembra de algumas entrevistas pingue-pongue que chegou a fazer, assim como das reuniões de pauta que tinha na casa do empresário, sobretudo quando os problemas com a diabetes se agravaram, a ponto de provocar a sua deficiência visual.

“Neno era uma pessoa muito espírita, vivia brincando com todos. E era impressionante, porque ele tinha pro-

blemas sérios de saúde que o deixaram completamente cego, mas, mesmo assim, ele não desistiu da revista. Ele era um homem muito bem relacionado e não se abateu diante dos problemas. Muito empolgado com a revista, sempre pensava positivo e procurava ver o mundo de uma maneira linda, mesmo sem enxergar”, recorda Aguiar, pontuando a qualidade e o sucesso da revista, inclusive de algumas edições especiais bem volumosas, que resgataram a história e personagens da cultura paraibana.

A cegueira foi um choque para o empresário, mas foram muitos os alertas de que isso pudesse acontecer. O filho caçula, Beto Rabello, conta que o pai foi diagnosticado com diabetes quando tinha 24 anos, mas, como não sentia sintomas, nunca se preocupou em controlar a doença, que o levou a amputar dois dedos e fazer cirurgia para colocar pontes de safena. Em entrevista para a TV Assembleia, Neno reconheceu a falta de cuidado, procurando conscientizar outras pessoas para não relaxar no tratamento.

Neno contava com o filho para realizar boa parte de suas atividades. Dessa convivência, brotaram boas memórias e lições, que Beto faz questão de frisar, como a capacidade do pai para resolver problemas. Ele lembra que o empresário costumava dizer que, se algo fosse um problema, teria solução, porque, se não tivesse solução, deixaria de ser problema. Outro ensinamento que mantém vivo se refere às amizades, que Neno considerava o maior patrimônio de um homem.

“Ele nunca deixou de trabalhar por ser um cara assim, muito guerreiro e resiliente. E, quando ele recebeu um convite para estudar Direito, não hesitou em fazer os quatro anos até se formar. Fazia todas as provas orais e só tirava nota

boa, porque a turma o ajudava a estudar. Quando ele não tinha o audiolivro, os amigos gravavam as aulas para ele. Era muito querido pela turma, quase que um mascote, pelo bom humor e pelas brincadeiras que fazia”, conta o filho.

Na entrevista concedida à TV Assembleia, o próprio Neno afirmou que sempre foi um “moleque de humor”, que levava tudo um pouco para tirar alguma graça da vida, como nas crônicas que escrevia para a revista, aos fins de semana. “Por que escrever tristeza, melancolia? O mundo já está tão cheio de problemas para colocar mais um na mão do leitor”, argumentou.

Uma das histórias cômicas contada pelo filho que revela esse bom humor refere-se a um encontro de Neno com o poeta e amigo Ronaldo Cunha Lima, durante uma confraternização de fim de ano para a imprensa na granja do governador. Ronaldo, conhecido pelo humor afiado, usava cadeira de rodas e pediu para o cuidador aproximá-lo de Neno, que já estava cego. Ao ver duas mulheres bonitas passando, Ronaldo brincou dizendo ao amigo que ele estava “perdendo” aquilo, e, no embalo da piada, Neno replicou: “Então corre atrás delas!”, arrancando risos de todos. A história foi registrada, depois, em forma de poesia, pelo próprio Ronaldo Cunha Lima.

Se, nos espaços públicos, o empresário tinha uma postura mais extrovertida, o irmão pondera que, em família, Neno não era necessariamente a simpatia em pessoa. Como compreendia que a irritabilidade era provocada pela diabetes, Gerardo fazia de tudo para driblar esses momentos, como na época das vacas magras, quando a revista já estava em crise e prestes a fechar. O irmão pretendia convencê-lo a partir para a mídia radiofônica, mas precisava saber bem como fazer.

“O impresso era caro e eu considerava que o que tinha de comercial na revista podia migrar para o rádio, sem ter o custo da gráfica, podendo sobrar um pouco mais. Mas ele tinha um certo orgulho de ter mantido a revista, então eu conversei com Jussara Braga, da Rádio Sanhaú, para saber se ela tinha um horário disponível. Pedi que ela o convidasse, dizendo que queria fazer um programa com mais desenvoltura e repercussão, para ele assistir da revista, e combinei com ela de dar um apoio na área comercial, por fora, sem ele saber”, confessa. Quando Neno comentou com Gerardo sobre o “convite”, foi a deixa para incentivá-lo a entrar para o mundo do rádio.

A voz e a eloquência no falar, assim como as tiradas engraçadas, fizeram grande sucesso junto ao público. Ao lado de Jorge Rezende, Neno apresentava o programa radiofônico *A Semana na Sanhaú*. Em pouco tempo, surgiu uma nova proposta, da Rádio Nova Correio AM, onde permaneceu até os últimos dias.

“Poucos na comunicação paraibana tiveram a coragem que Neno Rabello teve, de editar uma revista semanal impressa que chegava a 40 páginas e, nas edições especiais, chegava a 130 páginas. É muito atrevido, porque a revista passava por períodos muito bons financeiramente e outros períodos ruins. Neno foi, até o momento, um grande nome na área da comunicação na Paraíba”, comentou Jorge Rezende.

Neno Rabello faleceu aos 62 anos, em 11 de julho de 2016, de um infarto fulminante. Preparava-se para lançar, no mês seguinte, o livro *Ponto de Vista — Crônicas de um cego que vê*, reunindo alguns de seus escritos na imprensa. A obra veio a público, acompanhada de diversas homenagens póstumas de familiares e amigos.

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Quando o discurso ou a entrevista não rendem uma frase entre aspas

Como assessor de imprensa ou repórter, você já fez a cobertura jornalística de uma solenidade em que o pronunciamento da autoridade principal não rendeu uma frase de impacto, uma declaração entre aspas sequer?

Já passei muito por isso, nas duas funções citadas acima, e a experiência é muito ruim. Como assessor, você ainda pode ter acesso à fonte e obter uma declaração nova. Como repórter, tal oportunidade nem sempre existe, e você precisa escrever logo a matéria com o que tem em mãos.

Muitas autoridades e gestores ignoram, mas elaborar um discurso ou ter um roteiro do que irão falar é essencial. Ter ideias bem ordenadas faz toda a diferença no momento de transmitir uma informação. E, se o agente principal não se prepara bem — seja para uma solenidade, seja para uma entrevista —, a mensagem-chave que deveria chegar ao público se perde, na indefinição do que é essencial e no improviso.

Para fazer um pronunciamento ou conceder uma entrevista, é preciso preparo. No curso “Comunicação Assertiva: Oratória, Retórica e Técnicas de Apresentação”, ofertado gratuitamente pela Escola Nacional de Administração Pública (Enap), são sugeridos quatro aspectos que alguém deve levar em consideração ao planejar um ato comunicativo.

São eles: 1) Identificar a finalidade do discurso; 2) Escolher o tema e o enfoque



Para discursos, pronunciamentos ou entrevistas, são necessários planejamento, conteúdo e clareza, além de atenção à voz e à postura

Foto: Reprodução/Pexels/Parabian

lhor será. Com isso, é possível adequar a linguagem e a quantidade de informação a ser transmitida. Por fim, você precisa escolher bem as informações que irá repassar, avaliando o que é mais importante para que seu discurso possa surtir o efeito pretendido.

No livro *Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia — Teoria e Prática*, Jorge Duarte apresenta a técnica de criação de mensagens-chave, que é muito útil. Na obra, o foco é a entrevista, mas essa proposta também pode ser adotada para discurso ou pronunciamento.

Conforme Duarte, “mensagens-chave são conceitos previamente definidos para posicionamento público e que a fonte enfatiza para esclarecer, convencer ou destacar”. Elas devem ser relevantes, claras, consistentes, concisas e fáceis de memorizar, sempre baseadas nas necessidades de informação do público. Recomenda-se definir no máximo três, em conjunto com a equipe de comunicação, cada uma apoiada por argumentos e dados objetivos.

Para discursos, pronunciamentos ou entrevistas, não basta boa vontade: é necessário planejamento, conteúdo e clareza, além de atenção à voz e à postura. Quem atua em assessoria de comunicação deve orientar o assessorado sobre esses aspectos. Ele pode até considerar o processo inoportuno no início; com o tempo, porém, perceberá o impacto positivo na mensagem e na imagem transmitida.

do tema e do enfoque contribui para que o indivíduo não se perca em generalidades, abordando os mais diferentes assuntos. Sim, é preciso definir um tema.

Ignorar o público com o qual você irá se comunicar é um erro. Quanto mais você souber sobre quem irá receber a sua mensagem, me-

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Panem et circenses e a música carnavalesca

Talvez tão antigo quanto a própria língua latina, o aforismo *panem et circenses* quase recentemente, em 1968, foi revitalizado com a criação musical homônima de Caetano e Gil, conhecida e celebrada como a porta de entrada do Tropicalismo. “Eu quis cantar minha canção / Iluminada de sol / Soltei os panos e os tigres e os leões nos quintais... / Mas as pessoas na sala de jantar / São ocupadas em nascer e morrer...”.

Mesmo traduzindo a expressão latina — apesar do belo texto e música dos baianos —, pode-se dizer que esta é um tanto quanto enigmática.

A expressão latina pode ser traduzida, dentro de outro contexto, como “pão (outras coisas) e circo” e foi cunhada pelo imperador romano Juvenal em uma de suas sátiras. Também o imperador Tibério fez alusão ao tema quando afirmou que o povo é governado, sobretudo, “com comida e espetáculos” (*annonae et spetaculis*).

A cultura de oferecer ao público algo, espetáculos no caso, que lhes proporcione certas formas de divertimento ou lazer, como queiram, persistiu e permanece até os nossos dias, mesmo que venha sofrendo necessárias “atualizações”.

Se antes a plateia se divertia com espetáculos de deprimentes lutas de “guerrilheiros” que se batiam até a morte para deleite de imperadores e gente do povo, ou de “sacrifícios” gratuitos em que se feriam e matavam animais indefesos, depois surgiram os circos modernos em que, até pouco tempo, os mesmos serviam de



Detalhe da obra “Só alegria”, acrílica pintada com a boca pelo paulista Jadir Raymundo

divertimento para uma plateia sequiosa dessa forma de lazer.

Dentro do mesmo campo, surgiram os esportes, mais saudáveis, mas que, no entanto, sobretudo no futebol, ainda se ensaiam espetáculos igualmente ou até

mais deprimentes de lutas corporais de torcidas desclassificadas.

Quanto ao Carnaval, o que antes provocava a alegria de foliões, como confetes e serpentinas, e até o lança-perfume — lembram-se de frascos ou embalagens

metálicas da Rhodia Rod’oro — que antes serviram como “brincadeiras inocentes”, mas transformaram-se em droga solvente inalante?...

Tudo isso serve de pano de fundo para as ditas festas populares, como Carnaval, Ano-Novo, festas juninas e outras mais.

Ái vem o Carnaval que, em tempos idos, eram só três dias, passando a quatro, mais recentemente — do sábado à terça-feira. Eram os tempos saudosos dos bailes carnavalescos dos Veteranos, do Cabo Branco e do Astréa e outros menos concorridos. Mas quem diria? Hoje essas festas populares se estendem por semanas e, algumas vezes, até por mais de mês, como, no caso, o tal “São João fora de época”, que já viralizou pelo Nordeste. Só lembrando: o Carnaval paraibano vai, ao que fui informado, de 4 a 17 de fevereiro entrante.

Por outro lado, não restam dúvidas de que já não se fazem mais músicas direcionadas ou específicas para as duas mais tradicionais festas nordestinas: o São João e o Carnaval.

Quantas dessas músicas fizeram morada no inconsciente coletivo? “Jardineira”, “Allah-lá-ô”, “As águas vão rolar”, “Evocação nº 1”, “Quem roubou minha cueca”...

Foi sobre algumas dessas lembranças musicais que, na coluna anterior, falamos aos nossos leitores.

Lembre-se, no entanto, de que Carnaval não é campo de batalha, mas é — pelo menos, deveria ser — período de lazer e divertimento, ou seja, *panem et circenses*.

TECNOLOGIA

França proibirá uso de ferramentas dos EUA

Governo vai banir programas como Google Meet, Zoom e Teams no setor público

Da Redação

O governo francês vai proibir o uso de ferramentas de videoconferência norte-americanas, incluindo o Google Meet, o Zoom e o Teams, pelos funcionários públicos do país — que deverão passar a usar a plataforma nacional Visio.

Essa medida, que surge no momento em que a Europa questiona a sua dependência das tecnologias dos EUA, após o aumento das tensões geopolíticas terem despertado receios de vigilância estrangeira ou interrupções de serviço, permite poupar até um milhão de euros por ano por cada 100 mil utilizadores, de acordo com informações da plataforma portuguesa *Zap*.

Houve uma sequência de falhas em serviços de computação na nuvem dos Estados Unidos no ano passado, de acordo com a *Euronews*.

O gabinete do primeiro-ministro Sébastien Lecornu preparou uma circular que obriga os funcionários do Estado a utilizar o Visio — um *software* de videoconferência concebido pela Dinum, a Direção Interministerial do Digital do país. O programa funciona numa infraestrutura fornecida pela empresa francesa Outscale. A circular será publicada “nos próximos dias”, afirmou um porta-voz da Dinum.

Essa medida surge na sequência de um anúncio feito, no último dia 25, pelo ministro da Reforma do Estado, David Amiel, de que a França iria promover a adoção de uma plataforma nacional de videoconferência até o ano de 2027.



Segundo o ministro da Reforma do Estado, David Amiel, medida é um compromisso da França com a soberania digital do país

“Essa estratégia evidencia o compromisso da França com a soberania digital, num contexto de crescentes tensões geopolíticas e receios de vigilância estrangeira ou interrupções de serviços”, afirmou David Amiel.

No ano passado, a França determinou que os funcionários públicos deixassem de usar o WhatsApp e o Telegram e passassem a utilizar o Tchapp, um serviço de mensagens instantâneas concebido exclusivamente para funcionários públicos.

O Visio faz parte do plano Suite Numérique de França, um ecossistema digital de ferramentas soberanas concebido para substituir a utilização de serviços *on-line* norte-americanos, como o Gmail e o Slack. Essas ferramentas destinam-se aos funcionários públicos e não ao público em geral ou às empresas privada.

A ferramenta dispõe de uma funcionalidade de transcrição de reuniões e de identificação de intervenientes com recurso da inteligência arti-

ficial (IA), utilizando a tecnologia da empresa francesa emergente Pyannote.

A plataforma já é utilizada por 40 mil funcionários, incluindo a maioria dos ministérios e algumas das suas entidades dependentes, como o Centro Nacional Francês de Investigação Científica. A Dinum, que pretende atingir a curto prazo 250 mil utilizadores, acompanhará o cumprimento da transição e poderá, nos próximos meses, bloquear o tráfego de outras ferramen-

tas de vídeo através da rede de *internet* do Estado.

Diminuir a exposição

Em 2022, o governo francês tinha pedido às escolas do país que não utilizassem Microsoft 365 do Google Workspace, alegando preocupações de privacidade.

Nos últimos anos, diversos países europeus tomaram medidas para diminuir a sua exposição a plataformas informáticas norte-americanas. Em 2025, por exemplo, a Dinamarca trocou os serviços Microsoft por aplicações Linux e LibreOffice.

Segundo o jornal dinamarquês *The Local*, a medida, que será testada em algumas das principais cidades do país, foi acelerada após a escalada de tensão com os Estados Unidos — cujo presidente, Donald Trump, manifestou recentemente a intenção de anexar a Groenlândia.

Também no ano passado, o estado de Schleswig-Holstein, no noroeste da Alemanha, banuiu completamente o uso de *software* da Microsoft nos gabinetes governamentais, que passaram a usar soluções de código aberto.

Charada

Resposta da semana anterior: Elimine (2) = mate + ache graça (2) = ria. Solução: assunto (4) = matéria.

Charada de hoje: Aquele cidadão está (1) tão coxo (2) que não consegue vestir um calçado (3).



Francelino Soares: francelino-soares@bol.com.br

Ilustração: Bruno Chiossi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Eita!!!!

Como melhorar a sua escrita

A prática da escrita faz parte do cotidiano de muitos. O ato de escrever pode trazer finalidades distintas: enviar uma mensagem a alguém ou, ainda, publicar uma obra literária. Seu exercício contínuo vem acompanhado de aumento de repertório e conceituação de ideias, elementos considerados essenciais para a comunicação.

No entanto, o problema surge quando a elaboração textual acaba estagnada em “barreiras invisíveis”, como descrito pela assessora editorial Ana Macedo (foto acima), autora de *Colocando no Papel* e *Eu não gosto dos bastidores*. “Quando se trata de escrita, não estamos falando apenas da técnica, mas também da intenção e da clareza no conteúdo. Escrever bem é um processo contínuo, que exige prática, repertório e disposição para revisar. E, ao reconhecermos os bloqueios que nos impedem de avançar, conseguimos destravar as ideias e permitir que o texto volte a ganhar movimento e naturalidade”, explica Macedo.

Diante do cenário, veja a seguir dicas da especialista para quem deseja melhorar a escrita de forma simples.

Comece com a ideia principal

Antes de escrever qualquer linha, é preciso identificar qual é a mensagem central. Saber exatamente o que deseja comunicar evita rodeios e deixa o texto mais objetivo desde o início.

Prefira frases curtas e leia em voz alta

Escrever frases longas tende a criar confusão e cansar o leitor. O ideal é dividir os tópicos em períodos menores para ajudar a manter o ritmo e facilitar a compreensão. Ouvir o próprio texto revela falhas de ritmo, repetições e trechos truncados. Caso você tropece ao ler, o leitor tende a tropeçar também.

Corte o que não faz diferença

Palavras desnecessárias, repetições e introduções longas podem enfraquecer o texto. É preciso lembrar que uma boa escrita é, muitas vezes, resultado do que é removido, ao contrário do que é acrescentado.

Varie o vocabulário sem exagerar

Sinônimos são sempre bem-vindos, mas não precisam soar rebuscados. Um bom caminho é usar palavras naturais e adequadas ao contexto, mantendo proximidade com quem o lê.

Revise em camadas e leia bons textos

Revisar tudo ao mesmo tempo torna o processo mais difícil e faz passar detalhes importantes. Primeiro, revise a ideia geral; depois, a clareza das frases; e, por fim, ortografia e gramática. A leitura é combustível direto para a escrita. Observar a estrutura, o ritmo e as escolhas de quem escreve bem ajuda a incorporar novas técnicas.

9diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

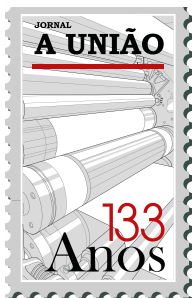


Preservando a memória

para compreender o presente e construir o futuro

Periódico centenário guarda parte da história da Paraíba nos acervos físico e digital, que estão disponíveis ao público

Emerson da Cunha
emerson.auniao@gmail.com



O jornal **A União** completa, a manha, 133 anos testemunhando a história e registrando os principais fatos do cotidiano da Paraíba, do Brasil e do mundo. A tarefa é nobre: o centenário periódico propõe-se a ser uma ferramenta para o leitor compreender melhor a política, a economia e as transformações sociais do seu tempo. Mas, se a matéria-prima do Jornalismo — o fato — é etérea, o produto dele não precisa ser. Os registros impressos nas páginas de **A União** não se perdem no caminhar dos anos. Eles continuam sendo preservados para servir às gerações seguintes, ajudando a sociedade a entender o passado e a construir um futuro melhor.

Nas 16 prateleiras que guardam o acervo físico de **A União** — localizado na sede do jornal, no Distrito Industrial —, estão jornais antigos, diários oficiais, fotografias, suplementos, revistas, livros e publicações em braile. Parte desse material também está disponível na *internet*, no *site* www.auniao.pb.gov.br. Na aba “Arquivo Digital”, podem ser encontradas, por exemplo, versões digitalizadas do jornal ainda do século 19. Também podem ser conferidas versões digitalizadas da revista “Correio das Artes” ainda da década de 1940, quando foi criado.

“A gente faz técnicas de preservação justamente para o acervo histórico. Temos documentos com mais de 100 anos”, explica a

assessora da Diretoria de Mídia Impressa, Ana Flor, que tem ainda na equipe Vanessa Azevedo e João Pereira. “Estamos sempre buscando algo na área da arquivologia para realmente preservar esse acervo, que faz parte da memória da Paraíba. Eu vou até dizer que é a manutenção da memória uma das nossas atribuições aqui no acervo”, frisa Flor.

Manter a memória requer condições específicas. “O tipo de papel é muito frágil, não é feito para durar. As fotografias vão ter uma durabilidade maior. Por isso, a gente tenta manter uma temperatura no que a literatura nos indica. Sobre as fotografias, elas são acondicionadas em uma caixa com papel mais neutro, para não pegar poeira. Aqui também fazemos sempre a higienização de todo esse acervo. Fazemos também pequenos reparos nos jornais. Ele se quebra, então fazemos pequenos reparos com uma fita apropriada”, coloca Ana.

Digitalização

O acervo de **A União** inclui 53 mil arquivos de jornais digitalizados e 20 mil fotos também digitalizadas (de um total de 40 mil imagens armazenadas). Esse processo de digitalização teve início nos anos de 2015 e 2016, mas ganhou mais ênfase a partir de 2019. Cerca de 60% dos arquivos dos jornais encontram-se no formato digital. Uma das vantagens da digitalização, além de democratizar o acesso, é evitar o manuseio dos originais, prolongando vida útil. Preservar a memória faz-se importante porque as páginas do jornal **A União** guardam e registram acontecimentos da própria Paraíba e do mundo.



Exemplar da revista “Correio das Artes” de março de 1949; técnicas de preservação garantem a manutenção das publicações

“Quando a gente está fazendo pesquisa, todos os assuntos principais a nível local, de estado, João Pessoa, Brasil e mundo, todos foram noticiados pelo jornal **A União**. Se você disser qualquer assunto, souber mais ou menos a data, eu tenho certeza que a gente vai achar. Praticamente quase tudo que teve relevância, tudo o que foi de importante no mundo, aqui, o jornal noticiou”, aponta a assessora.

A pesquisa ao acervo muitas vezes lança luz sobre a própria

história do jornal. Por exemplo, em consulta nos arquivos, na edição de 5 de junho de 1920, Ana Flor encontrou uma resposta do próprio jornal a pessoas e livreiros em busca da segunda edição do livro de poemas “Eu”, de Augusto dos Anjos, de 1918, edição póstuma à morte do autor, em 1914. Nessa comunicação, foi identificado que o livro havia sido editado pela Imprensa Oficial do Estado, que fazia parte d’**A União**. Ou seja, desde o início do século passado, **A União** já funcionava editando livros.

História

Para a diretora-presidente da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), Naná Garcez, o jornalismo é um registro do cotidiano, que depois vira história. Por isso, a importância do acervo do periódico. “Nessa concepção de um jornal centenário, de 133 anos, do qual a gente tem exemplares físicos do começo do século passado, se torna mais importante ain-

da como fonte de consulta para estudantes, para pesquisadores, para historiadores, para nós, jornalistas. A nossa perspectiva é melhorar a acessibilidade com mais digitalização do acervo físico e ao mesmo tempo ampliar a capacidade de espaço físico para acolher outros exemplares de épocas que nós ainda não temos”, explica Garcez.

Celebração

Para celebrar os 133 anos do jornal **A União** e os três anos da Livraria A União Poeta Juca Pontes — que também foi fundada no dia 2 fevereiro —, a EPC realiza amanhã o evento Celebração das Letras, que ocorrerá na livraria, localizada no Espaço Cultural José Lins do Rêgo, a partir das 18h.

Acervo é referência para pesquisadores na Paraíba

Além da própria manutenção, os profissionais também têm um papel cidadão de colaborar com pesquisas que historiadores, escritores, estudantes e mesmo pessoas curiosas desejam fazer ao acervo. Um deles, pesquisador contumaz do arquivo, é o doutor em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), historiador e professor do curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) Ramsés Nunes e Silva.

Desde a época da graduação, ele frequenta os arquivos de **A União** em busca de informações para suas pesquisas. A mais recente é a continuação do livro “Playboys, Transviados

e Brotinhos, uma história sobre o rock’n’roll na cidade de João Pessoa 1955-1960”. A ideia agora é produzir um livro discutindo a juventude paraibana entre os anos 1960 e 1970 a partir da ótica do rock, em especial da Jovem Guarda e do “iê-iê-iê”.

“O jornal **A União**, enquanto tal, mas particularmente seu acervo, é imprescindível, por exemplo, para um investigador que se dedique a tentar refletir sobre a contemporaneidade. Portanto, entre o final do século 19, data de sua fundação, durante todo o século 20, nós vamos ter representações, discursos, fotografias, todo um cabedal de representações sobre

a história do cotidiano da Paraíba”, coloca o docente.

As consultas de Ramsés ao acervo geralmente acontecem presencialmente. Segundo ele, o ofício do historiador também passa pela disposição à materialidade. Mas também há outros fatores. “Há a troca de informação com a equipe de arquivistas que **A União** tem, superpreparada para atender dúvidas, para fazer referências a outras situações de pesquisa. Há fotografias que não foram publicadas, que existem ainda no acervo, muitas referências para jornais que são mais raros e que não estão completamente digitalizados”.



Arquivo de **A União** possui aproximadamente 40 mil fotografias, que são acondicionadas em caixa com papel neutro, para evitar poeira





Sucursais fortalecem a cobertura, ampliando o alcance das informações

Atuação de jornalistas em Campina Grande e em Patos garante o registro diário dos principais fatos ocorridos em todo o estado



Fotos: Julio Cezar Peres

Jório Medeiros começou a vida profissional como jornalista até abrir a própria distribuidora



Maria Beatriz ressalta que o jornalismo é sobre ouvir e procurar boas histórias



A leitora Eneida Maracajá reconhece o jornal como um patrimônio cultural do país



Foto: Arquivo pessoal

Mirvan Lúcio destaca que se sente honrado em integrar a equipe de jornalismo de A União

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Com sede na capital paraibana, o jornal **A União** concentra grande parte de sua equipe atuando a partir da redação situada no Distrito Industrial. Contudo, para representar, ver e ouvir melhor os fatos e histórias de alguns municípios do interior, o impresso diário conta com repórteres em Campina Grande e em Patos. Para leitores e leitoras que acompanham a cobertura, principalmente da própria cidade, com as mãos nas folhas de papel-jornal, essa preocupação é recompensada pelo reconhecimento do território por parte de quem lê a notícia feita *in loco*, por quem conhece e vive cada canto.

Em Campina Grande, a equipe é formada pelo repórter fotográfico Julio Cezar Peres e pela repórter Maria Beatriz Oliveira, que começaram a tra-

balhar na Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) em 2024, nos meses de março e fevereiro, respectivamente. Já em Patos, a reportagem é tarefa de Mirvan Lúcio, que passou a ser correspondente no Sertão, no início deste ano.

Para além da idade do veículo de comunicação centenário, a experiência de fazer parte da equipe que faz a publicação é marcada pelo fato desta tratar-se de um dos poucos jornais ainda representantes da mídia impressa no país, que resiste na Paraíba com distribuição entre assinantes e pontos de venda em todo o estado.

Sonho antigo

A atuação em reportagem fotográfica era algo que Julio almejava desde os tempos da graduação e que só tinha experimentado como *freelancer* ou ferista de colegas que atuavam em jornais que hoje

já não existem mais impressos. “Trabalhar em **A União** é a realização de um sonho e, neste aniversário de 133 anos, desejo que o jornal se faça presente, cada vez mais, na vida das pessoas que acreditam no jornalismo informativo, comprometido e ético”, afirmou Julio Cezar.

A repórter Maria Beatriz conta que a maneira com que ela encara a imagem do jornal, marcado por ser tradicional e centenário, foi mudando ao longo do tempo. “Assim que eu entrei, a tradição e a história pesaram um pouco, mas hoje em dia, depois de quase dois anos, não é algo que me passa pela cabeça durante o dia a dia da profissão. Independentemente da idade e da tradição, fazer jornalismo mesmo é sobre ouvir, procurar boas histórias, conhecer pessoas e tentar recontar e representá-las da melhor forma possível”, opina.

Para além do “peso” histórico, os jornalistas destacam que o veículo precisa disputar a atenção dos leitores com os modos contemporâneos de disseminação e consumo de informações como a TV e a *internet*, principalmente.

Outro ponto salientado pelos repórteres é a necessidade de “vencer” a distância do restante da equipe, como chefia de reportagem e editores, o que também é resolvido com o uso da tecnologia, que ajuda a estreitar os laços entre os profissionais.

Pautas marcantes

“Tenho algumas pautas que me são sagradas”, destaca Julio Cezar. Um fato do qual o fotógrafo lembra-se com satisfação sobre a cobertura realizada é o transporte do órgão usado no primeiro transplante cardíaco pediátrico realizado na Paraíba.

Era também o primeiro transporte de órgão realizado pelo Grupamento Tático Aéreo da Paraíba (GTA), após parceria entre as secretarias de Saúde e da Segurança e Defesa Social, que capacitaram os profissionais das duas frentes para o manuseio, acomodação e transporte de órgãos. “Além da emoção de saber que aquele serviço viria a promover saúde e esperança a uma criança, também me marcou, ao chegar no Hospital de Emergência e Trauma de Campina Grande, encontrar meu primo, o subtenente Pierre, que faz parte do GTA e participou daquela nobre operação”, relatou Julio.

O trabalho no jornal deu a Beatriz a oportunidade de conhecer melhor a própria terra. “Eu até diria de me apaixonar mesmo por Campina”. Uma pauta que a marcou aconteceu no último dia 7 de setembro, em que se comemoravam os

100 anos do Treze Futebol Clube. “Eu cresci indo aos jogos todo domingo com meu pai, então poder fazer uma matéria especial sobre o centenário do meu clube do coração foi muito especial, tanto como profissional quanto como filha. Foi um momento em que eu pude aliar uma paixão pessoal e uma conexão familiar com a minha profissão”, relembrou a jornalista.



Trabalhar em A União é a realização de um sonho e, neste aniversário de 133 anos, desejo que o jornal se faça presente, cada vez mais, na vida das pessoas

Julio Cezar Peres

Colaboradores e leitores destacam o compromisso do veículo com a representatividade

A trajetória de Jório Medeiros foi traçada em contato diário com os jornais impressos. O norte-rio-grandense, que vive há mais de 50 anos em Campina Grande, participou ativamente na manutenção da presença de edições diárias de diversas publicações na cidade. Ele começou a ganhar a vida, na juventude, através do ofício de jornalista. “Eu comecei vendendo jornal no meio da rua, e passei uns 15 anos mais ou menos fazendo isso. Com o passar dos anos, depois de trabalhar com um jornal e outros distribuidores, tive a oportunidade de abrir a distribuidora que tenho até hoje”. O ponto, tradicional na cidade, também funciona como uma banca, e fica na Rua Cardoso Vieira, por trás da Rodoviária Velha, no Centro.

Já que os jornais fazem, há muito tempo, parte do cotidiano de Jório, conferir o que sai nas páginas é uma das primeiras coisas que ele faz todos os dias. Para ele, apesar do menor número de vendas

visto nos dias atuais, principalmente em comparação às décadas passadas, a procura pelos jornais e revistas continua angariando uma clientela fiel de leitores engajados, que fazem questão de ter as páginas nas mãos e um texto mais aprofundado e cuidadoso. “O jornal é reconhecido por estes leitores e tem sempre ótimos textos. Notamos também, quando Campina é notícia, o cuidado de ter repórteres aqui da cidade. É importante falar de Campina Grande; isso gera interesse”, conta.

Leitora de longa data dos cadernos, a professora campinense Eneida Maracajá é também assinante do jornal **A União**. “É um patrimônio cultural, não apenas nordestino e paraibano, mas para todo o Brasil. Um órgão das comunicações que orgulha, que dignifica, a todos nós paraibanos, porque tem jornalistas, articuladores, intelectuais que nos dão diariamente esse prazer de entrar em contato com uma

notícia de verdade, com os assuntos mais diversificados, da política, da economia, da educação, da cultura, do turismo. É um jornal completo”, opina.

Amante declarada do meio impresso, Eneida fala que nunca conseguiu aderir à leitura através das telas. “Esse jornal é uma relíquia, é um milagre na minha vida, porque eu não sou leitora de jornais pela *internet*, e esse ainda é o único escrito [que chega] todo dia na minha porta. Eu venho de uma família de leitores. Minha mãe, que era memorialista, era uma mulher de jornais. Então, desde criança, eu fui criada com jornais em casa”, relata.

Para Eneida, o hábito de acompanhar a cidade onde ela vive nas páginas de **A União** mantém vivo o olhar analógico também sobre aquilo que acontece perto e importa para a população local, mesmo numa publicação sediada na capital do estado. “Eu me sinto realmente recompensada em ver a minha cidade ser prestigiada,

ver Campina Grande ser notícia dentro de um jornal que tem tradição, que tem história e memória. A gente só tem que bater palmas”, afirma.

Sertão

“Eu acho que o Sertão tem um potencial muito grande, turístico, econômico e humano”. Nas palavras de Mirvan Lúcio, que reporta sobre o Sertão paraibano a partir de Patos, essa região do estado guarda histórias de personagens que podem e devem ser exaltadas e mostradas na mídia.

“Esse é um dos desafios, uma das coisas que mais tem me deixado empolgado, poder estampar um pouco mais da cara do Sertão ou levar essas informações para o rádio, mostrar o quanto aqui nós também temos assuntos a serem tratados, temos cobranças que precisam ser feitas, a população tem suas demandas também, suas dores, e eu acho que a imprensa tá aí para exatamente reportar tudo isso”, conta Mirvan.

Na opinião do jornalista, trabalhar no periódico traz a sensação de estar escrevendo para um público já consolidado. “Um público que acompanha o jornal há tanto tempo, e um jornal que conta parte da história da Paraíba. Eu acho que isso é bastante gratificante. Para quem gosta do jornalismo e sempre sonhou em ser jornalista, como é o meu caso, integrar a equipe é uma honra, a concretização de um objetivo mesmo”, avalia.

O repórter destaca também que conhecer outros profissionais e ter uma troca com quem já acumula uma vivência mais ampla em redação têm um significado muito importante. “Graças à tecnologia, a gente quebra essa distância. Eu mantenho contato direto com a redação sempre, com os repórteres, através de grupo de WhatsApp ou, se precisar, a gente liga, conversa. Há uma integração muito interessante, eu sinto esse acolhimento”, destaca Mirvan.



Versão em **braille** promove a inclusão e garante o acesso às notícias

Publicação mensal leva informação para leitores que possuem deficiência visual

Bárbara Wanderley
babiwonderley@gmail.com

Dos 133 anos de jornal **A União**, os últimos oito contam também com uma versão em braille do impresso, publicada mensalmente, promovendo a inclusão entre os leitores com deficiência visual que aprenderam o método. A publicação, que teve início no dia 2 de outubro de 2017, em breve completará nove anos e atualmente é distribuída em 10 instituições do estado que são voltadas para pessoas com deficiência.

O Instituto de Educação e Assistência aos Cegos do Nordeste é uma dessas instituições e o seu diretor administrativo, John Queiroz, é um leitor frequente do jornal. Em entrevista, ele destacou a importância da iniciativa. “**A União** tem aspectos que o diferenciam de todo o impresso jornalístico nacional. Além do periódico de **A União**, o único impresso jornalístico que eu conheço [nesse modelo] é o jornal do Senado Federal”, comentou.

John ressaltou que, embora seja possível as pessoas com alguma dificuldade visual terem acesso às notícias publicadas na *internet*, por meio de programas que realizam a leitura em voz alta, não é a mesma coisa que a leitura em braille. “Para quem lê o braille, ter o jornal acessível é uma emo-

ção indescritível. Você tocar as letras, perceber o balé dos pontinhos se juntarem para compor as letras, as palavras, as linhas e os parágrafos, uma estrutura textual maravilhosa. A linguagem jornalística, o trabalho de concordância verbal, nominal, todo o cuidado que o texto jornalístico

tem, de passar a informação, a clareza, a logicidade, a objetividade das matérias. É diferente de você apenas ouvir. Você tocar, ou seja, fazer a leitura na *praxe*, é muito diferente de fazer a leitura através de um sintetizador de voz”, opinou. “Espero que o governo

da Paraíba continue oportunizando às pessoas cegas esse direito de acesso à leitura, que é fundamental para a busca do conhecimento e para a consolidação da formação educacional da pessoa cega”, concluiu.

Trajetória

O revisor Otto de Sousa, que é uma pessoa cega e trabalha revisando toda a transcrição de braille de **A União**, atua no setor desde o início e conta que mudanças e ajustes foram ocorrendo ao longo dos anos.

Ele lembrou que, a princípio, o jornal era distribuído para pessoas físicas e jurídicas em todo o estado, uma média de 120 exemplares por mês. “Acho que chegou até uma média de 130, 140 pessoas”. Durante a pandemia e após consultas a instituições e aos próprios leitores, foi decidido que os jornais seriam destinados apenas a instituições que atendem pessoas com deficiência, para que elas possam realizar empréstimos ao público interessado.

É uma forma de garantir que o jornal continue chegando aos leitores interessados ao mesmo tempo que o setor atende as

Material adaptado é distribuído para instituições que atendem pessoas com deficiência

outras demandas, já que, atualmente, a equipe também faz livros, cardápios, etiquetas e outros materiais em braille, atendendo pedidos que chegam até a editora **A União**, outro braço da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC).

“A gente começou a ter demandas muito altas e o processo de impressão do braille demanda mais tempo, a história é mais delicada, tem que ter as pausas nas impressões”, explicou a gerente operacional do setor e transcritora braille, Hanna Pachu.



A gente começou a ter demandas muito altas e o processo de impressão do braille demanda mais tempo. A história é mais delicada, tem que ter as pausas nas impressões

Hanna Pachu

Matérias passam por um criterioso processo de transcrição e revisão antes de integrarem o livreto



Impressão em braille é a etapa final de um processo que envolve muitos profissionais

Engana-se quem pensa que basta copiar as matérias publicadas no jornal e enviar para impressão. O processo de montagem de **A União** em braille é minucioso e envolve várias etapas, começando com a leitura das edições diárias do jornal em sua versão original. A partir daí, a transcritora braille Alicy Pontes realiza a seleção de 10 a 12 matérias que se transformarão num livreto que pode ter de 48 a 52 páginas.

A equipe dá preferência a textos mais atemporais e cujos temas sejam de inte-

resse de pessoas com deficiência, mas não se atém a apenas isso. “Como o jornal só sai uma vez por mês, não tem sentido colocar um evento que já vai ter passado quando a publicação sair, por exemplo”, explicou Hanna Pachu.

A gerente operacional afirmou que a equipe realiza uma reunião de pauta para definir quais serão as matérias escolhidas para o mês, a partir da seleção prévia realizada por Alicy. Os textos também passam por um processo de edição, para garantir que os tempos ver-

bais estejam corretos, assim como as datas. “Não posso dizer, por exemplo, que algo aconteceu ontem, porque até o jornal ser publicado já perdemos a referência desse ontem. Então fazemos esses ajustes”, disse.

Com os textos selecionados, o próximo passo é passá-los para um programa que realiza a transcrição para braille; porém, não basta apenas copiar e colar o texto, conforme explicou Alicy: “É preciso obedecer regras e digitar comandos específicos para que a transcrição seja realizada corre-

tamente”.

E é no momento da revisão que entra o trabalho de Otto. Mesmo após a primeira impressão de teste, ele realiza a leitura para confirmar se está tudo certo antes que todas as cópias sejam feitas.

Os exemplares são distribuídos pelos Correios, por meio do Cecograma, serviço que permite o envio gratuito de cartas, livros e documentos em braille, textos ampliados, ou arquivos de mídia, destinados a pessoas com deficiência visual ou instituições de cegos.

Exemplares são arquivados no acervo do jornal e ficam disponíveis ao público para consulta



Transcritora é responsável por selecionar os textos que ganharão versão em braille



É preciso obedecer regras e digitar comandos específicos para que a transcrição seja realizada corretamente

Alicy Pontes



Lista de instituições que recebem **A União** em braille

1. Biblioteca Pública Estadual Augusto dos Anjos
2. Centro de Referência e Inclusão de Pessoas com Deficiência
3. Centro Helena Holanda
4. Fundação Casa de José Américo
5. Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência - FUNAD
6. Instituto de Educação e Assistência aos Cegos do Nordeste
7. Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha
8. Seção Braille da Biblioteca Central da UFPB
9. Secretaria da Pessoa com Deficiência de Cabedelo
10. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)